

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 1937

ANNO VII

N.º 1

ESCREVEM NESTE NUMERO :

ADALGIZA NERY — AGRIPPINO GRIECO
ARTHUR RAMOS — AURELIO GOMES DE OLIVEIRA
AYDANO DO COUTO FERRAZ — CID FRANCO
CORREIA DE SA' — DOMINGOS RIBEIRO FILHO
GASTÃO CRULS — IVAN LINS — JACK SAMPAIO
JAYME CARDOSO — JOÃO ALPHONSUS
JORGE DE LIMA — LUCIA MIGUEL PEREIRA
MARGUERITE PICARD-LOÉWY — MARIO VILALVA
MARQUES REBELLO — MAURICIO VON WELLISCH
OSORIO DUTRA — RENATO MENDONÇA

NESTE NUMERO :

Secções de:

DISCOS,
MUSICA e CINEMA

Correspondencia de
ANTUERPIA, BELGRADO,
LISBOA, e PARIS

NESTE NUMERO :

"TERRA DE LENDA"

Narrativa amazonica,
inedita, de

FREDERICO M. SCHMIDT



PREÇO PARA TODO O BRASIL : 2\$000



5.^a EDIÇÃO (12.000 exemplares)
DE UM PRODIGIOSO RO-
MANCE DE AMOR E CIUME
QUE SE TORNOU O MAIOR
SUCESSO DE LIVRARIA
DOS ULTIMOS TEMPOS.



Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Champeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidência de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'*O Economista*, director da *Revue Française du Bresil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Districto Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

declare souscrire à.....abonnement..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu, rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu rouge vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par cheque, par mandat-postal, par lettre chargée,

par porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

EDIÇÕES "ARIEL"

IMPORTANTE: Os assignantes do BOLETIM DE ARIEL, gosarão de um desconto de 20% sobre o preço destes livros quando os mesmos forem adquiridos directamente no nosso escriptorio, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte.

ENSAIOS

A. da Silva Mello — Problemas do Ensino Medico e de Educação	10\$000
Edson Lins — Historia e Critica da Poesia Brasileira	10\$000
José Simplicio — Retrato Popular de um homem	5\$000
Stendhal — Do Amor (Trad. de Marques Rebello e Corrêa de Sá)	15\$000
Estudos Afro-Brasileiros	12\$000
Auguste de Saint-Hilaire — Viagem ao Rio Grande do Sul	15\$000
F. Contreiras Rodrigues — Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial	12\$000
Paulo Prado — Paulistica — Historia de São Paulo 2ª edição augmentada	6\$000
Agrippino Grieco — Estrangeiros	8\$000
" " — S. Francisco de Assis e a Poesia Christã	8\$000
" " — Evolução da Prosa Brasileira	10\$000
Gilberto Amado — Espirito do nosso Tempo — 2ª ed.	5\$000
" " — Dias e horas de vibração	5\$000
" " — A Dansa Sobre o Abysino	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — A Vulgarização do Saber	7\$000
V. de Miranda Reis — Ensaio de Synthese Sociologica — 2ª edição augmentada	8\$000
Renato Kehl — Como Escolher um bom Marido — 2ª edição	4\$000
Octavio de Faria — Destino do Socialismo	10\$000
Luc Durtain — Imagens do Brasil e do Pampa — (Trad. de Ronald de Carvalho) 2ª edição	6\$000

ROMANCES E NOVELLAS

Gastão Cruls — Vertigem — 2ª edição	6\$000
Iago Joé — Bagunça	6\$000
Cornelio Penna — Fronteira	6\$000
Gastão Cruls — A Amazonia Misteriosa — 4ª edição	6\$000
Graciliano Ramos — S. Bernardo	6\$000
Lucia Miguel Pereira — Em Surdina	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — Almas Sem Abrigo	7\$000
Flavio de Carvalho — Os Ossos do Mundo	7\$000
Victor Axel — Germana	5\$000

ROMANCES DE AVENTURA

Georges Simenon — O mysterio de um morto	5\$000
" " — O cão amarello	5\$000
" " — Um crime na Hollanda	5\$000

CONTOS

Rodrigo M. F. de Andrade — Velorios	6\$000
Roquette Pinto — Samambaia	6\$000
Marques Rebello — Tres Caminhos	5\$000
Gastão Cruls — Coivara	7\$000

TRADUCÇÕES DE GASTÃO CRULS

René-Albert Guzman — Ciume — 5ª edição	6\$000
J. Kessel — Luxuria — 4.º Milheiro	6\$000
T. S. Matthews — A Caminho da Forca	6\$000

POESIA

D. Milano — Antologia de Poetas Modernos	6\$000
Poemas de Alberto Ramos	8\$000
Maria Eugenia Celso — Fantasias e Matutadas	6\$000
Murilo Mendes — Historia do Brasil — Philosophia humoristica	5\$000

COLLECÇÃO "CRIMES CELEBRES"

Evaristo de Moraes — O Caso Pontes Visgueiro	6\$000
Vida e Morte de Maria Lafarge, a envenenadora	5\$000

JURISPRUDENCIA

José Julio Soares — Sociedades Cooperativas — 4ª edição — br.	15\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1ª Parte, Vol. I — br.	30\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1ª Parte, Vol. II — br.	25\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 2ª, 3ª e 4ª Parte, Vol. III br.	30\$000

PEDAGOGIA

Baptista de Castro — Vocabulario Tupy-Guarany	7\$000
Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade — Tests	10\$000

LITTERATURA INFANTIL

Paulo Guanabara — A Origem do Mundo — (1.º vol. da collecção: "Historias do Tio João")	8\$000
--	--------

PEDIATRIA

Dr. Suikire Carneiro — Roteiro das Mães (Alimentação da Creança) — 1.º vol.	6\$000
---	--------

CHIROMANCIA

Arhus Sab. — A mão e Seus Segredos — 3ª edição augmentada	10\$000
---	---------

NARRAÇÕES

Ranulpho Prata — Lampeão	6\$000
------------------------------------	--------

HISTORIA

General Tasso Fragoso — Historia da Guerra entre a Triplice Alliança e o Paraguay — 5 vol.	50\$000
--	---------

ECONOMIA E FINANÇAS

Kurt V. Eichborn — Ouro ou Dinheiro? e O Enigma do Dinheiro	3\$000
Alfredo Manes — Observações Economicas e Juridicas Sobre o Seguro	10\$000

COLLECTANEA

Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 — 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933 — 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno III Out. 1933 — Set. 1934 — 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno IV — Out. 1934-Set. 1935 — 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno V Out. 1935-Set. 1936 — 1 vol., encad.	40\$000

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:

João Teixeira Soares Neto

SECRETARIO

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simples 18\$000
Registrada 24\$000

EXTERIOR

Simples 22\$000
Registrada 28\$000

Numero avulso 2\$000
Numero atrasado 3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE ARIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINALS

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

- Na França — *Sra. Picard-Loewy* — Paris
Em Portugal — *Sr. Osorio de Oliveira* — Lisboa
No Rio Grande do Sul — *Sr. Paulo Arinos* — P. Alegre
Em S. Paulo — *Dr. Wladimir Malheiros* — S. Paulo
Em Minas Geraes — *Dr. Guilhermino Cesar* — Bello Horizonte
Em Pernambuco — *Dr. Aderbal Jurema* — Recife
Na Bahia — *Dr. Aydano Couto Ferraz* — Bahia
Em Alagoas — *Dr. Raul Lima* — Maceió
Na Parahyba do Norte — *Dr. Adhemar Vidal* — João Pessoa
No Ceará — *Sr. Affonso Banhos* — Fortaleza
No Pará — *Dr. Gastão Vieira* — Belém
No Amazonas — *Dr. Araujo Lima* — Manáos.

DIRECÇÃO REDACÇÃO, PUBLICIDADE :

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua 7 de Setembro 162-1º.

Tel. 22-1406 - End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO - BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO

" BOLETIM DE ARIEL "

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás letras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por « Ariel, Editora Ltda. », quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo « EDIÇÕES ARIEL », na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

« BOLETIM DE ARIEL » ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.
para que seja remettida uma assignatura annual do Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de.....

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Côrte e envie este coupon a ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro 162 — 1º. — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

OBRAS PRIMAS

COLLECÇÃO OS GRANDES LIVROS BRASILEIROS

GODOFREDO RANGEL — <i>Vida Ociosa</i> — 2. ^a edição	6\$000
LÉO VAZ — <i>O Professor Jeremias</i> — 5. ^a edição	6\$000
MACHADO DE ASSIS — <i>Conceitos e Pensamentos</i> (Compilação de Julio Cesar da Silva) — 2. ^a edição	6\$000
MONTEIRO LOBATO — <i>Contos Leves</i>	6\$000
VICENTE DE CARVALHO — <i>Poemas e Canções</i> — 9. ^a edição . .	8\$000
GUILHERME DE ALMEIDA — <i>Messidor</i> — 4. ^a edição	7\$000
CASSIANO RICARDO — <i>Martim Cererê</i> — 5. ^a edição	6\$000

OBRAS PRIMAS UNIVERSAES

JACK LONDON — <i>O Lobo do Mar</i> (Traducção de Monteiro Lobato)	7\$000
RUDYARD KIPLING — <i>Kim</i> (Traducção de Baptista Pereira) . .	8\$000
WIL DURANT — <i>Historia da Philosophia</i> (Traducção de Godofredo Rangel e Monteiro Lobato)	15\$000
JOHN MACY — <i>Historia da Litteratura Mundial</i> — (Guia dos me- lhores livros de todas as nações) Traducção de Monteiro Lobato, illustrações de Onorio Ruotolo	15\$000

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

EDIÇÕES DA **Companhia Editora Nacional**

RUA DOS GUSMÕES, 118 — SÃO PAULO

RUA 7 DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO



BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Perelra
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

A Autobiographia de Chesterton

Os editores norte-americanos da *Autobiographia* de Chesterton, numa pequena noticia na sobrecapa do volume, dão-no como o homem mais intelligente que já existiu depois de Voltaire (o depois é empregado no sentido chronologico). Difficilmente poderiam encontrar ponto de comparação menos apropriado. Se existem intelligencias heterogeneas, são indiscutivelmente as desses dois homens; dizer que alguém é intelligente não esclarece nada a seu respeito, se não se disser de que maneira o é. Voltaire é quasi o synonymo do homem de espirito — de um certo espirito que se convencionou chamar de francez, mas que na verdade só representa uma linha do pensamento gaullez — a que vae de Montaigne a Anatole France; existe uma outra, bem differente, que vae de S. Bernardo a Péguy, passando por Pascal.

Chesterton, por seu lado, se não é um inglez typico, possui o cunho especifico do genio inglez — o humour. A clareza, a simplicidade apparente de Voltaire encobrem um fundo escorregadio de fraude, uma attitude de desconfiança, de perversidade mental. Deliberadamente ignorava a complexidade dos problemas, para melhor reduzil-os ao seu ponto de vista. O avesso do seu espirito aparentemente tão facil era a malicia. Chesterton, ao contrario — vemol-o agora, que se explicou na sua *Autobiographia* — era uma grande intelligencia sem malicia. A' primeira vista, com os seus jogos de palavras, os seus paradoxos, parece complicado; mas isso se dá porque, com rara honestidade, não escondia nenhuma operação do raciocinio. No fundo, era muito mais logico do que Voltaire. Armava effeitos de estylo — mas nunca torcia uma idéa para fazer effeito.

O inglez é o artificio verbal e a pureza do pensamento, enquanto o francez é a pureza verbal e o artificio do pensamento.

Chesterton teve a coragem de ser simples num mundo onde todos aspiram á complexidade. De ser entusiasta entre scepticos, alegre entre «blasés», dogmatico entre irresolutos. De se apaixonar por antigas doutrinas e de apresental-as como se fossem novidades. De ser catholico, no duplo sentido do termo, na Ingla-

terra protestante e isolada. De ser exuberantemente, aggressivamente, revolucionariamente tradicionalista. De querer estabelecer a Inglaterra de S. Jorge, a Merry Old England de antes do puritanismo.

O seu maior paradoxo foi elle proprio — gordo Don Quixote glutão e beberrão, com um soberbo desprezo pelos abstemios, alma branca e una, espirito irrequieto, colorido e vario. Arremettia com furia espalhafatosa contra o adversario, mas sabia rir junto com elle, quando a occasião se apresentava. Levar quasi a vida toda a combater Bernard Shaw não o impediu de estimal-o, e de se fantasiar com elle de cow-boy, porque não queria que se dissesse que recusava uma brincadeira.

Basta ver como Chesterton conta a sua conversão ao catholicismo para se lhe sentir a simplicidade, que parece tocar ás raias do primarismo — ou do sublime. No ultimo e melhor capitulo do seu livro conta como, percorrendo a Inglaterra para fazer conferencias, conheceu no Yorkshire, na cidade de Keighley, um cura catholico, o padre O'Connor. Admirou nelle sobretudo a pureza de vida alliada a um profundo entendimento do mal, «do satanismo solido» na sua expressão. E essa admiração teve para elle duas consequencias: forneceu-lhe a série do *Father Brown*, figura de padre detective inspirada na do amigo, e converteu-o ao catholicismo. «Que a Igreja Catholica conhecesse o bem melhor do que eu, explica, era facil de crêr. Mas me parecia incrivel que conhecesse melhor tambem o mal.» E foi isso que o decidiu. Dez annos depois de se terem encontrado, o Padre O'Connor ouviu a confissão geral do jornalista londrino, que adheria á Igreja «para se vêr livre dos seus peccados».

Embora o livro todo seja interessante, muito movimentado, mostrando o fim da era victoriana e destruindo sobre ella muitas idéas estabelecidas, historiando o caso Marconi, tão importante para a Inglaterra como o caso Dreyfus para a França, fazendo-nos conhecer varias figuras politicas e litterarias, o que realmente prende é seguir a evolução espiritual de Chesterton. Só assim se comprehende a transbordante,

DE LINGUA INGLEZA

Sob a forma de auto-biographia, escreve Robert Graves (Inglaterra) a vida de Claudio, imperador romano. No primeiro volume, *I, Claudius*, vemos o menino franzino, gago, desprezado por todos, crear-se pouco a pouco um «ego» intimo, occulto, de ideaes radicalmente diversos de tudo que o cerca, e tantas vezes trahidos pelo medo do seu corpo, pela intimidacão do meio do seu «eu» exterior. Atravez seus olhos vemos Roma; a Roma gloriosa e cruel de Augustus; soberba, gananciosa, torpe e heroica. E vemol-a viva, pulsando, cheia de homens reaes e de paixões ardentes. A seguir é o reinado de Tiberio, e depois ainda o de Galigula, vingando cada vez mais o vicio e a dissoluçãõ. Assistimos assim á gradual eliminacão de tudo que é nobre, independente, de tudo que é mais que servilismo vil. No fim do livro vem o assassinato de Caligula, e a aclamaçãõ, pela guarda do palacio, de Claudius como imperador.

No segundo volume, *Claudius the God*, vemos aquelle que foi o menino humilhado, o adolescente frustrado, o homem ridicularizado, agora transformado em imperador todo poderoso, quasi divino, a lutar para cumprir o seu ideal. Mas pouco a pouco transige perante as realidades inexoraveis da politica pratica, para finalmente ceder e deixar a

Agrippina o commando do Estado e a preparacão de regimen o mais torpe: o reinado de Nero.

Das personagens do trabalho de Robert Graves, todas extraordinariamente vivas e verdadeiras, sobresaem-se evidentemente os imperadores, Augustus, Tiberio e Caligula, e as imperatrizes Livia, Messalina e Agrippina. Alem desses, generaes, senadores, philosophos, escravos, o povo de Roma, todos apparecem claros, nitidos e sobretudo cheios de vida.

Nesta obra Robert Graves consegue reerguer o passado, tornando-o mais presente do que muitos dos factos de hoje. Nisto reside o maior merito do seu livro que constitue forte critica ao poder absoluto em governo.

De Christopher Morley (U. S. A.), *Thunder on the left* nos leva a um mundo differente de sensibilidades femininas, de phantasias infantis, entremeado de quadros de um forte realismo. Lembrando James Joyce, Rosemond Lehman e o primoroso *Early Sorrow* de Thomas Mann, é no entanto trabalho essencialmente pessoal que será optimo companheiro para uma tarde chuvosa de nostalgias attenuadas.

The sun also rises, de Ernest Hemingway (USA), merece sobretudo attencão pelo estylo extraordinaria-

mente vivaz e moderno. Contando passagens da vida de um jornalista americano em Paris e na Hespanha, aos fins do decenio passado, crea no espirito do leitor a atmosphaera confusa e desordenada de uma vida de bebedeiras homericas, de camaradagens faceis e de vazio. Livro triste, desanimador, deixa um sabor de cabo de guarda chuva.

Gone with the wind de Margaret Mitchell é o livro triumphante de 1936. Já vendeu mais de 1.350.000 exemplares e continua vendendo.

Nas suas 1037 paginas conta a historia de Scarlett O'Hara, belleza sulina, durante a guerra de Secesão e os annos amargos que se seguiram, até a reconquista dos direitos politicos pelos estados do Sul. Tanto no estylo como no enredo, parece ter sido escripto para publicacão em folhetim em algum semanario de grande tiragem...

Em Nova York realizou-se recentemente o segundo Congresso Nacional de Escriutores Norte Americanos.

Após 3 dias de debates, conferencias e estudos, escolheram os seguintes trabalhos como sendo os mais valiosos de 1936: *The big money*, por John dos Passos — *The people, yes* de Carl Sandbury — *Marching song*, de John Howard Lawson e *The flowering of New England*, de Van Wyck Brooks.

JACK SAMPAIO.

indestructivel alegria que é, afinal, a sua grande superioridade. Ella marca os seus livros ainda mais do que a vivacidade, a espantosa agilidade intellectual. Alegria que não tem nada de boquiaberto, nem de superficial. Ao contrario. Decorre da sua philosophia, da sua attitude em face da vida. Para elle, nada neste mundo segue «a lenta e graduada curva da evoluçãõ»; descobriu na vida e na morte «um elemento catastrophico, que tem qualquer cousa de tremendamente milagroso». E porque acceitou o milagre antes mesmo de se filiar a um credo religioso, recebeu sempre tudo com um sentimento de gratidãõ, não tomando nada como se lhe fosse devido, «for granted» como diz, usando uma expressãõ intraduzivel. Esse é o seu grande segredo, essa é a sua grande liçãõ. Fugiu á presumpçãõ e ao desespero, evitando o tedio e o pessimismo.

Na essencia, um mystico, explicando a vida menos em termos racionalistas de direitos e deveres do que em termos de amor e caridade. Mas um mystico servido por uma intelligencia dialectica e logica. Sempre o paradoxo...

Houve alguma cousa de infantil na accepção evangelica. Esse combativo tinha o fundo de humildade de espirito que o levou no fim da vida a, retomando o thema de um poema juvenil, afirmar que «o unico meio de apreciar-se uma semente de flôr, é sentir-se indigno até mesmo das sementes».

Por isso poude escrever, aos sessenta e dois annos, pouco antes de morrer: «Nenhum homem envelhece sem ter tido contrariedades; mas eu envelhecia sem nunca me ter sentido entendido. A existencia ainda é para mim uma cousa estranha; e como a um estranho eu lhe dou as boas-vindas.»

Essa accepção da vida como um dom, unida á necessidade de disciplina interior que o levou a vêr na «auto-limitaçãõ um dos prazeres secretos da vida», não o podia deixar de conduzir á Igreja Catholica — á severidade dos dogmas a á poesia da explicaçãõ sobrenatural do mundo. O extraordinario Chesterton foi logico até na conversãõ.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

DE BELGRADO

Os Romancistas da Sombra

Chamo-lhes assim: fogem ás linhas nitidas, ao vulto geometrico, todo em volumes definidos, das claras construcções do pensamento. Detestam, mais ou menos, o raciocinio e deixam-se levar pela densidade espectral da personalidade, pelas sombras e meias sombras de um mundo quasi symbolico, e de todo vivido entre antagonismos e caprichos. Resvalam de um quasi idealismo num quasi fatalismo — muitas vezes num total fatalismo, tecido, pela fantasia, sim, mas por uma fantasia que eu chamaria terminal se pelo adjectivo quizessem entender a marcha da creatura entre o abysmo da sua ambição e o da sua estrela — quasi a duplicidade dos infinitos de Pascal.

E sendo assim semelhantes são desiguaes até o contraste e inassimilaveis até o absurdo.

* * *

John Bojer... *Le Jour et la Nuit*. Que falta a Bojer para o considerarmos, todos, um dos deuses do nosso tempo? Ou será por excesso de dons que o não erguemos ainda ao altar cosmopolita das divindades litterarias?

Ao contrario de um Knut Hamsun, por exemplo, que as traducções diminuem de uma boa dose de virtualidade — na idéa, no estylo, na poesia — Bojer, mesmo traduzido, e só assim o conheço, é integral e do tamanho de si mesmo. Quando leio uma traducção, sob protesto, mas que remedio, reflecto a cada passo: que será o original? Que intraduziveis e para sempre indevassaveis bellezas se perderam na transposição forçada? Que incalculavel desgaste originou o atrito de um pensamento no outro, e o de uma sensibilidade na outra? Que poeira surgiu desta limalha, que *intenção* se perdeu na *traducção*? Traduzir é deformar e diminuir: phenomeno inevitavel e que uma creança explicaria.

Cousa curiosa, não me fere essa contingencia á leitura dos romances de Bojer. Sinto-os, como sentia os de D'Annunzio nas traducções de Herelle ou Donatella Cross, da dimensão de uma cousa perfeita. E' um mundo: e um mundo só pode ser igual a si mesmo — ou a outro mundo... A força lyrica, o poder illuminante, a fluctuação espectral dos motivos em jôgo apparecem-me dentro de uma tão intensa, de uma tão envolvente dramaticidade que os olhos encontram, sem esforço, a paizagem, o gesto, o pensamento, não *reconstituídos* mas verdadeiramente *encontrados*, isto é em confronto com o nosso espelho.

Le Jour et la Nuit, eu o tenho por um dos grandes romances de Bojer. O drama, de contextura christã, é a apologia do sacrificio individual: na vida de Leif Sund encontrei um novo Christo, dando-se á morte em exemplo para a redempção do pensamento humano. Será necessario dizer que, como o outro, tambem este morreu em vão? Mas sobre a pequena cidade norueguesa pairou, por alguns dias, a sombra de uma idealização redimida, de um homem mais perfeito que o commum dos homens. Para elle, entretanto, não houve resurreição, e tudo terminou no Calvario. Ou eu me engano? Ficará, pelo menos, a reliquia das paginas de Bojer, colhida no caminho dos

gelos — se não o milagre da morte vencida, pelos menos o da vida continuada.

* * *

Não será demais estendermos aos romancistas catholicos a observação de Anatole a respeito de Barbey: talvez christão, sim, mas pessimo christão... De facto a idéa que esses senhores nos dão de Deus é a menos religiosa possivel.

Não falarei de Mauriac: a existencia deste escriptor parece-me um attentado á harmonia, e uma *blague* da moderna critica franceza. Mas falarei de Bernanos: creio na sua sinceridade religiosa e, quanto a dotes litterarios, elle os possui reaes e nada fantasiados.

Nouvelle histoire de Mouchette é uma pagina sombria, a marcha de um destino até o suicidio. Narracção quente, e a carvão: por vezes um rechinar de braças sob a cinza. Mas que fica de Deus, naquellas paginas?

Não creio. Sou scéptico. No maximo, deixar-meia levar pela palavra de Unamuno: «Y lo cierto es que creer en Dios es hoy, ante todo y sobre todo, para los creyentes intellectuales, querer que Dios exista.» Mas, crente, eu trataria melhor o meu Deus.

* * *

Tenho o habito de assignalar todos, ou quasi todos os livros de Peisson. Da primeira vez que o fiz o livro não existia ainda, ou antes era uma simples *novella* publicada numa revista litteraria.

Peisson é leal ao meu culto: não o desenganou ainda. *Le Pilote* é um drama novo num ambiente antigo, isto é no ambiente de todos os romances de Peisson: o navio, com a sua vida propria, a sua complexidade de creatura differente, mas sensivel.

Laurent, o commandante Pierre Laurent dirige pela ultima vez o seu barco, mas vae cegando rapidamente. Um sentimento talvez estranho mas comprehensivel, de volupia profissional, impede-o de confessar a doença. E essa doença elle a guarda só para si. Como conciliar, entretanto, cegueira e commando? E' todo o livro, todo o entreccho. A arte de Peisson desdobra-se em complexidade e realiza o que se propuzera: estabelecer entre a creatura activa e a creatura passiva, entre o homem e o navio, um estado particular de comprehensão creado á margem do sentido que se apagava e por influencia dos restantes sentidos. Pelos ouvidos e pelo tacto, sobretudo, chega Laurent a uma synthese do mundo exterior, feita de parcelas de sensação, de trechos mais presentidos do que sentidos, de uma intuição, enfim, quasi voraz, do oceano, dos ventos, dos riscos, do cyclone afinal dissipado — e interpretado através de bocados de natureza desagregada.

Como sempre uma apologia surgindo de um symbolo, isto é um sentido nascendo de uma cousa.

JAYME CARDOSO.

CASIMIRO DE ABREU

Ha cousa de um mez, durante uma excursão a Cabo Frio, feita na companhia de amigos dilectos, entre os passeios que por lá realizámos, vimo-nos levados até a Barra de São João, afim de visitar o cemiterio em que está sepultado Casimiro de Abreu.

Por coincidência, foi justamente este anno, a 14 de Janeiro, que transcorreu o centenario do nascimento do poeta, e embora obra de simples casualidade, a homenagem que lhe pudemos prestar então, alguns homens de lettras acercados do seu tumulo por uma clara manhã de sol, ha de ter sido das poucas que recebeu o vate entre a cruel indifferença com que se cultuam entre nós as manifestações da intelligencia.

Não resta duvida que ao passar aquella data, deve ter havido por lá qualquer solemnidade mais ou menos official. Disso nos dá prova a horrivel placa de marmore, grudada ao proprio jazigo, talvez para maior contraste da sua singeleza e vetustez, e na qual o nome do Governador Protogenes Guimarães se destaca em lettras bem berrantes. Assim, não será impossivel que ás commemorações de um segundo centenario, se estabeleça confusão sobre o verdadeiro occupante daquella tumba.

Casimiro de Abreu está indelevelmente ligado ás melhores recordações da minha infancia. Como vou explicar, foi atravez de alguns dos seus versos, cuja memoria retenho até hoje, que por volta dos onze annos, tive o meu primeiro contacto com a poesia. Até então, ao que me lembro, haviam distrahido a minha imaginação juvenil os *Contos da Carochinha*, os livros da Condessa de Ségur, *Robinson Crusóe*, talvez as *Viagens de Gulliver* e as *Aventuras do Barão de Munchhausen*, e, mais do que tudo, a commovente historia de Gela e Adalberto, na *Casa do Saltimbanco*.

Aconteceu, porém, que em 1899, começando o meu curso de preparatorios, entrei para o Gymnasio Fluminense, que se vinha de inaugurar em Petrópolis, graças á iniciativa de Alberto Torres, então presidente do Estado. Ainda um dia hei de falar mais detidamente desse collegio, optimamente installado num palacete que pertenceu a Mauá e é hoje propriedade da familia Alberto de Faria, — com um corpo de professores magnificos, entre os quaes se distinguem as figuras de Raymundo Correia e Silva Ramos, e que entre os seus alumnos reuniu muitos nomes que actualmente figuram com situações de relevancia na nossa vida publica e nas carreiras liberaes.

Infelizmente, não está no numero desses aquelle de quem vou falar. Não que a natureza o não tivesse dotado dos melhores attributos. Mas foi-lhe impiedoso o destino e antes que a morte o arrastasse a um suicidio tragico, já o seu espirito mergulhara naquelle estado que fazia Edgard Poe se perguntar se não seria a fórma mais alta da intelligencia. Creio que não vae mal em declinar-lhe o nome, uma vez que o faço com a penna unguida no balsamo da saudade: José Gabriel Monteiro de Barros. Era mineiro. Se me não engano, de Juiz de Fóra ou cercanias. E parece-me estou a vel-o. Não quando já rapazes, de novo nos encontramos na Faculdade de Medicina, mas ainda no Gymnasio, quando por lá appareceu, vestido co-

mo um homenzinho, de terno de casemira escura, collarinho alto e gravata esticada sobre o peito de uma camisa dura, embora fosse mais ou menos da minha idade e dos outros, daquelles que ainda andavam de blusa á marinheira e calças pelos joelhos. Sem nada de mestiço, era moreno, bem moreno mesmo, de traços já formados num rosto fino e sympathico, que se completava por espessa cabelleira negra, toda voltada para traz, muito lisa, luzidia. Não sei porque, deram-lhe o appellido de «Chumbia» e «Chumbia» ficou elle sendo conhecido para todos os effeitos: algazarra dos estudos, jogos de barra e quadrado.

Mas voltemos a Casimiro de Abreu. Se conheci tão cedo o cantor das *Primaveras*, foi tão somente devido a esse meu companheiro de collegio. Um bello dia, surgiu-me elle com um caderninho em que copiara com a sua bella lettra — uma lettra já de talhe firme e muito clara — ao lado de regras grammaticaes e outras annotações de aulas, algumas poesias de autores brasileiros e portuguezes e, entre todos, o nome que se repetia com mais frequencia era o de Casimiro de Abreu. Assim, se cada poeta figurava apenas com uma ou duas produções, como Affonso Celso com *Rosa e Anjo enfermo*, Guerra Junqueiro com *As creancinhas*, Raymundo Correia com *As pombas*, tinhamos de Casimiro de Abreu *Jurity*, *A rosa*, *Violeta*, *Perfumes e Amor*, *Suspiros*, *Meu lar*, *Noivado*, *Illusão* e *Quando*.

E' bem de vêr que não me seria possivel discriminação tão exacta, se não tivesse aqui, bem defronte dos olhos, o citado caderninho. Ficou-me elle entre as mãos, não sei se por dadia do proprio José Gabriel ou se por um descuido de restituição, no caso em que me houvesse sido apenas emprestado para a copia de algumas daquellas poesias. Traz elle á primeira pagina a data de 2 de Agosto de 1899 e, com um grupo photographico, que tambem possuio, e em que se reúnem todos os Alumnos do Gymnasio num gramado á frente do seu edificio, são estas as duas unicas recordações palpaveis que ainda guardo daquella saudosa quadra da minha infancia.

Das poesias de Casimiro de Abreu, a primeira que apparece no caderno e talvez por isso a que mais me impressionou, foi *Jurity*. O curioso é que o meu companheiro, ao transcrevel-a, commetteu um erro logo no verso inicial, escrevendo *abolir* por *bolir*:

Na minha terra, no *abolir* do mato,
e por muito tempo me fez móssa aquelle verbo que eu nunca vira graphado de tal geito, pelo menos na accepção de mexer. Mas como eu já conhecia o levantar-se e alevantar-se, não hesitei em acceital-o assim. (A metrica ainda agora não é o meu forte e então naquelle tempo...)

Mais tarde, porém, adquiri o volume com as obras completas do poeta e pude certificar-me do *lapsus calami* em que cahira o meu amigo.

Jurity talvez não seja das melhores poesias de Casimiro, tanto assim que não a vejo incluída na magnifica *Anthologia dos Poetas Brasileiros da Phase Romantica*, recentemente realizada por Manuel Bandeira, e na qual figuram nove trabalhos do cantor das *Primaveras*. Todavia, é uma das suas mais sen-

Lembrança de Ascanio Lopes

O marido adquiriu um ar concentrado de sonho. Mocidade, mocidade. Poesia. Sua juventude se misturara intimamente com poesia. E estava nostálgico. Litterario.

— O aspecto do Sanatorio, a idéa da doença, me faz lembrar pedaços da minha vida. Amei uma tuberculosa... Não assusta: tuberculose litteraria... Será que a mocidade de ontem era mais litterária do que a de hoje? (Aquelle assumpto não lhes era banal; em outras manhãs passeavam discutindo árduos problemas de economia domestica, obcessivamente apresentados a cada exigencia dos credores; mas não interessaria ao autor flagranteal-os nesses outros dias). Eu queria então morrer môço, como Alvares de Azevedo, especialmente como Antonio Nobre... Ah, os males de Anto! Fiz versos á tísica, ás vezes minhas, ás vezes de minhas amadas. Lembro ainda uma poesia que principiava assim:

*O' neurastenizante figurinha,
Magra, esquelética, transfigurada,
Morre — morrendo como a chama mystica
Da lampada eucharistica
Numa capella abandonada!*

— Bons, disse ella, sorrindo carinhosamente ironica.

— Bons ou máus, você tem de aguentar minhas recordações que hoje descaíram para o sector tuberculose. Naquelle tempo, imitando Antonio Nobre, que imitava o francez, tísica se escrevia com p-h-t-y... Senão, não valia... No meu caso não tinha sinceridade alguma. Qual poeta, qual nada...

O bacharel se embrenhou no seu passado espiri-tual, que não estava muito distante mas parecia longinquo. Tinha na memoria indelevelmente dois versos do portuguez Eugenio de Castro, que haviam delineado a sua «posição»:

*— Jesus! Meu bom Jesus! Dai-me que eu morra tísico,
Para que ainda uma vez torne a ter esperanças!*

Tambem elle se sentira perdido no fundo de profundos abysmos de desesperanças. Só uma bôa caverna em um dos pulmões, ou nos dois, lhe poderia proporcionar novas e ultimas esperanças. Se convencia disso, ao menos poeticamente, e ainda não tinha vinte annos. Litteratura...

O sorriso reticente com que explorava a memoria foi descambando para a ternura dolorida. Nem tudo fôra litteratura. Muitos, justamente os maiores, amaram mulheres que morreram tísicas. Outros mor-

tidas producções e das que maior popularidade lhe trouxeram. Pelo menos, disso nos dá prova o seu tumulo. Sobre a lapide singela, mas ali collocadas posteriormente, pois que soltas e executadas em outra materia que não o marmore, lá estão, á maneira de symbolo ou ornato, duas toscas pombinhas, talvez offenda de qualquer artifice da propria localidade.

GASTÃO CRULS.

reram tísicos tambem. Parecia moda, attitude. Mas para que ironizar? A presença proxima do Sanatorio levou-o ao amigo de que andava esquecido; mundo, mundo... O bacharel já não sorria. Ascanio estudava discretamente direito, collega de Anfrisio, fazia discretamente versos, quando o mal pegou em cheio a sua mocidade. Recolheu-se a um Sanatorio mais ou menos improvisado numa grande casa de moradia, antiga pensão de estudantes, numa rua sossegada. As paredes não abafavam nada do que se passava nos quartos. Uma tarde Ascanio escutou ancias de vomito no quarto vizinho e saiu para o corredor a vêr o que era. A porta descuidadamente entreaberta lhe revelou um homem cadavérico a deitar sangue pela bocca. Morrendo ali sozinho... Arrumou a mala e fugiu para Cataguases, um clima ingrato a seus pulmões avariados. Morrer no carinho de sua casa. Afinal de contas, que é que vale prolongar a vida em conserva, methodo frio, refeições? Anfrisio começara a ver os sanatorios com horror, exploração fria e commercial dos bacilos de Koch. Tudo, porém, Ascanio soffreria, si não fosse o espectáculo dos vomitos rubros: soffreria transformando em verso heroico o seu desperendimento, como naquelle poema *Sanatorio* de que Anfrisio guarda parte de cor:

*Logo, quando os corredores ficarem vazios
E todo o Sanatório adormecer,
A febre dos tísicos entrará no meu quarto
Trazida de manso pela mão da noite.
Então minha testa começará a arder,
Todo meu corpo magro soffrerá.
E eu rolarei anciado no leito,
Com o peito oppresso e a garganta secca.
Lá fora haverá um vento máu
E as arvores sacudidas darão medo.
Ah! os meus olhos brilharão procurando
A morte que quer entrar no meu quarto.
Os meus olhos brilharão como os da fera
Que defende a entrada de seu fôjo.*

Voltou o rosto para o edificio dominador, reparando bem nos eucalyptos em fila. Repetiu em voz alta:

*... Lá fora haverá um vento máu
E as arvores sacudidas darão medo...*

— São de Ascanio Lopes? Você conheceu Ascanio Lopes?

Perguntava só por perguntar. Só para dizer em voz alta o nome do companheiro. Sua mulher não o conhecera. Vivera em Bello Horizonte conhecido apenas dos camaradas mais proximos, bohemio a seu geito, gostando das conversas até altas horas nas esquinas, esbornias de poemas, leituras nocturnas de poetas. Poetara durante muito tempo para si mesmo, sem dizer a ninguém. Quando os amigos souberam de seus poemas, já estava perto a febre dos tísicos. A esposa lhe guardava o nome. O poeta.

— Elle esteve um dia num sanatorio. Pouco mais que um dia. Fugiu para morrer em sua casa.

JOÃO ALPHONSUS.

(Do romance « Rola-Moça », a aparecer brevemente).

DE PARIS**A Escola Normal Superior**

Ha quasi meio seculo vem a França demolindo thronos, experimentando constituições, fabricando e destruindo leis, agitando-se e mexendo-se como uma pessoa doente que não encontra a posição mais commoda e, no emtanto, no meio dessa «débacle», duas instituições resistentes ficaram de pé, ambas mais brilhantes e mais jovens que nunca. A Escola Polytechnica, cujos engenheiros e officiaes têm um prestigio quasi legendario e a Escola Normal, que não tem, como sua illustre irmã, o privilegio de seduzir as imaginações romanescas por uma bella visão de capa e espada, mas cuja biographia é hoje inseparavel da vida intellectual de nossa França.

A Escola Normal nasceu por proposta de Lakanal, por um decreto da Convenção Nacional que queria que se reencetasse de modo uniforme em toda a Republica a instrucção necessaria aos cidadãos francezes, e querendo formar, nessa escola, jovens já instruidos susceptiveis de aperfeiçoamento em todos os generos da arte de ensinar.

Foi no começo do anno de 1795 que as diversas provincias mandaram a Paris os primeiros normalistas. Emquanto Lagrange, Laplace e Monge foram encarregados do ensino mathematico, a historia foi confiada a Volney; a historia do entendimento humano a Garat; Laharpe recebeu as bellas-lettras e Bernardin de Saint-Pierre a moral; Sicard foi professor de grammatica; Thouin ficou com a agricultura e Buache com a geographia. O physico Hauy, o chimico Berthollet, o medico Hallé, honraram a Escola nascente por sua gloria e seu ensino.

Ficou decidido que o ensino da Escola Normal consistiria não numa sequencia de cursos ex-cathedra, solennemente ministrados segundo os antigos methodos sorbonnianos, mas numa série de conferencias. Na lista das primeiras promoções podemos notar os nomes de Victor Cousin, do physico Claude Bouillet, Hachette, Augustin Thierry, etc.

Mas a Escola Normal foi supprimida em 1822 pelo Governo da Restauração para resuscitar em 1826. A Escola teve nesse tempo

um prestigio tão grande que Ampère, tendo deixado a conferencia de litteratura franceza dessa Escola pela cadeira no Collegio de França, sua successão foi solicitada por Victor Hugo. Além do mais, esse novo periodo foi illuminado pelo ensino de Michelet.

Gabriel Monod conta, nesse particular que, durante o inverno de 1828-1829, Michelet, que era então professor da princezinha Luiza, filha da Duqueza de Berry, devia estar desde as oito horas, nas Tuilherias, em costume de gala, e por isso dava seu curso na Escola Normal ás 6 horas da manhã, vestido com um fraque negro, de calções curtos, meias de seda e escarpins. Os alumnos, avisados por um rapazote, saltavam da cama, corriam, de vela na mão, para a sala de conferencias, onde a palavra do mestre evocava ao mesmo tempo uma deslumbradora «féerie» e as miserias sangrentas do passado.

A Escola da rua d'Ulm foi solennemente inaugurada no dia 4 de Novembro de 1847, na presença dos srs. Dupin, Thiers, Charles de Rémusat, Béranger, Victor Hugo. O Director da Escola foi Dubois, que definiu assim a concepção de seu ensino: «Onde está então o principio da vida? No estudo, no estudo livre, caprichoso, talvez errante, mas energico, paciente e fecundo em sua diversidade.»

Foi nessa epoca que Taine entrou na Escola Normal e aqui está o juizo de Dubois sobre esse «alumno», no anno de 1848: «Taine é o alumno mais laborioso, mais distincto que conheci. Instrucção prodigiosa para sua idade. Ardor e avidéz de conhecimentos cujo exemplo é magnifico. Espirito notavel pela rapidez de concepção, fineza, subtileza e força do pensamento. Sómente noto uma coisa: elle comprehende, concebe, julga e formula demasiado rapido. Ama demasiadamente as formulas e as definições, ás quaes sacrifica muitas vezes a realidade, sem sequer duvidar disso, é verdade, porque é de uma perfeita sinceridade.»

Após novos golpes devidos á politica, a Escola Normal foi de novo fechada. A guerra de 1870 mostrou o valor e o heroismo dos normalistas.

Pouco tempo depois ella reabria portas, e a direcção foi confiada a Bersot, que adorava a juventude e que uma imperiosa vocação transformava em perfeito educador.

A Escola Normal forneceu á França muitos professores, escriptores e, se é verdade que a imprensa, a politica, a diplomacia seduziram muitos normalistas, o que é natural, porque o habito dos concursos apressados, a obrigação de compor em um dado tempo 10 paginas de bom francez são um excellente preparo para a arte de improvisar chronicas e discursos.

O Theatro attraiu tambem muitos normalistas, e um dos mais antigos é Jules Lemaitre. A iniciativa das excavações de Delphos é uma obra exclusivamente normalista e franceza. Os primeiros golpes de picareta no local do santuario de Apollo foram dados em 1860 por Wescher e Foucart.

Acaba de apparecer um
grande livro

“Um estadista do Imperio
--- Nabuco de Araujo”

sua vida, suas opiniões, sua época

Por seu filho

JOAQUIM NABUCO

**Nova edição completa em
dois tomos e accrescida de
um indice alphabetico
por 50\$000**

Em todas as Livrarias e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

**Rua 7 de Setembro, 162 — Rio de
Janeiro**

EU ME MALDIGO

Para o caro José Lins do Rego.

A Escola Normal é um organismo vivo que se adaptou a todos os novos meios que as revoluções da politica e a evolução do espirito humano crearam em redor della.

Mas se todos esses jovens cerebros não se illustram com tanta sciencia, a juventude e a alegria não perderam ahi nunca os seus direitos. Os jovens são sempre geralmente 2 ou 3, em seu turno. Se essa cohabitação não é nunca muito favoravel ás versões gregas ou latinas, dá, em compensação, frequentes distracções, e é preciso mesmo confessar, á tarde, que houve tempo perdido. Mas, haverá meio de se proceder de outro modo? Um alumno está mergulhado numa explicação difficil e, de repente... eis uma vehemente exclamação que o faz estremecer. Foi o camarada que acabou de encontrar uma idéa genial. Naturalmente que este ultimo se appressará em expôr a sua idéa genial. Começa a discussão, que, uma vez iniciada, só Deus sabe quando acabará... Sôa a hora do jantar, discute-se a caminho do refeitório, discute-se na refeição, discute-se ainda depois do jantar, e quando á noite o vigia attento, que vem avisar que seria bom que os contendores se fossem deitar, vae encontrar-se deante de interlocutores inflammados que nada querem ouvir e continuam a discutir e a brigar até o infinito...

Fala-se muito, na Escola Normal e, se bem que as palestras nem sempre sejam doudas, nem mesmo serias, não é um paradoxo sustentar que ellas são para os normalistas de tão grande proveito quanto os cursos mais sabios de seus mestres de conferencias.

Edmond About quasi não fez senão falar, em seus tres annos de Escola. Quando seus companheiros de quarto, que trabalhavam firmemente, não estavam dispostos a escutal-o, elle ia bater ás portas dos amigos, áquellas que se abriam complacientemente nas occasiões em que nada havia a fazer. Entrando, About exclamava: «Os meus companheiros são uns vagabundos! Elles vivem trabalhando!»

Os estudantes divertem-se muito, na Escola Normal. E se elles não se divertissem nesse periodo de estudos, poderiam acaso, mais tarde, divertir-se nos tempos em que não lhes seriam poupadas nem as preocupações da vida material nem

*Que estalem nos céus os trovões, os relampagos,
Que as nuvens se estilhacem
E as montanhas se rachem.
Que as estrellas se embaciem
E o sol se apague para que meu corpo não tenha sombra.
Que as correntes maritimas*

*Carreguem meus braços para as praias fétidas
E o vento impeça meus joelhos de se dobrarem.
Que o raio fulmine a unica palavra boa que eu tinha*

*Que meus olhos se apodreçam
E, se transformem em agua
Para que não se levantem alem das raizes.
Que a gosma dos vulcões
Sotierre meu sexo
Que os vermes fujam da minha carne
E o pó se levante fugindo, antes de eu passar.*

*Que o cheiro de minha bocca
Resequie o grão em baixo da terra
E meus cabellos sirvam de corda para os enforcados.*

*Que minha lingua se enrolle enegrecida dentro de minha garganta
E me diga as maiores injurias.
Que a terra seja fendida como um ventre de mulher.
Que a destruição absoluta
Desça sobre meu corpo, meus sentidos,
Meu espirito, meu passado,
Meu presente, meu futuro
E liberte minha Origem
Da lembrança dos homens...*

ADALGIZA NERY.

os encontrões em que o futuro se mostra sempre prodigo de promessas?

E, depois, todo normalista, por mais obscuro que seja, pode gabar-se de pertencer á Escola Normal que, antes d'elle, teve esses dois nomes que resumem toda a actividade litteraria e scientifica da Escola: Taine e Pasteur.

MARGUERITE PICARD-LOEWY

CIGARROS DE LUXO

HOLLYWOOD

LISOS OU COM PONTA
DE CORTIÇA

Maço — 1\$400

CIA. SOUZA CRUZ

Haroldo Paranhos — *Historia do Romantismo no Brasil* — Cultura Brasileira São Paulo.

Este volume é ainda a parte preparatoria do estudo que o sr. Haroldo Paranhos pretende consagrar ao Romantismo no Brasil. Vem elle do periodo de 1500 a 1830, falando de classicos e mencionando apenas, da Escola Romantica, os artistas que mais immediatamente anticiparam o bello movimento renovador. A exposição é bem feita, ainda que sem torturantes preocupações de estylo, e vê-se não ser um improvisador desconexo o homem que tantos poetas e tantos criticos percorreu antes de se dar a esse trabalho de proporções não summarias. Certo, escaparam ao sr. Haroldo Paranhos alguns deslizes, como o de acreditar ainda hoje que Bento Teixeira Pinto seja brasileiro, isto depois das irrecusaveis conclusões do sr. Rodolfo Garcia a respeito. Mas as paginas referentes a Domingos Borges de Barros, Balthazar da Silva Lisboa, Manuel Odorico Mendes, José Maria do Amaral e tantos outros, encerram muitas novidades, embora manifestamente o autor não se mostre conduzido pelo desejo de uma originalidade brilhante, em detrimento do rigor scientifico das pesquisas.

« MYTHOS » AFRICANOS

A conhecida e apreciada «Brasiliãna» acaba de incluir como o volume 103 da sua Collecção o livro *Mythos Africanos no Brasil* da autoria do Professor bahiano Dr. Souza Carneiro. E' profundamente lamentavel que o tivesse feito. Porque eu sou obrigado a dizer de publico a historia deste livro e de seu autor. E é com doloroso constrangimento que o faço.

Em meados do anno passado, o velho professor Carneiro me procurou com os originaes de um livro para ser incluído na «Bibliotheca de Divulgação Científica», que dirijo. O livro era sobre negros e tinha o titulo *Mythos Africanos no Brasil*. Eu sabia da immensa actividade imaginativa do professor Carneiro. Sabia da historia do *Elucidario* dos 800 termos de outro livro de sua autoria *Furundungo*. Os rapazes da Bahia, sabendo das tendencias fabulantes do velho professor, fizeram uma trôça de graves consequencias: crearam «neologismos» que o Dr. Souza Carneiro já registando como termos de gyria, «convencido» da sua realidade.

Embrenhei-me no matagal dos «Mythos Africanos» e logo percebi o grande material de fabulação que continha o volume. Não vi outra sahida: recusei o livro, endereçando ao seu autor uma piedosa carta de recusa...

Solicitei, então, aos amigos e parentes do Dr. Souza Carneiro, que impedissem a publicação daquelle volume, que viria lançar uma confusão tremenda nos arraiaes dos estudos negro-brasileiros. Estes amigos e estes parentes não o puderam fazer, porque o livro já estava programmado numa Collecção de merecido renome. O mais que consegui foi a autorização destas pessoas, para *denunciar* aos intellectuaes, e especialmente aos estudiosos dos problemas folk-loricos, amerindios e negro-brasileiros, o verdadeiro valor de um livro, que é uma criação mythologica individual. «O que você fez — escreveu-me um parente e amigo do Dr. Carneiro — era o que devia fazer. E o que tenho feito. Considero o «velho» o maior sonhador do Brasil e de outras Arabias. Elle imagina tudo — até que sabe certos assumptos. E fica convicto disso. De maneira que elle talvez fique zangado com você. Eu não. O F... lhe fará um retrato melhor do «velho»... Elle é um homem para se estudar ao vivo, pela psychanalyse ou não...»

E mais recentemente, escrevia-me outro amigo do Dr. Carneiro: «...E o peor é que o Souza Carneiro continúa a escrever sobre folk-lore e especialmente sobre negros. E' de endoidecer...»

Repito: é absolutamente constrangido que faço estas revelações. Não tenho nada contra o velho professor Dr. Souza Carneiro. Mas é indispensavel que a opinião scientifica do paiz fique esclarecida sobre a genese e o mecanismo da criação de *Mythos Africanos no Brasil*. Que confusão infernal nos estudos sobre o Negro! Tudo aquillo que a Escola de Nina Rodrigues e estudiosos de outras Escolas — os Affonso de Taunay, os Roquette Pinto, os Gilberto Freyre, os Ulysses Pernambucano, os Rodolpho Garcia, os Mario de Andrade, os Edison Carneiro, os Renato Mendonça, os Jacques Raymundo, os Gonçalves Fernandes, os Pedro Cavalcante, os Dante de Laytano, os Dario de

Bittencourt, os Adhemar Vidal, os Camara Cascudo, os Adherbal Jurema, os Samuel Campello, os Diegues Junior, os Alfredo Brandão... teem honesta e pacientemente estudado sobre o problema negro, foi violentamente agitado sob um desmoronamento mythico de tão largas proporções!

Não ha, no livro, pontos parciaes que documentem esta denuncia que aqui faço. Elle deve ser afastado *d'emblée*. Tudo ahí é uma enorme actividade mythomaniaca construida sobre alguns dados concretos, de pesquisa alheia. Separadas estas paginas, e eliminadas algumas collectas, provavelmente reaes, todo o resto é uma enorme fabulação, architectada sobre certos pontos de partida. As classificações de paginas 136 e seguintes, a lista de «heroes afro-negros» de pag. 142 e seguintes, as «chimeras» de paginas 148, são realmente «chimeras», actividade imaginativa do Autor

Poder-se-ha objectar que cada um pode apresentar a sua classificação, ter a sua divisão pessoal do folk-lore, etc. O que não é possivel é «criar» mythos. Porque, realmente, o Autor não apresenta uma só testemunha da «collecta» que diz ter realizado no reconcavo bahiano. As suas «fichas» não estão authenticadas. Apenas um amigo «desenhou» os motivos «mythicos» que lhe foram recitados pelo Dr. Souza Carneiro. Não ha tão pouco abonos bibliographicos que autorizem um cotejo com os «mythos» narrados.

O cipoal mythomaniaco enreda-se realmente das paginas 195 em deante. Entre contos, apologos e fabulas, o Autor apresenta 55 peças, das quaes, como elle proprio declara (pag. 390), 14 transcriptas ou resumidas, 2 renovadas ou refundidas e 39 *nunca referidas* (o gripho é meu). Ora, exceptuando-se ás peças transcriptas, que são de Nina Rodrigues, da collectanea de Silva Campos e de outros pesquisadores, como authenticar as 39 referidas, se não ha uma testemunha da collecta, não ha uma base de cotejo? E' um pandemonio. Todas as paginas revelam um mecanismo fabulativo, urdido sobre alguns termos, ou peças folk-loricas, realmente existentes. Um simples exemplo elucida o processo. De um termo real *Calunga* e de motivos mythicos reaes de *Calunga*, o Autor tece uma serie de historias absolutamente fantasiadas, e o que é peor, com *illustrações* (!).

E, como este capitulo de *Calunga*, todos, todos... Como separar deste jardim de imaginação, o que foi colhido, *realmente*, e que é de *facto*, mytho afro-negro? A actividade mythomaniaca do Autor, attestada pelos seus proprios amigos e parentes, não nos autoriza nenhum credito para a sua collecta. Estes «mythos» devem ser postos (de quarentena).

E é esta a denuncia que julgo do meu dever offerecer aos criticos, aos educadores, aos folk-loristas, aos africanistas nacionaes e estrangeiros, aos estudiosos, em geral, que iriam se louvar neste livro, para estudos a respeito da sobrevivencia africana no Brasil, ou para adaptar esses mythos, com fito de folk-lore scientifico ou recreativo. Bem sei que qualquer um pode exercer legitimamente as suas actividades de invenção, que é uma função psychologica. Mas então, isto deixa de ser collecta scientifica para se tornar ficção. «Mythos Africanos no Brasil» pode ser

até um bello livro de ficção. E, é admiravel o acompanhar-se a riquissima imaginação do seu Autor, que deveria ser orientada para o romance, para a criação fabulante e nunca para o livro sicientifico, incluido (o que é peor) numa collacção que tantos e tão relevantes serviços tem prestado.

Estamos deante de um caso que transcende a simples imaginação creadora, á Ribot. Os «Mythos Africanos no Brasil» attingem ás fronteiras do delirio de imaginação. Constituem um documentario do mais alto interesse da *fabulação simples*, tal como foi destacada por Dupré, isto é, «a affirmacção gratuita de acontecimentos ficticios, de situações chimericas, a narraçao de romances e aventuras».

E' a primeira e a ultima vez que escrevo sobre o lastimavel episodio, cumprindo um indeclinavel dever de critica scientifica.

Mythos Africanos devem ser lidos, tomando-se os «mythos» entre aspas. Realmente são mythos individuaes, são creações da actividade de fabulação do Autor.

Leiam o volume mas (não se esqueçam!) acrescentem ao mesmo um sub-titulo, ou o enfaixem numa cinta com os dizeres: *Contribuição á pathologia da imaginação*.

ARTHUR RAMOS.

Renato Costa — *Ensaio de Historia* — Livraria Globo — Porto Alegre.

Aqui estão, esmiuçados por um homem que já passou pela administração publica, numerosos problemas sociaes e economicos do Brasil. O nome de Ruy Barbosa vem diversas vezes á baila e commentarios em torno á obra do ministro da fazenda do Governo Provisorio como que ainda servem para elucidar muitas arduas questões financeiras da hora presente. O sr. Renato Costa é conduzido sempre por uma absoluta probidade nestas suas investigações ao que ha de bom e de máo na actividade dos nossos dirigentes. Sem vã loquacidade, embora com um certo calor verbal proprio de quantos escrevem nas vivazes regiões gaúchas, faz-se ler com um prazer de que o proveito não está excluido.

Abguar Bastos — *Safrá* — Liv. José Olympio Editora — Rio.

Prosegue o sr. Abguar Bastos na série que classificou de *Os Romances da Amazonia*. Máo grado os contrastes que lhe trouxeram as suas opiniões politicas, esse prosador póde ufamar-se de, no terreno das letras, haver recebido applausos que lhe importaram de prompto na formação de um bellissimo renome. Ainda um tanto euclideano, incidindo por vezes em notas verbalistas proprias de quem retrata um ambiente como que já impregnado de forte gongorismo, o sr. Abguar é em tudo digno de escrever sobre o Amazonas no tempo de Raymundo Moraes e Ferreira de Castro. Seu romance, de technica bem pessoal e rumando muitas vezes para o pamphleto, é definição de uma alma e de um cerebro invulgares.

Eugenio Gomes — *D. H. Lawrence e outros* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

São admiraveis estudos sobre Yeats, o poeta irlandez laureado pelo Premio Nobel; Rupert Brooke, que morreu na Grande Guerra a serviço dos alliados; John Masefield, poeta official dos britannicos; Chesterton, prodigioso pensador em paradoxos; Aldous Huxley, que rejuvenesceu a technica do romance, etc., etc. O sr. Eugenio Gomes, honra das letras bahianas, é hoje no Brasil o maior conhecedor de tudo quanto se prenda aos cerebros da terra de Shakespeare. Escreve com pureza e elegancia e os factos que evoca recebem em cheio um jacto de luz da melhor critica,

UNIVERSIDADE DO DISTRICTO FEDERAL

Bôa idéa a de reunir em volume as *Lições inauguraes da Missão Universitaria Franceza*. Transformando em livro essas substanciosas paginas avulsas, a Universidade do Districto Federal deu-nos ensejo de sentir quão acertado andou esse estabelecimento de cultura fazendo vir até nós um punhado de professores da França. Ahi se encontram Bréhier, grande philosopho; Hauser, autoridade de prestigio universal em assumptos de historia; Garric, finissimo expositor de litteratura, e varios outros. O conjuncto é precedido de algumas palavras do sr. Affonso Penna Junior, reitor da Universidade, palavras de uma concisão e um senso cultural não communs em administradores nossos.

Lucien Biart — *O Segredo do Mestiço* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Trata-se de um romancista que desfructou em França, vae para muitos annos, uma admiracção em que se associavam adultos e creanças. Depois disso, o nome de Lucien Biart entrou em longo eclipse. Mas hoje, ao lado do entusiasmo sempre em augmento pelas obras de Julio Verne, as narrações daquelle prosador retornam a uma voga animadora. Successo, de resto, justissimo, uma vez que Lucien Biart foi dos que melhor aproveitaram na ficção franceza os elementos de exotismo asiatico ou americano. Os selvagens evocados por elle são realmente seres que as paixões mais desencontradas agitam, e não apenas fantoches recortados numa imitação apressada dos modelos de Fenimore Cooper. Guardem-se os titulos de outros volumes seus, igualmente divulgados em boa traducção actual da grande casa de livros paulista: *Na Fronteira Indiana*, *Nas Selvas do Mexico* e *O Engenheiro Pinson*.

Alfredo Ellis Junior — *A evolução da Economia Paulista e suas Causas* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Descendendo de inglezes, o sr. Alfredo Ellis Junior mostra sempre uma capacidade objectiva de encarar os nossos factores de evolução commum. Naturalmente, a sua predilecção se volta para tudo quanto seja grandeza e possança de São Paulo, e não ha como censural-o por um nativismo que a cultura impede de se desmandar em grosseira arrogancia bairrista. Esse seu volume, firmado sempre em cifras e indicações concretas, é uma analyse, concluindo em boa synthese, do que a gente de Piratininga tem construido no terreno da economia nacional. Nenhuma palavra superflua e apenas o desejo de assegurar á estatística o direito de ingressar nas bellas-lettras.

OBRAS

— DE —

MATHEUS DE ALBUQUERQUE

(Novas edições uniformes em papel vergé)

ANNOS DE APRENDIZAGEM

I SENSACÕES E REFLEXÕES . . . 8\$000

TRILOGIA DE AMOROSAS

I DORA (ou o desejo de amar) . . . 7\$000

II MARGARA (a que o amor salvou) 8\$000

III NAIR (a que o amor perdeu) . . 8\$000

MUSA TACITA

I A JUVENTUDE DE ANSELMO

TORRES 8\$000

PEDIDOS A

ARIEL, EDITORA LTDA.

RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — 1.º and.
Rio de Janeiro

LITTERATURA DE SENSAÇÃO

Muita gente se assombra com os successos de livraria do sr. Paulo Setubal. Mas isso em França seria um facto quasi normal. E' verdade que nos productos do sr. Setubal ha feliz articulação de detalhes, bellos pannejamentos historicos e um estylo em que existe verdadeira dignidade litteraria. E' elle um artista e por vezes um artista admiravel. Ora, em França o exito de certos escriptores explica-se em que elles procuram, não o bom gosto, e sim o máo gosto do publico. Quantos fancaristas se dão por lá a invenções façanhudas em torno a emboscadas, punhaladas e roubos mysteriosos!

O mais pittoresco de todos elles, o fecundissimo Ponson du Terrail, teve o centenario do nascimento commemorado em 1929. Pertencendo a uma familia de militares e dizendo-se descendente do cavalleiro Bayard, mostrou-se elle, nesse genero, qualquer coisa de allucinante. Sem possuir como Dumas Paç um atelier de amanuenses lettrados que lhe confeccionassem os romances, desovou, sózinho, em vinte annos, uns trezentos volumes. Trabalhava simultaneamente para cinco ou seis jornaes, que augmentavam logo a tiragem de trinta ou quarenta mil exemplares quando elle lhes occupava o rés-do-chão do folhetim com os seus incendios, os seus duellos, os seus naufragios e os seus assaltos em estradas provincianas.

Ponson du Terrail foi bem o clasico dos pobres, foi o mais conhecido, o mais lido, o mais admirado de todos os escriptores de todas as épocas, acima de Hugo, Balzac, Dickens e Zola. Com seu nome que suggere logo envenenamentos e raptos, Ponson, portador de uma barbicha cuidada de janota e de uma gravata esvoaçante de pintor do Bairro Latino, gastou toneis de tinta e toneladas de papel. Talvez perpetrasse um livro entre o almoço e o jantar...

Seu Rocambole é como o Padre Eterno, não acaba nunca. Morre e renasce a cada passo, não se sabe de que modo, e, se o leitor pede explicações, pergunta como foi, Ponson põe o dedo nos labios e sussurra com ares sibyllinos: «Mysterio!»

Tal qual no «Mysterio da Estrada de Cintra», de Eça e Ramalho. Este romance foi composto em colaboração, mas sem que os dois colaboradores combinassem o plano da obra e tudo ia sendo desenvolvido a torto e a direito, havendo mesmo certo prazer em deixar o trecho de hoje numa situação inextricavel, para atralhar o manufactor do trecho do dia seguinte. Existe uma passagem em que Eça deixa em scena um gentilhomen, muito bem vestido, com um martello e alguns pregos na algibeira da casaca impeccavel. Ramalho, que, em seguida, bufou em cima das laudas de papel para resolver o caso desse «gentleman», perguntou mais tarde ao parceiro por que armara a personagem elegante daquella ferramenta e material de carpinteiro. Ao que o Eça de Queiroz teve o mesmo gesto e a mesma resposta incisiva de Ponson, insinuando ao Ramalho tratar-se de um mysterio com que elle, Eça, desceria á tumba...

Mais famoso que o Vautrin de Balzac e o Lecoq de Gaboriau, Rocambole move-se num mundo cheio de cadaveres, em que os punhaes lampejam e homens embuçados ciciam na sombra, e as suas paginas estão cheias de cruces e lousas, cyprestes e corujas, de modo a fazer inveja ao Père-Lachaise.

Morrendo de variola, com quarenta e um annos apenas, por occasião do conflicto franco-prussiano, Ponson marcou os seus ultimos mezes pelo ardor com que se meteu a defensor da patria, organizando batalhões patrioticos em Bordéos, não sem certa fanfarrice á maneira da Gasconha. Mas, ainda que sonhasse com medalhas e galões, pennachos e alamares, acabou na valla commum, nessas horas terriveis de peste e guerra, em que ninguem tinha tempo para dar attenção aos romancistas, mesmo quando popularissimos como Ponson. E o romance que elle quiz «agir», depois de haver composto tantos outros, concluiu de uma fórma absolutamente deploravel, ao menos para elle.

Temperamento de commissario de policia patranheiro, o progenitor de Rocambole conheceu toda a especie de crimes, tendo o dom

de tudo embrulhar, da trapalhada systematica, para um esclarecimento final e uma solução que contentasse inteiramente a clientela. Calculamos daqui a ansiedade com que os nervosos acompanhariam a affabulação dos seus cartapacios, ávidos de saber se Rocambole triumpharia das astucias de Baccarat e se, na sua excursão a Londres, venceria ou não as centenas de inimigos que o ameaçavam dos mais sinistros «bas-fonds»...

No caso de Rocambole, é sabido que um director de jornal intimou o romancista, de arma em punho, a resuscitar o heróe desaparecido numa catastrophe que Ponson, já cansado de rocambolices, pretendia fosse definitivamente a ultima. Entre ameaçador e lamuriento, o chefe da folha fazia sentir a Ponson que a perda irremediavel de Rocambole seria a fallencia do diario. Os assignantes fugiriam em massa e a folha cairia num descredito irreparavel.

Aliás, ainda depois de enterrado Ponson, surgiram innumerous Rocamboles, mais ou menos apocryphos, filhos de Rocambole, netos de Rocambole, e cremos que ainda hoje a familia não se extinguiu. Como que por effeito de transmissão mediumnica, o morto continuou a falar aos vivos...

Quanto aos deslizes de Ponson, são incontaveis, dada a vertiginosa celeridade com que elle trabalhava. Num dos seus in-folios, um monge do reinado de Francisco II cita versos de Molière, que ainda nem sequer nascera, e jura por Santo Ignacio de Loyola, que só foi canonizado mais de meio seculo depois. Isto não obstante haver sido o ficcionista honrado com um premio de historia no collegio e se ter mettido a biographo romanceador da juventude do rei Henrique, como bem accentua o autor das «Figuras d'hier et d'aujourd'hui».

Não me lembra mais qual foi o narrador que fez um casal de amantes cair dentro do Vesuvio e sair intacto de lá, alguns dias depois, restituído ao mundo por uma erupção violenta. Pois em Ponson du Terrail ha muita coisa parecida. Embora elle (antes do nosso Aluizio Azevedo) tivesse o cuidado de recortar os typos em bonecos que

ODE AO TRABALHO

guardava na gaveta á proporção que os matava, isso não impediu que á criada ignorante os puzesse de novo na mesa e os defuntos recommençassem a falar e o sujeito que fallecera na India reaparecesse horas depois no boulevard de Paris.

«Melchior — lê-se nos «Estudantes de Heidelberg» — não cessara de beber durante toda a viagem e nem uma vez sequer descerrara os dentes». Ou isto: «O general passeava de braços cruzados, lendo o seu jornal». O fidalgo de mão «fria como a de uma serpente» ficou em todas as memorias

«Ah! o nosso Ponson!» — diziam os porteiros e as costureiras, com uma ternura com que ninguém nunca disse: «O nosso Flaubert», «o nosso Balzac».

A's vezes enrolava-se elle proprio no fio de Ariadne e não encontrava saída. Mas, quando extinto, ninguém o igualou e os falsos Ponson não enganavam o leitor, que, vendo a grammatica muito correcta e algumas pretensões a psychologia, desconfiava da procedência, como os peritos deante da falsa tiara de Saitaphernes ou os portuguezes deante do falso dom Miguel. Poucos tinham como o Ponson authenticico o dom de fazer uma personagem blasphemar a proposito e rugir: «Para traz!» ou: «Ainda não, miseravel!» O corcunda de Paul Féval ou o ventriloquo de Montépin não impressionavam tanto.

Em summa, embora nascido perto de Grenoble, Ponson nunca mostrou as velleidades de psychologo do seu quasi conterraneo Stendhal. Queria apenas divertir o povo e ganhar dinheiro, dinheiro que ás vezes emprestava, não sem ironia aos confrades pobres que a esthetica impedia de enriquecer, sendo celebre a resposta do editor a um delles: «Estylo? O senhor pensa que os meus assignantes são tão burros que queiram saber de estylo?»

Evidentemente, segundo já observava o dono de uma revista gloriosa nos dois mundos, o estylo desencoraja o leitor... «Aventuras de Rocamble», «Resurreição de Rocamble», «A ultima palavra de Rocamble», era isso que os porteiros e as parteiras queriam, deixando que Stendhal morresse quasi

*Amo o trabalho porque o amando amo a Caridade
e me communico de mais perto com o meu proximo.
E beneficio o irmão distante e me divido com elle em Christo.
Amo o trabalho porque o trabalho me curva como em oração
ou tenho gestos de sementeiro
e outros gestos mansos em que meus pés e minhas mãos se domam.
Amo o trabalho como amo a redempção,
porque imito a Deus quando trabalho.
Amo o trabalho por vocação divina
não para dominar mas para resgatar o mundo.
Não para accumular mas para repartir,
para me dissipar na vida.
Para que minhas mãos se alonguem, se alonguem
ou sejam azas por esse mundo.
Para que meus pés sejam andarilhos
e meu coração seja infinito.
Amo o trabalho como expressão de amor,
para ficar longe de mim,
para não parar o corpo
senão quando a morte chegar.
Amo o trabalho para me libertar do ouro
e para que o suor vertido
não deixe verter o sangue na guerra.
Mas não amo o trabalho como um fim
mas como uma ponte para o homem.
Amo o trabalho como imitação de Christo,
para ser o marceneiro em que viveu,
o hortelão em que resuscitou
e o operario que tem sido e será até o fim.
Amo o trabalho para não soffrer o horrivel ocio burguez,
para poder rir em frente ao rico;
E sendo o inventor e dominador da machina,
reconquistar o dom da ubiquidade
e todas as graças que eu perdi na Queda.*

JORGE DE LIMA.

obsкуро com o seu complicado Julien Sorel e a sua encantadora Sanseverina. E afinal, ainda que na copa ou na cozinha das letras, Ponson du Terrail não deixa de ser tão immortal quanto Hugo ou Lamartine...

AGRIPPINO GRIECO.

(Do livro *Perolas...*, a sair.)

CIGARROS DE LUXO

HOLLYWOOD

LISOS OU COM PONTA
DE CORTIÇA

Maço — 1\$400

CIA. SOUZA CRUZ

DOIS ROMANCES BRASILEIROS

Digno de applausos o gesto dos editores Pongetti lançando romancistas ainda de pouco renome, logo que lhes perceba a possibilidade de abrir caminho no mais arduo dos generos litterarios de hoje. *Ponta de Rua*, do sr. Fran Martins, annuncia um temperamento de inquiridor da vida meúda, realista a valer, mas sem nenhum jubilo, antes com um traço de melancolia, ao constatar que a miseria da nossa gente humilde offerece tanta materia prima aos autores de livros. O sr. Martins d'Alvarez, ficcionista do *Morro do Moinho*, deve ser tão joven quanto o sr. Fran Martins. Notam-se em ambos analogas indecisões. Mas essas incertezas mesmo podem ser o prenuncio de algo differente na technica do romance nacional e sempre nos despertam mais sympathia que a repetição inconvicta do que já disseram centenas de boccas. E' provavel que, no sr. Martins d'Alvarez, o pendor da introspecção poetica seja mais accentuado. Sentimol-o um pouco mais lyrico, um pouco mais enternecido pelo irremediavel de certos dramas da patuléa.

O P E N E D O

As aguas do São Francisco descem vertiginosas para o mar. Entumescidas pelo volume, apresentam na foz uma pororoca em miniatura.

A superficie do Atlantico se enrosca na luta com as aguas do rio, que lhe emprestam o seu colorido barrento, cintando o azul do mar. E as ondas tismadas levantam-se em rolos successivos e concentricos até mais de milha em redor. A travessia da barra tem perigos que encantam a maruja das barcaças, attrahida sempre pelo eterno canto de sereia das vagas...

Remontando o curso fluvial, a margem direita, alagoana, mostra-se baixa e alagadiça, com seus areiaes extensos açoutados pelo vento. Dunas enfileiradas traem a imaginação do modelador caprichoso, enquanto uma população activa de pescadores anima a paizagem, roubando-lhe o aspecto desolador.

Uma poesia se espalha docemente á vista das cabanas de palha no meio das dunas esbranquiçadas, que lembram criaturas estranhamente embalsamadas. Os coqueiros, altos e sombrios, tomam um ar de protecção diante dessa humanidade simples, plantada á beira de um deserto. Do lado esquerdo, a margem sergipana parece mais alta. Graças ao solo rico, um arvoredado espesso dá-lhe aspecto aprazível e sorridente.

Rio mais acima, as coisas mudam. A agua como que brinca de esconder com a terra, recortando-lhe numerosas ilhas baixas e ensombradas, verdadeiros labirintos que são a volupia para o pratico de navegação.

O tropico revela sua enxundia.

O verde dos cannaviaes junto á nevoa dos capuchos de algodão transpira a vida economica dessas paragens, a que o pennacho de fumo de um engenho longinquo empresta maior realidade.

Tudo respira nessa população através do São Francisco, que lhes mata a sede e a fome. As «borboletas» correm o rio, acima e abaixo, transportando fardos de gente e mercadoria, com suas velas pittorescas que suggeriram ao Imperador a imagem do insecto alado.

Passada a villa do Piassabuçu na margem alagoana, o viajante navega ainda sete leguas até alcançar a cidade do Penedo. Aqui o rio São Francisco se detém na metade de um seus meandros, rasgando a margem num rebordo elevado em cujo amphitheatro assenta a povoação.

Logo salta aos olhos a bella escarpa rochosa da collina edificada, extremo de uma lombada que vem de longe, descambando suavemente para o sul. O nome de Penedo vem dahi, dessa escarpa rochosa, que primeiro se utilizou para a destruição. De facto, o sitio estrategico determinou a criação de um forte, em 12 de Abril de 1616.

O São Francisco era o limite natural da capitania de Pernambuco e a grande via de penetração do nosso hinterland. Era, como lhe chamaram depois, o «grande caminho da civilização brasileira». O forte do Penedo representaria portanto a defesa contra o intruso e a avançada da nossa gente.

Não tardou em que viesse a prestar serviços reaes. Os Holandezes investem no século XVII con-

tra a colonia portugueza em abandono. A primeira tentativa de Sigismundo von Schkoppe visou Olinda mas sem resultado. Tiveram sorte identica outros ensaios para o Sul. Delibera então invadir o São Francisco por uma expedição bem aparelhada, querendo cortar os fornecimentos de gado via terrestre e deixar os adversarios desarvorados.

Destaca para dirigir-a o coronel Hinderson, que tivera a experiencia do Maranhão. A expedição parte do Recife em uma armada de dez navios e oito barcas, ao mando de Lichthardt, no dia 24 de Outubro de 1646. Feito o desembarque, Hinderson marcha contra a povoação do Penedo cujos habitantes, de cambulhada com a guarnição, fogem espavoridos.

Consolidando a victoria, Hinderson inicia, em sitio mais apropriado que o do antigo forte Mauricio, a contrucção de outro novo forte de terra.

A coragem volta afinal, depois de certa relutancia, aos nossos, que, com os reforços vindos da Bahia, attingem o numero de duzentos, surpreendendo então um posto avançado de vinte homens, a dois kilometros do forte tomado.

Hinderson, doente de uma perna, não pode ir pessoalmente castigar os atacantes e para isso confia ao capitão francez Samuel Lambert o grosso de suas forças, ficando no fortim apenas com o necessario.

La Montagne, que era o nome de guerra do aventureiro franco, surge em meados de Dezembro na paragem de Urambú, local do posto atacado. Homem de boa fé, confiou nas informações que ouvira sobre os recursos inimigos, aindo os mesmos duzentos do ataque inicial. Dá-lhes combate e obtem da Victoria mais um de seus bafejos, com a retirada simulada do adversario.

Quando de repente, os retirantes retrocedem aggressivos e a emboscada revela-se esmagadora. Caem mortos La Montagne e muitos outros officiaes ficando em terra cento e quatorze soldados. Os tapuias deliram na matança dos holandezes fugitivos, que não tiveram tempo para se esconder no matto. Completa derrota! Hinderson, com os destroços que chegam ao forte, mantém-se ainda por tres mezes, sem abandonar os exemplos de disciplina: o tenente Jean van Yssendick e o alferes Adraen Mebus, que tinham largado as armas no caminho para fugirem mais á vontade, voltam condemnados para a Hollanda.

Mesmo assim, o dominio neerlandez estava por pouco no Penedo. O almirante Lichthardt, dynamo da expedição invasora, succumbira dias antes derrota de agora, de modo inglorio e banal.

Refere uma testemunha que o bravo lutador, «depois de se haver acalorado excessivamente», bebera agua fria, vindo a expirar.

O São Francisco bom e patriota ajudava o acaso a escrever a Historia. Como a sombra de uma nuvem, o intruso passara pelo villarejo. O Penedo tivera febre naquelles tempos.

O socego e a pacatez das casinhas brancas voltavam, no entanto. Daqui em diante o farfalhar das palmas dos coqueiros e o murmurio das aguas correntes iam de novo embalar a colonia dos pescadores.

Dois centenários passariam sobre o povoado, multiplicando-lhe o numero dos filhos e o valor da riqueza. No seculo XIX, o Penedo seria a segunda cidade da Provincia, offerecendo bella apparencia, com suas construcções espraiadas em semi-circulo, gozando, graças á altura, de um panorama delicioso.

O poente faisca no sopé da collina rochosa, envolvendo a cidade numa orgia de luz, que parece arrancar do solo o povoado eleito e num enlevo transporta-o a regiões superiores... E bem no alto, o convento de São Francisco como que entôa as preces da redempção.

Uma vez em terra, o encanto se desfaz em segundos. Ruas tortas, edificações velhas, falta de conforto e de commodidade, tudo é um desapontamento. O commercio, porém, reage e o porto tem grande movimentação. A feira diaria leva ao caes revestido de pedra uma animação de mercado. Os canoeiros da margem opposta e ilhas vizinhas apregoam os productos da lavoura *de vasante*, num concerto de vozes estridentes.

Ao longo do porto se estira a rua do Commercio, com os edificios mais apresentaveis. Alguns sobrados altos e muitas casas commerciaes. E' a melhor via publica onde saem as demais, colleantes, esgueirando-se da collina.

Foi num sobrado grande, de dous andares, situado á rua do Commercio, que veiu á luz o mais illustre dos filhos do Penedo — Francisco Ignacio de Carvalho Moreira.

No dia de seu nascimento, a villa pittoresca celebrava alegremente o Natal do anno da Graça de 1815 com aquella piedade, mixta de constricção e festejos, tão característica das almas simples da sociedade colonial.

Seu pae, o capitão mór João Moreira de Carvalho, nascera além do Atlantico, na velha cidade do Aveiro, que deu ao reino peninsular varios nomes illustres. Homem decidido, seus antepassados ostentavam uma divisa soberba que elle não desmentia. Vindo para o Brasil, aqui se casara pela segunda vez com dona Maria Joaquina de Almeida Silva, natural de Alagoas. Desse matrimonio teve um casal de filhos: Francisco Ignacio e sua irmã Dona Candida.

O capitão Moreira de Carvalho era homem de suas posses, de habitos afidalgados, com gestos da generosidade mais acolhedora. Acostumado a não fazer refeições sozinho, passeava pelas ruas do Penedo com o ajudante de ordens e na hora do jantar, já mandava elle chamar um cidadão, que lhe parecera bem apesoadado, para fazer-lhe companhia á mesa. Habitados simples da colonia, bons tempos patriarchaes em que o numero de convivas não representava uma preocupação orçamentaria... E esse tom rural da familia Moreira de Carvalho completava-se com a propriedade de dois engenhos de assucar.

E' no «Santa Candida» que o pequeno Francisco Ignacio vive grande parte da infancia. E' ali que, sentindo o cheiro bom dos cannaviaes, a alma infantil se vae formando, na quentura oleosa do tropico, ao contacto macio da natureza. Menino de engenho, ia brincar com os meninos dos outros engenhos.

Desse tempo feliz, ingenuo e folgazão, livre e sem amarras, datam algumas de suas amizades mais

tenras. Francisco Ignacio encontrará sempre ao lado, no travo das lutas, como amigo e confortador, a pessoa de Sinimbú, seu antigo companheiro de correrias na bagaceira dos engenhos.

O scenario dos primeiros annos tem um reverso menos repousante e mais agitado. O grande curso do São Francisco corria em frente ao sobrado de casa. As barcaças e os veleiros, deslisando velozmente sobre a caudal, suggeriam ao garoto esperto a curiosidade de um mundo não revelado, mais dynamico e mais tentador... E o mar, leguas abaixo da villa, veiu a ser annos depois a novidade para o estudante de preparatorios.

Nas idas e vindas a Maceió, em busca dos certificados de exame, o jovem Francisco Ignacio descobre horizontes largos. O gosto de viajar, a sede de conhecer povos e gentes estranhas, se teria juntado ao aventureiro que existe dentro de cada homem e formado o temperamento de um espirito inquieto.

O traço autoritario e firme, dominante no character de Carvalho Moreira viria da educação severa e mesmo rude que recebiam os nossos avós. Vendo no filho signaes bem vivos de intelligencia, o capitão Moreira de Carvalho preocupa-se em transformar seu Francisco Ignacio em um bacharel amante das letras. O pequeno se enthusiasma com facilidade e faz do estudo uma alavanca de seu futuro. Quando vem a desgraça e lhe tira o pae extremado, fallecido a 1.º de Agosto de 1830, Francisco Ignacio mantem as intenções de formar-se.

Aos quinze annos apenas, sabia reagir contra os desejos poderosos de sua mãe, que o queria ao iaço, a tomar conta do engenho.

Reage e vence. Que fosse a piedade filial cumprindo a vontade do progenitor ou uma vocação natural, entrega-se com ardor aos livros e termina o curso de preparatorios.

Deixa então a villa natal e o rio seu amigo e xará. O Penedo lá ficava com suas escarpas de rocha polida, beijando nas noites prateadas do sertão o São Francisco selvagem e impetuoso.

Foi do Penedo que uma criatura soberana primeiro desferiu seu vô ascensional.

RENATO MENDONÇA

(Do livro em preparo *O Barão do Penedo e sua época*).

Chrysanthème — A *Infanta Carlota Joaquina* — Moura Fontes & Flores — Rio.

Figura historica em torno da qual se urdiu uma teia iniqua de calumnias é a esposa de dom João VI. Ligando-se á dynastia dos Braganças, recebeu ella dos brasileiros, quando para aqui veiu, verdadeiras saraivadas de injurias. Do seu lado, os portuguezes não lhe perdoavam a procedencia hespanhola e insistiam muito nos amores peccaminosos, reaes ou imaginarios, da mãe de Pedro I. Felizmente, com a sequencia dos annos, já se vae formando em redor de Carlota Joaquina um outro criterio de julgamento. A nossa patricia Chrysanthème, romancista e chronista que todos os leitores do Rio conhecem, põe-lhe agora em evidencia a voluntariosa energia, o senso de dignidade monarchica e até a argucia politica de quem sonhou a unificação do povo oriundo de Portugal com os povos oriundos da Hespanha, isto em toda a America do Sul. E' livro de boa estrutura e linguagem amenissima.

DE ANTUERPIA

Depoimentos estrangeiros sobre o Brasil novo

É innegavel que o Brasil atravessa actualmente uma phase decisiva da sua evolução. Não é isto uma affirmação gratuita, nem uma verdade a demonstrar; é um facto evidente por si mesmo.

Evolução intellectual, evolução economica, evolução financeira.

E mesmo, até certo ponto, evolução social. Creouse um Ministerio do Trabalho, cuja actividade é das mais sensiveis, e cujos resultados são dos melhores. A nova Constituição deu emfim ás classes trabalhadoras brasileiras a consciencia de si proprias: os artigos do Titulo IV da nossa actual magna carta reconhecem-lhes a existencia legal, regulamentam o trabalho e asseguram-lhe a protecção do Estado dentro da organização syndical. O progresso foi enorme, si nos lembrarmos de que, durante quarenta e cinco annos de Republica, não tivemos, por assim dizer, legislação social no Brasil.

A evolução financeira, de certo modo corollario da economica, patenteia-se na posição do nosso cambio, no credito do paiz no estrangeiro (os resultados da missão Souza Costa nos Estados Unidos são dos mais auspiciosos para as nossas finanças), na execução religiosa do plano de pagamento das nossas dividas externas

A evolução economica é simplesmente surpreendente. Não nos sobra espaço aqui (nem é o ambiente desta revista propicio a dissertações desta natureza) para insistirmos na demonstração da situação do Brasil sob este ponto de vista. Quem todavia o quizer melhor verificar, bastará ler esse monumental relatorio

do Sr. Fernand Maurette, sub-director do Bureau Internacional do Trabalho, apresentado á 77a. sessão Conselho do B.I.T., em 4 de Fevereiro de 1937, sobre *Quelques aspects sociaux du développement présent et futur de l'économie brésilienne* (in-*Études et Documents Série B (conditions Economiques) N.º 25, Genève, 1937*). É pena que este relatorio, admiravel tanto pela imparcialidade quanto pela reconhecida autoridade do seu autor, não tenha beneficiado de maior divulgação, nem no Brasil nem, sobretudo, no estrangeiro. É pena, pois de melhor propaganda (e gratuita!) não podemos gozar actualmente do que a constituida por este trabalho, assignado por uma personalidade de projecção mundial, o qual encerra uma copia de informações do mais alto interesse e baseadas na mais segura documentação, bem como um sem numero de estatisticas recentes e exactas, sobre as vastas realizações e as possibilidades mais vastas ainda do nosso privilegiado paiz.

A evolução intellectual é das mais sensiveis. Sensível mesmo aos que, como eu, vivem no estrangeiro, e, portanto, que — no dizer desse outro «exilado profissional», Caio de Mello Franco — «soffrem essa crise natural do transplantado, crise que só poderá ser vencida pelo esforço systematico da razão. E ai daquelle que o não possuir em dóse necessária, pois será, então, fatalmente arrastado pela impetuosa corrente, como folha inutil, para o esquecimento...»

Aquelle que, recuado no tempo e no espaço, vivendo longe do Brasil, ha dez annos fóra do paiz mas constantemente debruçado sobre elle, os olhos embaciados de saudade sempre fitos na patria longinqua, melhor do que qualquer póde observar, seguir de perto, e apreciar a evolução da intellectualidade nacional. E melhor lhe póde aquilatar os meritos. E acompanhar-lhe as tentativas. E applaudir-lhe as realizações. É este o «esforço systematico da razão», facilitado de resto por aquelle eterno «desejo de estar perto de quem está longe da gente» — na definição espontanea do poeta.

No estrangeiro, a evolução da intelligencia brasileira tem sido acompanhada e referida por amigos sinceros do nosso paiz (que os ha e em maior numero do que se pensa), em livros, artigos, relatorios, assignados pelos mais reputados intellectuaes.

Na Franca, Luc Durtain é o nosso melhor propagandista. O seu primeiro livro sobre o Brasil, *Vers la Ville Kilomètre 3* (1) que o nosso inesquecível Ronald de Carvalho traduziu, e que a Empreza Ariel editou em 1934 sob o titulo *Imagens do Brasil e do Pampa*, foi seguido por outro, *Le Globe sous la bras* (2) no qual Durtain dedica estudos, plasmados nessa linguagem magnifica que lhe é peculiar, ás regiões do Brasil que, na sua primeira viagem á nossa terra, não tivera occasião de visitar (3). O Estado de São Paulo sobretudo é aqui estudado nas suas multiplas actividades, com aquella acuidade de observação e aquella exactidão de prognostico que Durtain, psychologico e médico, possui em gráu tão elevado. Em Julho de volta da sua segunda visita ao Brasil, o grande amigo e admirador da nossa terra publicára no jornal *Le*



Petit Parisien uma série de artigos concernentes a questões da actualidade politica brasileira, mas nos quaes perpassava sempre essa «activité jaillissante du Brésil, pays lyrique, ou, dans la grande littérature qu'il possède actuellement, s'affrontent les talents les plus divers, — écrivains trop peu connus, trop peu traduits, chz nous.»

Na Belgica, o Sr. Georges Rouma, operoso administrador da «Maison de l'Amérique Latine» em Bruxellas, mantém-se ao par de tudo o que concerne á evolução economica e intellectual do Brasil. O Prof. Billot, infelizmente fallecido ha pouco tempo, era uma notabilidade mundial em materia de geographia economica, e um especialista notavel das questões economicas brasileiras. O Sr. Jan Denucé, archivista da cidade de Antuerpia e conservador do Museu de archeologia e ethnographia da Belgica, autor duma obra que se tornou classica, *Magellan et le premier voyage de circumnavigation du globe*, é um minucioso investigador das relações historico-economicas do nosso paiz com a Belgica nos primeiros seculos da descoberta. Por outro lado, o Sr. Hugh Gibson, actual embaixador dos Estados Unidos em Bruxellas, acaba de publicar em Nova York um interessantissimo volume sobre o Rio (4), todo envolvido nesse bom humor característico dos yankees. Este livro é, no dizer do seu editor, «a gorgeous panorama of the world's most beautiful harbor city», e mais ainda: é um excellente guia turistico da cidade maravilhosa, para uso dos anglosaxões que desejem descobrir o Brasil... (A proposito da nossa capital, cumpre referir aqui o livro da Sra. Marie Thérèse Gadala, *Rio, huitième merveille du monde* (5); mas só vale a referencia para servir o livro de comparação com o de H. Gibson e os de Durtain e fazer, assim, resaltar o valor destes ultimos; tal como a sombra ao lado da luz augmenta a intensidade desta...)

Emfim, é particularmente digna de nota, nesta revista que passamos aos mais recentes depoimentos da intelligencia estrangeira sobre o nosso paiz, a bella publicação sobre *Le baroque américain*, editada por *La Renaissance* (Paris, Dezembro de 1936), sob a direcção de Mathilde Pomès e Léon Kochnitzky. Este ultimo, que já publicou estudos admiraveis sobre o «Aleijadinho» (6), dedica aqui ao prodigioso artista patrio mais um bello artigo, illustrado com magnificas reproducções de saus obras-mestras. Lê-se tambem nessa linda publicação um artigo de Ribeiro Couto sobre «A Arte christã no -Brasil colonial» e uma soada critica de Mathilde Pomès sobre aquelle livro corajoso de Paulo Prado, «Retrato do Brasil», que foi, pelo menos chronologicamente, o primeiro passo dado em publico, pela geração jovem, na trilha da consciencia nacional. A Sra. M. Pomès lamenta que o livro não tenha sido ainda traduzido: «Ne se trouvera-t-il pas quelque éditeur pour combler cette lacune?» Tem toda razão. Mas não só o «Retrato do Brasil» mereceria as honras da divulgação no estrangeiro, honras que, afinal, revertiam ao paiz inteiro; tambem os Gilberto Freyre, os Arthur Ramos, os Affonso Arinos de Mello Franco, os L. da Camara Cascudo (sem falar nos soberbos romancistas, cujo character regional e cuja linguagem muito peculiar lhes impediriam entretanto, e infelizmente, de ser traduzidos), emfim toda essa pleiade magnifica de talentos jovens que procuram

dar aos brasileiros um conceito scientifico daquillo a que um delles chamou «a realidade brasileira», e que Ariel tão admiravelmente, tão patrioticamente, se esforça por divulgar no Brasil inteiro, merecem sobejamente ser vertidos para uma lingua que não seja um «cemiterio de idéas» mas, ao contrario, um alto-falante que leve a voz da intelligencia brasileira aos ouvidos da intelligencia universal. A qual não deseja outra coisa que nos conhecer melhor para melhor nos comprehender e melhor nos apreciar.

MAURICIO v. WELLISCH.

Antuerpia, 1937.

* * *

- (1) Flammarion, Paris, 1933.
- (2) Flammarion, Paris, 1936.
- (3) Sobre o primeiro destes livros, já tivemos ensejo de escrever opportunamente, nestas mesmas columnas (V. *Boletim* de Agosto de 1934).
- (4) Doubleday, Doran & Co., Edit., Garden City, N. Y., 1936.
- (5) Les Presses françaises, Paris, 1936.
- (6) L. Kochnitzky: *Un Bernin des tropiques* (Formes-Amour de l'Art-Paris, Avril 1934).

Gonçalves Dias — *Cantos de Amor* — S. A. A Noite Editora — Rio.

O prefacio do sr. M. Nogueira da Silva, escripto com amor e entusiasmo pelo genio maranhense, põe em relevo a permanente actualidade do lyrismo de Antonio Gonçalves Dias. E muitas notas, bastante judiciosas sempre, aclaram recantos ainda ignorados da inspiração e da execução litteraria de um artista que nunca esqueceu as prerogativas da cultura ao vasar as suas emoções no papel. Louve-se especialmente, no sr. Nogueira da Silva, o haver seleccionado no grande filho de Caxias exactamente a parte mais duradoura do seu estro: aquella em que elle, deixando narrações épicas um tanto extensas, falava com o coração a um povo que acima de tudo reverencia num poeta o que é producto nitido da sensibilidade.

Lionello Fiume — *Imagini delle Antille* — Paris.

Eis ahi um nome de inequivoca repercussão mundial. Muitas vezes o encontramos subscrevendo magnificas chronicas para o *Mercure de France*, de Paris. Na propria litteratura italiana, o sr. Lionello Fiume desfruta de prestigio de pioneiro da gente moça, porque estuda, define sempre os cerebros novos, os livros recém-vindos. Creador por conta propria, elle o é com o bello vigor dos mediterraneos authenticos, manejando uma prosa em que pensamento e sensibilidade não se damnificam reciprocamente, mas se fundem com uma plasticidade que a alma cantante dos italianos vivifica sempre. Falando dos climas tropicaes, das Antilhas, o sr. Lionello Fiume é mais que um simulador de entusiasmo, uma vez que a proximidade dos seus vulcões o habilita a bem comprehender as gentes americanas nascidas em terras de tanta fogosidade carnal ou moral.

Macario de Lemos Picanço — *Humberto de Campos* — Minerva Editora — Rio.

Se não estamos equivocados, é este o primeiro volume de conjuncto que se imprime sobre o grande Humberto de Campos. Pertencendo á geração nova, o sr. Macario de Lemos Picanço se achava naturalmente indicado para um trabalho desses. Os criticos profissionaes são forçados, em se tratando de figuras da complexidade de Humberto, a separar o memorialista eterno do chronista precivel, a indicar os celleiros europeus em que o autor maranhense se abastecia, a lembrar que nem tudo foi santidade nessa alma tão duramente posta á prova nos ultimos dias. Ora, um leitor entusiasta e moço como o sr. Picanço não está de modo algum obrigado a esses rigores que tantas vezes tornam os aristarchos creaturas odiosas. Admira com todo o fervor e nenhuma restricção o impede de exaltar aquelle que lhe regalou o espirito com tantas paginas profundas ou apenas brilhantes.

UM ENSAISTA CUBANO

Por obra e graça da *Revista Americana* de Buenos-Aires, que nos distinguiu, ha já alguns annos, com a sua representação entre nós, temos tido oportunidade de conhecer alguns valores litterarios continentaes verdadeiramente impressionantes, principalmente da America Latina.

E quem se refere á *Revista Americana* de Buenos Aires não póde deixar de encarecer o trabalho ingente e pertinaz do seu clarividente director Don Victoriano Lillo Catalán, procurando crear um ambiente de reciprocidade intellectual entre paizes vizinhos que se desconhecem mutuamente, não só nessa como nas demais particularidades da sua affirmação e do seu desenvolvimento.

E é da America Central, da chamada « perola das Antilhas », que nos vem agora a revelação surpreendente. Por intermedio do serviço de propaganda da Secretaria de Estado da Republica de Cuba nos envia Juan J. Remos o seu ultimo livro, que se intitula despretenciosamente *Doze Ensaios*. E' um livro massivo (porém não massudo; muito pelo contrario) de cerca de quinhentas paginas, desses que apavoram o leitor antes de entrar no amago do seu texto!... Mas, iniciada a sua leitura, a attracção torna-se irresistivel até o fim. E, mais do que isso: sente-se o leitor seduzido a reler uma e mais vezes trechos, capitulos, ensaios inteiros, para melhor reter a sabedoria dos seus conceitos e se deleitar de novo com o encanto da fórma terna, insinuante, natural, perfeita, sem a preocupação de o ser.

São realmente doze magnificos ensaios sobre motivos ou assumptos que despertam de preferencia a attenção até dos espiritos menos curiosos ou inquietos. E basta enumeral-os simplesmente para comprovar a sua importancia e o seu interesse. São os seguintes, na ordem em que são tratados pelo autor: *O Problema das Emoções*, que assim classifica — a) emoções psycho-physicas; b) emoções sexuaes; c) — emoções parietaes; d) emoções da funcção social; e) emoções estheticas, e cuja analyse é sempre subtil e concludente. *A Religião*, que elle define como a Philosophia do Mystério, e em que faz uma synthese admiravel da evolução do sentimento religioso da humanidade, chegando, entre outras, a esta formula feliz: « Política e Religião são as duas forças cosmicas sociaes que regulam a gravitação no espaço immenso occupado pela vida civilisada em nosso planeta ». *O Amor*, em que estuda este eterno, inquietante, complexo problema humano, em suas multiplas variações individuaes e em sua funcção social, acceitando em parte a theoria freudiana, tão em vóga neste momento, « não sendo possivel prescindir da sua advertencia num estudo sobre a emoção do amor ».

A Palavra é um luminoso ensaio sobre o phenomeno da expressão humana, obedecendo ao postulado do Rythmo, oral ou escripto, pois o rythmo « é o espirito da palavra artistica, assim como o é de todas as manifestações superiores da alma, e está enraizado na propria biologia do homem, como principio basico das emoções e até da propria vida ».

A Musica é um estudo de delicada sensibilidade artistica, onde faz resaltar a « melodia » como ele-

mento da energia creadora na concepção musical, pois « o rythmo está sujeito a uma precisão immutavel, enquanto que a melodia não reconhece limites. O rythmo envolve a physiologia ou a mecanica do corpo musical, enquanto que a melodia é o pensamento que não tem fronteiras e que se espiritualisa com a elevação das suas inspirações ».

As Artes Plasticas revelam no ensaista o critico de arte, não só o conhecedor profundo da sua historia como dos segredos da sua origem e da sua interpretação.

A Emoção do Homem de Sciencia constitue um interessantissimo estudo comparativo entre a emoção artistica e a scientifica, mostrando que só apparentemente existe antagonismo entre ambas, pois « o processo emocional de ambas se estende á fecundação e ao parto da idéia ».

A Emoção Feminina equivale a um paralelo — o problema feminino — cuja solução o autor encontra na educação sexual, isto é, « no dominio dos instintos, collocando o pensamento acima do sexo ». « Falar da mulher, diz elle, é falar da propria vida. O amor é a fonte da vida e o symbolo espiritual do amor é a mulher ».

A Ilusão que se extingue é um grito de alarma em meio ao materialismo absorvente dos nossos dias, afirmando o moralista: « Declarar guerra á espiritualidade é não só um falso systema de destruição das nossas defesas moraes como tambem um attentado de lesa verdade natural. O homem, por um imperativo da sua natureza, necessita crear as ficções que nutrem o espirito ».

O martyrio de ser bom constitue mais uma contribuição de character interpretativo sobre o Cavalleiro da Triste Figura, o heroe de Cervantes, a cuja criação genial dá o sentido profundamente humano dos incompreendidos que sonham com o bem collectivo, a felicidade terrena.

Em torno do jornalismo, o « factor de maior influencia na sociedade contemporanea », tece palpitan-tes commentarios, preconizando a necessidade da escola de jornalistas nos meios cultos, « não só para que nella obtenha o escriptor a cultura geral que todo artista deve ter, como tambem a que corresponde ao sociologo, historiador, critico e philologo, que deve existir em todo jornalista ».

O sentido do lyrismo, finalmente, é uma verdadeira reivindicação litteraria, que se condiciona nesta synthese luminosa: « O conceito vulgar do lyrismo tem deformado a idéia do seu verdadeiro sentido. Só se fala do lyrismo como do inconsciente, como de posições pouco ou nada praticas do espirito, e, portanto, como de attitudes que distanciam o homem da realidade. E nada mais longe da verdade: o lyrismo é a personalidade do homem ou da massa collectiva, é a sensação da alma individual ou popular, o grito intimo que se agita no espirito do individuo, e que, rompendo a estreiteza dos convencionalismos e das imposições exteriores, sae sem esforço, plethorico de sinceridade, com os accentos callidos do coração ou as inflexões reflexivas da intelligencia ».

O Epitaphio de Thomaz Morus

Deixando o convento, pensou Morus em fazer-se simples padre, mas, dentro em pouco, convenceu-se de que, nascido para o lar, seria com extrema dificuldade que se adstringiria ás penosas obrigações do estado ecclesiastico, e, diz Erasmo, «preferiu ser um marido casto a ser um sacerdote impuro»: «*maluit igitur maritus esse castus quam sacerdos impurus*».

E, embora, na *Utopia*, trate do casamento no capitulo consagrado á escravidão, casou-se em 1505, e é curioso como procedeu nessa occasião.

Frequentava a casa de um gentilhomen, que o desejava para genro e tinha tres filhas.

Destas, preferia o philosopho a mais moça, das tres a mais bella e attrahente.

Reflectindo, porém, que a mais velha, Jane Colt, ficaria triste, vendo-se preterida, resolveu-se a amala. E, apesar de não ser aquella pela qual sentia maior inclinação, com ella se consorciou em 1505, sem, de certo, pôr em pratica os preceitos eugenicos preconizados por Erasmo nos *Colloquios* e por elle proprio adoptados na *Utopia*, onde os noivos, antes de contrahirem casamento, primeiro se examinam em estado de plena nudez.

Em 1510 morreu Jane, deixando-lhe um filho e tres filhas.

Joseph Delcour, auctor catholico, e, ao que parece, devoto fervoroso do Sancto, afflige-se, em obra recente: *Deux Saints Anglais: John Fisher et Thomas More*, pelo facto de haver Morus, no mesmo anno de sua viuvez, convolado a segundas nupcias com a viuva Alice Middleton, e explica, pela tenra idade dos pequeninos orphãos, a precipitação do novo matrimonio.

Como se vê, bastaria a simples enumeração desses themas do mais vivo interesse, para se aquilatar da superioridade do espirito que os versou com sabedoria e encanto inexcediveis. Mas Juan J. Remos não é só o ensaista erudito e attraente, como tambem didacta, philologo, historiador, sociologo, jornalista, theatrologo, enfim o polygrapho admiravel cujo espirito scintilla sob varias facetas e cuja bibliographia é já bastante consideravel e das mais interessantes.

E como esse, quantos valores mentaes dignos do maior apreço não possuirão os demais paizes da America e de cuja existencia nem sequer temos noticia, por falta de uma articulação, de um intercambio regular entre os escriptores continentaes?!

Ahi fica a reflexão desolada, como estimulo aos incorporadores de mundos desconhecidos...

MARIO VILALVA.

Errata — No nosso artigo do numero anterior saiu lamentavelmente estropiado o ultimo alexandrino da segunda quadra do soneto admiravel de Cepellos.

Como saiu:

Imperturbavel, atravessae o abismo.

Como devia ter saído:

Imperturbavelmente, atravessae o abismo.

M. V.

Em excellente livro: *Réformateurs et Publicistes de L'Europe*, não é, porem, tão indulgente Adolphe Franck, que regista, com espirito voltairiano, um epitaphio latino composto por Morus para o tumulo, onde esperava repousar ao lado das duas esposas, lastimando-se — e não tem faltado quem malicie esse pezar — não houvessem o destino e a religião consentido o acompanhassem ellas, na vida, como deviam acompanhá-lo na morte e no céu: «ó, como seria bom si, permittindo-o o fado e a religião, tivessemos podido viver, ao mesmo tempo, os tres juntos!» (como se vê, franca tendencia á bigamia, embora subjectiva):

«O simul, o juncti poteramus vivere nos tres
Quàm benè, si fatum relligioque sinant!»

Para delicia dos humanistas, transcrevo aqui, na integra, esse original epitaphio:

«Cara Thomae jacet hic Johanna uxorcula Mori,
«Qui tumulum Aliciae hunc destino, quoque mihi!
«Una mihi haec conjuncta virentibus annis,
«Me vocet ut puer et trina puella patrem.
«Altera privignis, quae gloria rara novercae est,
«Tam pia, quam gnatis vix fuit ulla suis.
«Altera sic mecum vixit, sic altera vivit,
«Carior incertum est haec sit an haec fuerit.
«O simul, o juncti poteramus vivere nos tres
«Quàm benè, si fatum relligioque sinant!
«At societ tumulus, societ nos, obsecro coelum!
«Sic mors, non potuit quod dare vita, dabit!»

«Aqui jaz Joanna minha mulherzinha querida, de mim, Tomás Morus, que destino este tumulo a Alice e tambem a mim!

«Só a primeira, unida a mim em meus verdes annos, deu lugar a que me chamem pai um menino e tres meninas.

«A segunda foi tão boa para os enteados quanto qualquer mãe o é para seus proprios filhos — gloria rara para uma madrasta!

«Uma viveu e a outra vive commigo de tal modo que não sei qual me é mais querida.

«O' como seria bom si, permittindo-o o fado e a religião, tivessemos podido viver, ao mesmo tempo, os tres juntos!

«Mas — impetro-o aos céus — associe-nos, associe-nos o tumulo!

«E, dest'arte, dar-nos-á a morte o que nos não pode conceder a vida!»

IVAN LINS.

(Do livro a apparecer, «Thomas Morus e a Utopia».)

— O Sr. Albert Béguin dedica um volume á vida e á obra de Gérard de Nerval. Referindo-se a este livro, no qual apparecem cartas do poeta aos seus mais proximos, Francisco de Miomandre, nas *Nouvelles Littéraires*, um pouco paradoxalmente, defende o ponto de vista de que, ao contrario do que se suppõe, um artista está muito mais na sua obra do que nesses documentos intimos. E' que na esphera da ficção elle vac a confissões que não ousaria no plano real da vida.

— Em *Ombres Vivantes*, Gabriel Brunet dedica uma serie de ensaios a Machiavel, La Fontaine, Bernardin de Saint-Pierre, Napoleão, Samain e outras figuras com projecção na politica e nas letras.

O Castro Alves de Edison Carneiro

Não ha duvida que os verdadeiros poetas resistem á injustiça e á incompreensão. Isto se póde deduzir da leitura dos estudos de critica sobre o incomparavel Castro Alves, desde o do meu tio-avô Alexandre Herculano Ladislau, que só agóra descobri ter sido litterato, até o do sr. Pedro Calmon, talvez o ultimo historiador a se occupar do Poeta dos Escravos. De Mucio Teixeira, admiravel traductor para o portuguez de um verso de Gauthier por elle desdobrado, que desmoraliza por completo o aphorismo « traduttore, tradittore », desse nem se fala. Desenhando retratos de Castro Alves tardes a fio, quando redactor de debates da Assembléa da Bahia, só accrescentou á obra do Poeta alguns factos imaginarios que pouco ou nada adiantam á sua comprehensão. E assim quasi todos os seus biographos e os taes discipulos, a que o sr. Afranio Peixoto, com um mau gosto evidente, chamou de « cástridas », vocabulo que relembra qualquer coisa de pouco varonil que não se liga absolutamente á existencia do Cantor da Liberdade.

Felizmente, fugindo a essa regra, pelo facto mesmo de ser o seu autor um dos escriptores mais vigorosos da sua geração, acaba de apparecer, em edição da Liv. José Olympio, um livro de Edison Carneiro sobre Castro Alves, livro que explica, de maneira materialista, os factos mais notaveis da vida do Poeta e, mais, aquelles da sua época a que as contradicções da estrutura economica da sociedade deram uma expressão cultural.

Castro Alves foi um apostolo das idéas generosas do seu tempo, diziam vagamente os seus criticos e biographos. Castro Alves foi um propheta. Mas um esclarecimento a respeito das predicções do Poeta, o sentido social-revolucionario da sua poesia, o significado das reivindicações humanas que uma classe dirigente mal surgida no Brasil transformava em arte através da sua voz, — isso não o disseram os seus criticos. E' que lhes faltava um methodo dialectico para interpretar a obra do Poeta.

E' certo que se póde arguir o livro do ensaista bahiano, e não sem razão, de um certo rigorismo economico, assim como de um abuso de chamadas e notas supplementares que, de algum modo, deformam um volume de critica tão interessante e com um methodo tão novo para o nosso meio, qual seja

o da applicação da dialectica materialista à obra de um poeta. A critica litteraria cedendo lugar à critica social... Mas, si esses defeitos (que deixam à mostra a reforma no plano do livro que passou pelas mãos de Monteiro Lobato fino como um caderno de poesias e, de volta às mãos do seu autor, foi para o prélo mais alentado) são graves, tratando-se de um ensaio, não chegam, entretanto, a tirar parcella alguma do valor de *Castro Alves* de Edison Carneiro.

Verdade é que o seu autor joga, nesse livro, com uma arma — a paixão, — perigosa para a critica, genera que antes do mais exige serenidade. Arma que, no caso de Castro Alves, é uma arma sem gumes. Que escriptor brasileiro poderia exercer, sem paixão, a critica da sua obra ainda não explicada? Seria não comprehender Castro, seria negar Castro, da maneira por que elle tem sido negado, inconscientemente, tantas vezes. Que poderia accrescentar à explicação da obra do Poeta a frieza de um critico como o sr. Xavier Marques, que, sendo itaparicano, parece ter uma concepção geographica da literatura e escreve romances-archipelagos, cujos personagens são ilhas cercadas de agua por todos os lados? Faltava a este, como a outros biographos e criticos do Poeta, essa *paixão comprehensiva* que, sendo uma arma de manejo perigoso, póde, entretanto, ser usada, com vantagem, por um escriptor da agilidade de Edison Carneiro. Diante da vida apaixonada do Poeta, a paixão comprehensiva da sua obra.

Poeta libertario, certos versos de Castro Alves, mais do que como chicotadas na face dos escravocratas, tinham um sentido de classe bastante caracteristico para chamar a burguesia nascente à defesa dos seus interesses de valorização da fôrça-trabalho da massa escrava, cuja producção baixava dia a dia. E que acção formidavel foi a sua, não somente no sentido da abolição, que certos criticos olham com um sentimentalismo exaggerado, mas tambem no sentido do reconhecimento da poesia americana, dessa poesia que elle elevou mais alto do que Walt Whitman! Não escapou a Euclides da Cunha, arguto e torturado pela argucia, esse sentido mundonovista da obra de Castro Alves. Nelle, a voz da terra falava mais alto que os reclamos da escola litteraria. A natureza falava aos seus ouvidos assim como os estertores dos explorados, com mais altas vozes que as idéas culturais de que não somente tinha noticia, embora a sua vida bohemia (1), para a citação de Hugo, para o culto de Musset.

Essa a razão por que Edison Carneiro, no seu volume sobre o Poeta, dedica um capitulo à influencia de Castro Alves sobre os seus irmãos da America e ao seu confronto com esses poetas. Avançando em conceitos aqui, apressado adiante, o critico a cada passo trae a sua ansia de fazer um livro sobre o Poeta dos Escravos, a pressa de situar Castro Alves antes que outro escriptor da sua geração o fizesse. Talvez por isso mesmo, Edison Carneiro, grande estudioso dos problemas negros, tenha se esquecido de estudar a influencia de Castro Alves sobre alguns desses poetas, que, nos Estados-Unidos e na America Central, como o brasileiro Raul Bopp, escrevem, de

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

F I L I A E S :

Rua Libero Badaró n. 49
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502
Bello Horizonte

facto, poesia negra (2). Influencia ou, ao menos, merito de precursor, que Castro Alves possui sobre Hughes, Carruthers, Palés, Guillén, Countee Cullen, Jacques Romain...

Cantor da liberdade dos escravos, propheta da burguezia revolucionaria e do advento do proletariado, Castro Alves sae, vivo e muito humano, das paginas do livro de Edison Carneiro. Um Castro Alves «sem medida», como o queria Euclides e como sempre o figuraram os môços. Mas um novo Castro Alves, para aquelles que sentirem pela primeira vez a companhia do Poeta com o livro da sua vida escancarado pela dialectica materialista.

AYDANO DO COUTO FERRAZ.

(1) Nesse ponto, e dado o proprio methodo de critica empregado pelo autor, discordo da sua opinção, quando chama as aventuras amorosas de Castro Alves de «gloria ephemera do amor venal», de «vagabundagem inutil». E' pesado demais para um genio.

(2) Essa tarefa, tomei-a sobre os meus ombros, quando da realizção, na Bahia, do 2.º Congresso Afro-Brasileiro. — Vide *Castro Alves e a poesia negra da America (Estado da Bahia, numero especial dedicado ao reconcavo, 13—III—37)*.

Romualdo Brughetti — *18 Poetas del Uruguay* — S. Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

Quem quer que confeccione uma anthologia destas não pôde calcular o interesse com que será lido em outras plagas. Nós outros americanos temos, especialmente em discursos diplomaticos de sobremesa, a persuasão de que intellectuaes desta parte do mundo se conhecem muito uns aos outros, e dahi se amarem e se prezarem tanto. A verdade é bem outra. Tudo quanto na America do Sul se escreve em castelhano não é objecto de grande consummação do lado dos que escrevem em portuguez. E o opposto será ainda mais doloroso e prejudicial para nós outros... Bem haja, portanto, um critico, um estudioso como o sr. Romualdo Brughetti, que nos fornece, em volume não muito extenso, o essencial da poesia do Uruguay. Aqui no Rio só é bem conhecido o nome de Juana de Ibarbourou e talvez o de outra confreira sua, não tanto pelos versos que compôz como pelo facto de haver perecido num horrivel drama passionnal. O florilegio do sr. Brughetti vem provar que existem ali muitos lyristas de primeira ordem, nos quaes o mysticismo ou a combatividade castelhana renasceu enriquecida.

João Accioli — *Olho d'Agua* — Saraiva & Cia. — São Paulo.

Na dedicatória com que nos distingue, o sr. João Accioli informa-nos ser do Estado de Goyaz. Emtanto, não predomina em seu livro o elemento campezino. Mais do que a paizagem preocupa-o a alma das creaturas. Com bastante delicadeza e relativa originalidade de expressão, esse poeta volta-se de preferencia para os sêres mallogrados, para os que não têm razão de olhar o mundo com os oculos optimistas do doutor Pangloss. Sobre as mulheres perdidas e as creanças pobres encontra uns conceitos que nem parecem partir de espirito tão joven, tal a aversão á rhetorica e a rapidez de traços com que dá corpo ás suas imagens.

Se V. S. pensa no futuro... procure o

« LAR BRASILEIRO »

ASSOCIAÇÃO DE CREDITO HYPOTHECARIO

Elle o ajudará pois é uma — Gigantesca potencia economica — Formidavel Potencia Moral de Trabalho e
— de virtude —



Emprestimos — Depositos a Prazo
fixo ou não — Contas correntes
— limitadas —

Séde - Ouvidor, 90 - Tel. 23-1825 (Rede interna)

A REFORMA

A autoridade papal, devido a diversas causas de ordem social, de ordem economica, accrescido tudo isso pelo schisma do occidente e pela estadia dos papas em Avignon — estava verdadeiramente abalada, desde o seculo XIV como no seculo XV.

Ao mesmo tempo o Renascimento fez resurgir nas almas um forte surto de paganismo, de apêgo ao material, de instincto sem freios, a moral christã periclitou, os costumes começaram a se corromper: o homem se julgou senhor de si e pretendeu dispensar a autoridade da Igreja.

De outro lado o clero se afastava de Christo, muito interessado e muito apegado aos bens materiaes. Os bispos eram na maioria grandes senhores capitalistas. O humanismo pagão os havia contaminado e ameaçava os alicerces da Igreja.

Uma reforma se impunha e com urgencia. Mas uma reforma que se operasse com a humildade, com a obediencia, com a unidade da Igreja, dentro da Igreja, a favor da Igreja.

Luthero pretendeu reformar a Igreja, mas reformal-a com o orgulho, com a desobediencia, com o odio, fóra da Igreja, contra a Igreja, contra a disciplina, contra a ordem. E, provocou dentro de sua propria reforma a controversia, a fragmentação, as contestações, — a reforma contra a reforma.

Por isso, a Igreja catholica reformou-se a si propria dentro da disciplina, sem se afastar de Pedro, de sua unidade, de sua tradição, de sua eternidade, pois como está escripto: as portas do inferno não prevalecerão contra ella.

A reforma catholica não podia ser feita com a heresia nem com o schisma. E a Igreja se reformou então com o Concilio de Trento. Este concilio durou dezoito annos.

Ao terminar, já sob o pontificado de Pio IV (1565), a Igreja assegurava a vitalidade eterna do catholicismo, attingido pelas forças mais diabolicas que se desencadearam na terra.

A moral christã foi restaurada, e o dogma continuou com a sua força.

As questões disciplinares foram definitivamente estatuidas e o clero se renovou em Jesus, novas ordens religiosas apparecem providencialmente: a Companhia de Jesus, fundada por Santo Ignacio de Loyola, surge para sanar os males da Reforma.

O monge agostinho de Wittenberg — Martinho Luthero (1483-1546) esperava a occasião propicia para proclamar a sua rebeldia contra a Igreja.

Esta oportunidade chegou por occasião da questão das indulgências.

Isto se deu do seguinte modo: os papas Julio II e Leão X haviam concordado conceder indulgencias aos que contribuíssem para o termino da construcção da Basilica de São Pedro, em Roma. Mas não bastava a esmola material, era necessaria com ella, — ao mesmo tempo que ella — a pratica dos sacramentos. Forçava-se assim o capitalista ausente da Igreja a penetrar nella e ceder um pouco de suas riquezas á construcção do principal templo christão e repositório de arte sacra.

Entretanto, a ignorancia e possivelmente o materialismo de alguns predicadores deram a uma questão de fins tão eleavdos, um carater de empreza financeira. Nós já vimos que os vicios do capitalismo tinham contaminado o clero. Optima occasião era essa para um espirito mal intencionado e desobediente, fascinado pela publicidade e pelo successo como o de Luthero, apparecer.

O frade agostinho explorou pois a occasião, e no dia 31 de Outubro de 1517 pregou nas portas da igreja do castello de Wittenberg 95 theses com as quaes expunha as suas opiniões pessoaes a respeito das indulgencias, sem entretanto tomar uma attitude definitiva.

Os humanistas exploraram o escandalo, insuflaram o monge orgulhoso, e foi ahi que os dominicanos responderam na altura.

O papa julgava até então que o occorrido fosse apenas uma discussão entre ordens religiosas. Vendo porém que o caso não era tão simples quanto parecia, e que um caudal enorme de exploradores instigava e apoiava por questões pessoaes

e politicas o agostinho revoltoso, interveiu pelo breve de 23 de Agosto de 1518 pelo qual delegava poderes ao cardeal Cajetan, de conseguir uma retratação de Martinho Luthero.

Porém o frade já havia, alem das 95 theses rebeldes, publicado um commentario sobre a Epistola aos Romanos, em que alargava o ambito de suas contradictas á Igreja catholica.

Então Leão X por via de sua bulla «Exsurge» de 15 de Junho de 1520 condemnou 41 proposições do monge separatista.

A obediencia em que a Igreja de Christo sempre se estribou mandava que o frade se submettesse á autoridade paternal do Summo Pontifice.

Luthero assim não agiu: convocou á praça publica uma multidão de estudantes, doutores e politicos e queimou, com escandalo, perante aquella gente, a bulla que considerava as suas theses sediciosas e hereticas.

O schisma se propagou como uma epidemia. Os senhores viram na Reforma uma bôa oportunidade para usurparem as posses ecclesiasticas e todos concordaram em que se devia exaltar mesmo a consciencia individual, desobedecendo, apoderando-se dos bens da Igreja, proclamando-se independentes e capazes de não só se governarem por si mas de agirem independentes do Papa, em materia religiosa. Deprezavam o Papa e cada qual se proclamava um ridiculo pontifice a seguir doravante com a sua ignorancia e as suas conveniencias pessoaes.

Nada se podia mais contra a desordem. Abalado como tinha sido o principio da autoridade e da ordem, negadas a obediencia e a humildade, as forças do mal levaram os homens a todos os excessos, independentemente agora de sua vontade: Luthero, politicos que haviam feito deste frade um simples instrumento de suas ambições, principes, bispos que se tornaram lutheranos para defender os seus bens ou se apoderar dos bens da Igreja, padres que desejavam contrahir casamento, tudo se precipitou numa tremenda voragem que ia culminar na carnificina e na barbarie.

JORGE DE LIMA.

(Trecho do livro, a apparecer, «Historia da Terra e da Humanidade, para escolares».)

«Haikais» de Osorio Dutra

CANICULA

*Sobre o pó do caminho
Uma cobra coral
Toma banho de sol.*

THEATRO

*Outeiro da Gloria.
Sonho de um dia de chammas
Sob a doçura do céu.*

NORDESTE

*Casa-Grande. O engenho. O rio.
Pelas lavouras se escuta
O echo do Bumba — meu boi.*

CIRCO

*Um bem-te-vi se equilibra
Sobre a ponta da palmeira.
Marrecos viaam o artista.*

DEFEZA

*Alçapão na goiabeira.
Uma arapuça na sombra.
Canarios cantando ao longe.*

POESIA

*No sobrado de azulejo
Vê-se a rêde de tucum...
Vou chamar Manuel Bandeira.*

BIOMBO

*Uma folha de lotus...
O sorriso de um Buddha...
Farandula de geishas.*

PHILOSOPHIA

*Primeiro amarra teu burro.
Depois a Allah recommenda-o,
Tal como ensina Saadi.*

ESCALA

*Foi um mendigo de Tripoli
Que poz Leilah nos meus braços.
Dei-lhe uma libra e parti.*

BAILADO RUSSO

*Ambiente de samovar.
A sombra azul de Nijinsky
Passa envolvendo a Pawlova.*

CRIME

*Foi uma vez em Bagdad...
Mulheres, flores, perfumes
E o serralho de Al-Rachid.*

ERA UMA VEZ

*Conta-me historias baixinho:
Faz de conta, Scheherazada,
Que ainda existe um Scharriar.*

COKTAIL

*Espiraes de fumo turco...
Em finas taças de Imári
Serve-se chá de Ceylão.*

MORTE

*A penna quebrada
Repousa sobre o tinteiro.
Ausencia de tudo.*

BRUGES

*Caricia de plumas...
Sobre a agua azul dos canaes,
A galera de um cysne.*

MARIPOSA

*Bateu-me na porta...
Corri para ver quem era...
Já tinha fugido.*

EMOÇÃO

*Tenho meus olhos enxutos
E uma lagrima, entretanto,
Cae sobre a folha em que escrevo.*

MYSTERIO

*Um passaro canta
Na sua bocca vermelha...
Mas quem sabe o seu nome?*

BERCEUSE

*Ajusta-se a canção...
Vae morrendo a esperança.
O nosso amor tambem.*

VERLAINE

*Noite feita de caprichos
E de perfumes lunares.
Escuta a canção bem doce!*

SCHUMANN

*Borboletas indo e vindo...
A alma do piano desperta
Num sonho de azas e sons.*

IMPREVISTO

*Pescador, toma cuidado!
Bem pôde um peixe estouvado
Arrancar o teu anzol.*

NOCTURNO

*Versos de amor andam no ar.
Ouve-se um beijo á distancia.
Passa correndo uma sombra.*

SILENCIO

*A doçura da tarde
Guarda o perfume das rosas.
Qualquer palavra é de mais.*

Helio Lobo — *Um Varão da Republica* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

O sr. Helio Lobo, diplomata e membro da Academia de Letras, discorre neste volume sobre a figura de seu pae, Fernando Lobo. Muitos são os pormenores biographicos e criticos evocados para evidenciar que se trata de um perfeito varão de alma republicana, de um homem que se bateu pela democracia sem pensar na fartura dos despojos a obter após a victoria e sim desejando que as nossas instituições se modelassem num sentimento de fraternidade comparavel ao da velha Roma agricola. Especialmente Minas Geraes deve bastante a esse batalhador de animo incorrupto, para quem a disseminação dos principios liberaes era uma especie de magistratura elevadissima e que olhava o povo como um desdobramento da sua familia, pretendendo educar o ultimo dos trabalhadores como educaria uma creatura da sua estirpe. Um nobre exemplo a ser lembrado nesta hora de tanto alarido verbal e de tão escassa politica constructora.

Edição Ariel:

VERTIGEM
Romance de GASTÃO CRULS

2.^a Edição

« O JOGUETE »

Depois do livro de contos *Passa Tres*, Origenes Lessa nos dá um romance, *O Joguete*. Cesario Vidal, advogado rico, relacionado na alta, vive num lar honesto, ao contrario de seus clientes Salles e Pereira Neto. Vidal está tratando do divorcio dos dois amigos. Casos escandalosos, commentados no clube, nas ruas, em toda parte. O nome de Vidal se torna quasi celebre á custa do escandalo conjugal de seus clientes.

A advocacia não é para Vidal um prazer. Elle aprendeu, na sua profissão de revolver chagas mo-raes, a não ter pena dos homens, mas a ter nojo delles, senão a odia-los. Vidal se esquece de que há no mundo muita reserva de bon-dade. Anno após anno, elle veiu sentindo «um nojo progressivo por aquella humanidade cujas chagas revolvía» — é o que nos conta o romancista.

Vidal é de um pessimismo terri-vel. A observação da moralidade de seus amigos (amigos não é o ter-mo, que elle não tem nenhum), a observação da mesquinhez de seus conhecidos, de certas mulheres que perderam a felicidade da virtude, enche de fel os dias de Vidal, dos frequentadores de seu clube, de sua roda. Tudo para elle é mentira, é hypocrisia, é maldade. Um dia, em seu escriptorio, recebe uma car-ta anonyma. Começa então sua gran-de angustia. Desconfia da honesti-dade da esposa. Lucia será como outras que elle conhece? Sua affec-tuosa companheira de tantos an-nos será como a esposa de seu cliente Salles, como a de seu cliente Pereira Neto? E quem teria escripto a carta? O proprio Salles, o Pe-reira Neto, este ou aquelle? Seria Julita, moça de habitos livres apai-xonada por elle?

A desconfiança vae roendo, vae roendo... Vidal já não é o mesmo. A idéa fixa da traição faz delle um joguete dos impulsos mais desen-contrados. Soffre, soffre muito. Tan-to mais quanto mais se analisa e mais se desorienta na confusão des-sa auto-analyse doentia, em que elle mistura as observações do meio on-de vive e reminiscencias de suas leituras de bacharel. Perde-se a phi-losophar sobre a familia. Ha po-vos em que a familia é diferente.

O que para nós é odioso para el-les é naturalissimo. Vidal se pre-dispõe á tolerancia, como si isso lhe fosse possivel. Vae a theatros, evi-ta o lar, embebeda-se.

Nem sequer uma vez, porém, vol-ve os olhos para o alto... Vidal não acredita, parece não acreditar, durante todo o desenrolar do ro-mance, numa vida superior.

Convenceu-se de que os homens são maus e de que não é possivel melhora-los. O nascimento é um crime. Os paes são criminosos. Eis a amarga philosophia do bacharel elegante que recebeu uma carta ano-nyma contra a esposa, contra a companheira de tantos annos de paz.

Coragem para se abrir com a esposa elle não tem. E o soffrimen-to vae augmentando. Vidal é um joguete de idéas e emoções. Esta desorientação descripta por Orige-nes Lessa bem define seu perso-nagem. São perguntas que Vidal faz a si mesmo: «Como saber? Per-guntar? Indagar? Mas era loucura. Era amesquinhar-se, insultar-se, di-minuir-se. Abrir-se francamente com Lucia? Mostrar a carta? Qual se-ria sua attitudo? Rir? Zangar-se? Protestar? Offender-se? E que si-gnificaria tudo aquillo? Vale algu-ma coisa uma attitudo, uma palavra, um gesto, uma vida? (Como obser-vam os leitores, ha no persona-gem a ausencia de uma concep-ção superior, de uma concepção es-piritual da vida). E qual era sua attitudo pessoal? Acreditava? Não acreditava? Insultava-se? Divertia-se? Sorria? Tomava a sério? Era então tão mesquinho e tão vil que não atirava pela janella, sem ler, uma carta anonyma? Nunca se ima-ginara tão pequeno. E era com uma sensação de acabrunhamento, de desamparo, de naufragio que elle se via a olhar o filho, angustiado, analysando...»

E a intima tortura de Vidal, ma-gnificamente analysada pelo autor, vae augmentando. Até que um dia...

Um dia elle descobre que a carta anonyma não é para elle. Tudo se esclarece. O missivista trocara os enveloppes. Vidal renasce pa-rra a vida do seu lar honesto. Sae como um louco do escriptorio. Quer ajoelhar-se aos pés da companhei-ra fiel, da esposa que não perdeu

a felicidade da virtude. Mas pelo caminho Vidal continúa sendo um joguete. Vae pensando: «ainda que cahisse aos pés de Lucia e embora perdoado, aquelles dias atrozes não se iriam mais. O abysmo cavado por elles ficaria sendo real. O tra-balho da tortura, da duvida, da angustia ficaria.»

E em vez de ajoelhar aos pés de Lucia, da bôa companheira de cuja lealdade elle duvidara, em vez de refazer a tranquillidade antiga, eis o que elle fez:

«Entrou. Não sabia onde. Seus passos batiam no soalho. Seu co-ração batia no peito. Desordem. Descompasso. Viu os olhos de Lu-cia. Frios, altivos. Distantes. Viu os olhos do filho. Outros. Estranhos. Assustados. Ou foi no mesmo ins-tante ou foi seculos depois. Puxou do revolver. Os tiros soaram. Sec-cos. Martellados. Mecanicos. Tá! Tá! Tá! Em redor, o silencio. No chão, estendida, Lucia. «O estado em que foi encontrada a victima», dos reportéres policiaes. Mais além, o garoto. Manchas vermelhas. Li-vros indifferentes nas estantes. Uma gravura colorida sobre a mesa. Num sorriso indefinivel, Marlene Dietrich vestida de homem...

Cansada, arquejante, chegava ao seu espirito e começava a tomar corpo a idéa vaga e confusa de que não era bem aquillo o que devia ter feito.»

E' assim que termina o romance de Origenes Lessa.

Qualidades que devemos accen-tuar no romance de Origenes Lessa:

— a vivacidade do estylo e sua clareza;

— ausencia de logares-communs;

— respeito ao idioma, provando que é possivel ser moderno e ao mesmo tempo escrever direito;

— a finura, a precisão psycholo-gica e a naturalidade litteraria com que o autor vae desenvolvendo os raciocinios de seu personagem prin-cipal, sua duvida, sua angustia, suas emoções e seus impulsos contradic-torios;

— uma technica por assim dizer cinematographica na apresentação de scenas, o que é de optimo ef-feito litterario nesta época de syn-these, em que um Michael Gold sa-be contar, em meia duzia de linhas,

Discos

GRAVAÇÕES POPULARES

Victor — 34.206 — «Itaquary», *batuque indigena, de Principe Pretinho. Dalva de Oliveira, dupla Preto e Branco e conjuncto Bohemios da Cidade.* — Raramente se produz alguma cousa como Itaquary. Mostra um adeantamento musical, que enche verdadeiramente de alegria a quem acredita nas possibilidades de nossa musica popular. Dalva de Oliveira é uma excellente cantora e se continuar com a mesma orientação acreditamos poder contar-a entre as pouquissimas que realmente valem um adjectivo de mais alto quilate. A dupla Preto e Branco faz um contra canto sem nenhum exaggero, entra sempre na hora, cousa que é rarissima entre nós — todos entram atrazados... O acompanhamento bom. Um disco que dá prazer, que nos enche dum secreto orgulho, que dá vontade de conhecer o nome de compositor que se esconde num modestissimo pseudonymo de Principe Pretinho.

Victor — 34.204 — «Opinião de mulher», *samba de Benedicto Lacerda e Herivelto Martins.* — Sem ser nada de destacado, agrada. Principalmente pela boa interpretação que lhe dá Aracy de Almeida que, fóra os seus conhecidos defeitos — ella parece faz força para jamais corrigilos — sempre dá conta do recado, porque poucas como esta sympathica cantora têm uma noção tão instinctiva do rythmo do nosso samba carioca. Acompanhamentos bons dos Bohemios da Cidade, um conjuncto que tem impressionado muito bem.

o que escriptor derramado mal contaria em vinte ou trinta paginas. (A proposito: a nós nos parece viavel a transposiçãõ deste romance de Origenes Lessa para o cinema. Enredo simples, episodios e personagens expressivos muito aproveitaveis na tela. Mas no cinema os directores certamente exigiram a módificação do desfecho: em vez de matar a esposa, Vidal teria que beijal-a muito e ir fazer com ella e o filhinho uma estaçãõ de repouso...)

Haverá tambem defeitos no livro. A's vezes Origenes Lessa deixa de ser apenas romancista para se transformar em caricaturista da realidade, em deformador, portanto. Exaggeros de apreciaçãõ. Generalisações forçadas.

Nada disso, porém, diminue na essencia os seus meritos de romancista. Como alguém já escreveu a seu respeito: «um grande romancista que está amadurecendo naturalmente no trepidante clima humano de S. Paulo.»

CID FRANCO.

Victor — 34.203 — «Esquecimento», *tango canção de Vicente Celestino e Mario Rossi; e «Juão», canção de Henrique Beltrão.* Canto por Vicente Celestino. Musicas inteiramente miseraveis. Parece incrível que uma companhia gramophonica — que deve ter gente controlando a qualidade das suas producções — tenha a coragem de lançar uma monstruosidade dessas.

Victor — 34.205 — «Quem é que paga a gazolina», *chorinho de Gadé; e «Eu ouvi dizer», samba-chôro de Leonel Azevedo e Sá Boris.* Odette Amaral uma voz que agrada bastante, tem melhorado sensivelmente. Pena é que seus discos sejam de musicas tão sem importancia como esses dois.

Victor 34.199 — «Numa roda de samba», *samba-fox de Heloisa Helena.* Já notou Kayserling que uma cousa matava os brasileiros — o senso da imitação... Depois dum samba-tango que appareceu e que Carmen Miranda popularizou com felicidade, começaram a chover os sambas-rumbas, os sambas-fados, etc., indice duma espantosa capacidade de ser mediocre. Agora vem um samba-fox. É incrível conceber-se cousa mais abestalhada que isso. Não acreditamos absolutamente que a senhorita Heloisa Helena seja a autora. São cousas de publicidade para quem vae ser estrella dum filme nacional... Porem seria interessante que ella se responsabilizasse por cousas ao menos mediocres, quando esse samba é apenas uma monstruosidade. Interpretação mediocrissima de Heloisa Helena. Acompanhamentos Bons dos Diabos do Céu.

Odeon — 283.092 — «A message from the man in the moon»; e «Tomorrow is another day», *foxes de B. Kaper, W. Jurman e G. Kahn, do filme «Um dia nas corridas», pelos celebres comicos Irmãos Marx.* São do mais vivo interesse no genero, trazendo ambos magnificos refrões vocaes. Desempenho orchestral de Ted Fiorito, muito bom.

M. R.

NOVO TRABALHO DE GILBERTO FREYRE

Ao apparecer este numero do Boletim, já deve estar em circulaçãõ e tambem exposto á venda nas nossas principaes livrarias um novo trabalho de Gilberto Freyre, o conhecido autor de Casa Grande & Senzala. Trata-se agora de Mucambos do Nordeste, uma interessante monographia que traz por sub-titulo «Alguas notas sobre o typo de architectura popular mais primitivo do Nordeste do Brasil».

Esta publicação é a primeira de uma serie que nos promette o novel mas já efficientissimo Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional, em boa hora confiado ao zelo e á intelligencia de Rodrigo M. F. de Andrade.

Mucambos do Nordeste está fadado ao melhor exito, não só pelo grande nome que o assigna, como porque, illustrado primorosamente e até a cores na fiel reprodução de magnificos trabalhos de D. Ismailovitch e M. Bandeira, é documentario da mais subida importancia para o estudo das nossas construcções mais rudimentares.

Clovirio Térbo — *Versos Aureos de Pythagoras* — Rio.

Um mysterio cerrado envolve o nome desse traductor. Nada conseguimos saber delle e nem mesmo vem em seu opusculo a indicaçãõ da typographia em que foi impresso. Tudo isto, porém, não nos impede de reconhecer que os versos de Pythagoras encontraram, no momento, excellente interprete em nosso idioma. O sr. Clovirio Térbo, assim se chame ou se haja disfarçado assim, conseguiu manter no portuguez, lingua prolixa e emphatica, aquella especie de sequidão conceituosa que é característica do mestre dos gregos. O seu folheto deverá ser retido nas bibliothecas, tanto mais quanto não tomará grande espaço nellas e consequentemente não prejudicará os gordos autores de tanto in-folio em que se faz por ahi afóra um tão deploravel consumo de cellulose de pinheirc.

Padre Bertholdo Braun — *Santo Ignacio de Loyola* — Liv. do Globo — Porto Alegre.

Os adversarios da Igreja, especialmente aquellos que fazem erudição percorrendo os romancistas de fancaria, habituaram-se a vêr, nos jesuitas, terriveis «homens negros» que convém repellir e conspurcar a todo transe. Santo Ignacio de Loyola, para esses freguezes da litteratura de cordel, é uma especie de Talleyrand ainda mais enredador e tortuoso que o outro. Todos os machiavelismos lhe são attribuidos e, no emtanto, não houve caracter que suggerisse mais de prompto a idéa da linha recta, não houve nenhum europeu do seu tempo com uma tão infal-seavel unidade de acção social e moral, e até, ao que evidencia intelligentemente o padre Bertoldo, com maior capacidade de ser humilde deante dos fracos, dos bastardos da sorte, dos esquecidos pelas festas da vida. Este bello livro faz-nos vêr um Santo Ignacio integral e sem deformação ou sombra que comprometta o émulo de Santa Thereza de Jesus. A titulo de lembrete, indicaremos que a Livraria do Globo, editora do trabalho do illustre jesuita Braun, vem tambem de lançar as *Historias dos Mares do Sul*, de Somerset Maugham, especialista na fixação de climas exoticos; a *Revolução Franza*, de Otto Flake, onde se observa um grande esforço de imparcialidade; a *China, Velha China*, de Pearl S. Buck, prosadora indecisa entre a reportagem e a ficção, mas sempre bem legivel, e *A Força Mysteriosa*, de J. H. Rosny Ainé, francez em quem muitos enxergam um precursor dos romances inter-planetarios e das antecipações scientificas do inglez Wells.

CIGARROS DE LUXO

HOLLYWOOD

LISOS OU COM PONTA
DE CORTIÇA

Maço — 1\$400

CIA. SOUZA CRUZ

A HORDA

Seculos havia já que os Pitecanthropos descera das arvores e ajuntaram pedras para vedar as entradas das cavernas soturnas. Aos dois, aos cinco, aos dez, unidos no ambiente da floresta gigante, tentavam infundir-se de um sentido novo, a coragem aggressiva, possível só áquelles que não se sentem isolados. E, contudo, ainda não ousavam.

O rio, o monte, a penedia, a estepe, o mar, o firmamento limitavam-lhes as audacias, impondo-lhes atrevimentos: era a contradicção dialectica da vida. Não voavam como as aves e os insectos; nadavam; mas não passavam do salto á correria; e assim viam-se vencidos nas lutas abertas contra os seus rivaes de todas as especies.

Não mais que os frutos e as raizes, matando-lhes a fome, mantinham o animo novo de que ainda não sabiam servir-se nesses seculos de transição do quadrumano ao quadrupede. Aos dois, aos cinco, aos dez, varavam pela espessura devorando e devastando. E á frente sempre: a volta era condição de penuria. E si o bando irradiava antes das novas estações, era a miseria em derredor que os aguardava. As trilhas da grei arrasavam-se como batidas pelo vendaval. Só a pilhagem lhes era condição de sobrevivencia.

As poderosas outras feras, as grandes aves e os pequenos sêres, em torno do Bimano, viviam a vida esplendida e livre da floresta, dos descampados e das ribas onde vicejavam flores e pendiam frutos e onde passaros e insectos, reptis e batrachios pullulavam ruidosos e alacres, sensuaes e gulosos, creando, pela própria actividade devoradora, a fartura e a multiplicação dos pomos e dos grãos. Em torno a essas vidas creadoras de vidas, o Bimano caia victimado ás garras brutae dos carnivoros sanguissedentos e temerarios.

Mesmo aqui e ali, quando o Bipede resistia e vencia, em nada lhe aproveitava o impeto victorioso. Era mais uma devastação a se juntar a tantas que elle fazia em suas expedições economicas em redor dos barrancos empedrados.

Pesado ainda, preso ainda pela recordação ancestral do anthropoi-

de originario, nem sequer sabia imitar as chusmas erradias e as revoadas expeditivas daquelles que buscavam em regiões cada vez mais distantes o alimento e o clima proprios á vida e á reproducção.

E passaram-se, a seguir, seculos, antes que o grupo se ajuntasse em horda e se arrojasse além do rio para regiões onde nascia o Sol e onde morria a Lua, donde soprava o frio estimulante, ou a frescura reinasse.

Quando o Bipede partia sózinho ou seguido da fema e do adolescente amedrontado, preso aos pellos da mãe vigorosa, era para não mais voltar. Ora caia nos atoleiros, ora despencava dos rochedos; ora as fauces do tigre, a pata do urso, o dente da serpe ou mesmo a funda do anthropopiteco enfurecido abatiam-no para sempre. O que um ou dois ousavam, não ousavam a familia e a grei. Só a fome levou o Pitecanthropo á arrancada decisiva, ao abandono das furnas, dos rincões e das lapas onde vivia abrazado ou a tiritar de frio ás intempéries.

E as intempéries nesses seculos remotos galopavam freneticas umas atraz outras, completando, a que vinha, a devastação da que fôra; acabando de trucidar os feridos; dizimando com incendios mattas inteiras que a avalanche das geleiras derribára. Era a geologia quaternaria.

O Bipede, porém, entregue aos instinctos de suas 24 horas, jamais pensara em combater por um lapso maior que o passado no refugio dos grotões escuros. O furor dos vendavaes era esquecido; só importava a pesquisa do fruto ou da raiz escapos da destruição. E tanta vez coube-lhe o complemento do desastre, succumbindo pela fome quando poupado ao frio ou mal-ferido ao fogo.

A natureza dominava tudo; tudo, numa inquebrantavel e dramatica e mortifera, desdobrava-se de polo e de oceano a oceano, abrangendo, numa inquebrantavel e dramatica igualdade o saurio gigantesco e o insecto minuscuro, a vegetação das rochas e os colossos da espessura; era-lhe indifferente o charco dos miasmas ou a collina dos vergeis, o anfracto brutal das cordilheiras

ou a planicie verdejante das gramíneas.

Os sêres vivos eram productos indistinctos de uma luta plurisecular; falavam do transformismo maravilhoso dos elementos primarios dos elementos primarios dos tres reinos, das formas que tentaram vida autonoma e que, por um prodigio de constancia, de ambiencia e de chimica vinham do batibio sem reino differenciado ao gigante sauriano e ao bimano ainda alalo e sem cauda.

Mas Caliban não tinha memoria dessa luta lendaria, ignorava as primeiras fórmulas flutuando nos oceanos aquecidos e as ultimas gerações a se balançarem nos galhos musgosos da mattaria impenetravel. A fome, imperecível determinação, fê-lo descer, acavernar-se e criar coragem para os assaltos á vida mais ampla dos vallados, das campinas e dos altiplanos. Não lhe importava maior defesa que a da vida miseravel, e precisamente porque era miseravel, desde o sol nascente ao sol poente.

Ainda pelo seu cerebro rudimentar e incompleto, os reflexos nervosos não se transmudavam em idéas, não se elaboravam pensamentos, não se fixavam imagens. Siquer, mesmo, via elle differença entre si e os cadaveres dos seus.

Quando o sibilo arrepiante do vento, como uma vaia, o acordava nas madrugadas tremendas das intempéries, ou si o estalido funesto das franças nos incendios o afastava dos bosques dizimados, ou o bramidos dos maremotos, esgrangalhando as penedias, enxotavam-no das costas piscatorias, Caliban, bem raro, sobrevivia ao cataclysmo desencadeado. De novo, outra vez, só no mundo immenso, recomeçava a pilhagem aos frutos e ás raizes, a correria aos pequenos mammiferos ou ás aves a que longas pousadias nos pantanaes degeneraram as azas libertadoras.

Então, a grei ia á tocaia e se disputava ao termo da correria entre si (mesma a caça que antes disputára á natureza inquietante, imparcial e severa. E a grei avançava, internava-se; seguia o curso das torrentes, transpunha os alcantís das seranias.

Cinema

Setimo Céu — (Seventh Heaven) — 20th Century Fox — Direcção — Henry King — A actual versão com Simone Simon e James Stewart nada fica a dever em delicadeza, em suavidade, em doçura á primitiva interpretação de Janet Gaynor e Charles Farrell.

Não me demorei em examinar o trecho da produção, por demais conhecida de todos os «fans». Direi somente que a direcção de Henry King mantém intactas as qualidades já reveladas em uma serie de obras inesquecíveis.

Direi ainda que todos aquelles que se quizerem convencer de que a graça se manifesta nos lugares mais inesperados e que os verdadeiros humildes encontram exaltação mesmo entre os horrores deste mundo, não deixarão de rever *Setimo Céu*.

O amor do odio — United Artists. — Um film baseado na revolução russa, com todas as dramaticidades que o genero requer: exodo das populações, bombardeios, fuzilamentos em massa, julgamentos summarios. Uma ou outra sequencia accetavel. Uma vida russa profundamente convencional, sem nenhum esforço de penetração.

Interessam um pouco os movimentos terroristas que precederam a revolução de 1914. E' bem verdadeira a angustia dos poderosos, dos ministros, das «Excellencias» com a vida sempre presa á bomba dos extremistas Marlene Dietrich e Robert Donat fazem o que podem para justificar o titulo do film.

Lucrecia Borgia — Direcção Abel Gance. — *Lucrecia Borgia* pertence bem á especie de assumptos que convêm a um temperamento como o de Abel Gance. A uma imaginação exaltada, dada ao grandioso, ao enorme, nada mais adaptado.

Com o tronco, que a correnteza arrastava, levando sobre si os iguanos e os batrachios, Caliban se deixou levar tambem rio abaixo numa grande aventura de esfomeado e de cobarde. E os seculos e os seculos...

Hoje, o Pitecantropo social existe com a recordação avoenga da primeira coragem da chusma; lembra-se nos meandros da infra-consciencia a pilhagem impune, não mais dos frutos e dos grãos, mas já dentro do progresso que fez na batalha economica, o progresso da junção em horda, os saqueios do festim que, com o sangue da victima ocasional, tinha ainda o suor do corajoso irmão. A horda traz na consciencia o negro das alfurjas e o verde suspeito das remotas brenhas.

DOMINGOS RIBEIRO FILHO.

Por mais que historiadores benevolentes queiram encontrar grandeza na obra dos Borgias, não se pode deixar de considerar esses entes decahidos a mais perfeita encarnação da besta por ventura surgida entre os homens. Mas a besta de forma humana tem o que quer que seja de mais pavoroso. Para ser uma besta, diz Nietzsche, é preciso ser innocente.

E é essa falta de innocencia, de inconsciencia na pratica do mal, que exaggera a monstruosidade dos Borgias.

Entes entregues a todos os impulsos da Natureza sem o mais tenue lampejo da Graça.

Cezar Borgia, por si só, vale por uma cidade inteira de peccadores, e escapa absolutamente ao conceito de homem.

O film com todos os seus defeitos, com todos os exaggeros que apresente, tem uma alta significação educativa: deixar inalterada no espirito ainda hoje aterrado dos homens a maldição que cobrirá eternamente esses ainda não igualados inimigos do genero humano.

Première — Ufa Art Films — Direcção Geza van Bolvary — O trabalho em questão é, para falar com propriedade, puro theatro filmado. Em grande parte um espectáculo apenas para os olhos e para os ouvidos, deixando o espirito perfeitamente intacto.

Ha nessa pelicula varios numeros de revista bastante interessantes. O numero dos tiros, por exemplo. O trabalho choreographico é muito bem dirigido, com um corpo de «girls» soberbo e bailados de marcação impeccavel. Mas cinema é uma historia muito diferente...

Comtudo o assumpto de *Premiere* é digno de attenção. Toda a acção da peça prende-se a um crime commettido durante um espectáculo theatral.

O film apresenta uma serie de acontecimentos paralelos. De um lado age a policia cujo representante, o Dr. Helder, assiste o espectáculo não mais como amator de theatro, mas como autoridade, submettendo os artistas ao mais rigoroso inquerito, realizando com os technicos policiaes collocados na gabinete do director theatral as mais minuciosas pesquisas, sem perturbar absolutamente o espectáculo.

De outro lado estão os espectadores applaudindo, deliciando-se, sem suspeitar nada da tragedia que simultaneamente se desenvolve nos bastidores.

Os artistas revelam um extraordinario dominio de si mesmos. Embora presas da maior agitação interior, são obrigados a controlar-se para não deixar transparecer o que o publico ignora.

Como em magnificos outros films germanicos ha em «*Première* um homosexual. Uma serie de «gags» gyra em torno do contra-regra. Ora é um que colloca uma lampada na cadeira em que elle vae sentar-se, ora é uma corista que está se vestindo e que não tem vergonha de que elle entre no camarim: ainda se fosse um homem... Sem falar nos rebolados, nos tregeitos do homosexual typico.

A homosexualidade é o grande peccado do povo allemão. A necessidade de punição explica essa encarnação do invertido num typo ridiculo, despresivel, bode expiatorio de todas as peças que lhe pregam os companheiros.

Charlie Chan nos Jogos Olympicos — 20th Century Fox — Charlie Chan depois de fixar-se no typo de detective chinês tornou-se profundamente interessante.

E' uma figura bastante sympathica, apesar da sua fealdade.

Nada como o seu raciocinio frio diante dos mais tragicos acontecimentos.

Embora sueco, talvez chinês algum agisse com tamanha serenidade em circunstancias por vezes tão embaraçosas.

Quem quizer acompanhá-lo atravez das mais bem conduzidas illações e segui-lo na pista do mais mysterioso dos crimes não deverá perder essa oportunidade.

O ultimo trem de Madrid (The last train from Madrid) — Paramount — Direcção — James Hogan. — E' um film bem montado, revelando um director habil no manejo da linguagem do cinema. As sequencias se encadeiam com facilidade, harmonicamente, revelando bom trabalho de composição. Estas scenas, como a da multidão que quer fugir do inferno de Madrid no ultimo trem, a da morte da moça na carroça que se dirige para a estação e o final abalam bastante a nossa sensibilidade.

A atmospha de terror, de ferocidade, de odio, de um paiz em guerra civil é perfeita.

As graças do reporter americano, que se embriaga a toda hora, sobram no film.

Os tremendos dramas individuaes, que o grande drama colectivo envolve na sua sombra, estão luminosamente postos em evidencia.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

Collecções encadernadas do

BOLETIM DE ARIEL

COM O INDICE DE ARTIGOS E CITAÇÕES

Temos á venda collecções de todos os annos

Preço do volume encadernado 40\$000

Pedidos a

ARIEL EDITORA LTDA.

Rua 7 de Setembro, 162-1.º and.

RIO DE JANEIRO

Situação do Mercado de Cellulose e do Papel Jornal

Conforme telegrama particular de 11 de Maio ultimo, foi decidido na ultima reunião da Associação das Fabricas Europeas de Cellulose (que, aliás, trabalha intimamente ligada á associação congénere do Canadá) que o accordo actual entre as fabricas de cellulose continuará em vigor até 1941. Foi tambem accordado que a mesma politica em relação aos preços deve ser seguida, o que significa que se pode contar, com absoluta certeza, que não haverá tão cedo

a reacção esperada e annunciada por muitos, seja qual for a situação politica da Europa.

Citamos abaixo os preços actuaes referentes aos contractos para embarques no proximo anno, e, para um estudo de comparação, mencionaremos tambem aqueles preços, completamente arruinadores para a industria da cellulose, que regulavam em 1936, antes que as medidas tomadas pela Associação de Cellulose tivessem produzido os seus effeitos na situação do mercado.

Para embarque em:

	1938	1936
Cellulose de pinho branqueada	£ 22.10.0.	£ 12. 2.6.
Cellulose branqueada aspen	£ 23. 0.0.	£ 12.10.0.
Cellulose crua	£ 16. 0.0.	£ 8. 2.6.
Pasta mecanica branca	£ 9. 5.0.	£ 5. 5.0.

Convem frizar que a situação das fabricas de cellulose, em relação aos embarques de 1938, é muito favoravel porque já estão vendidos, aproximadamente, 50 % da produção. Além disto, ha uma procura sempre crescente de cellulose branqueada por parte dos fabricantes de seda artificial. Por este motivo muitas fabricas de cellulose sulphite crua ampliaram as suas installações com uma secção de alvejamento, produzindo assim cellulose alvejada para seda artificial, que alcança preços mais favoraveis do que o conseguem os typos consumidos na industria de papel. Como não houve, e não ha presentemente, novas fabricas de cellulose crua em construção para aquellas que passaram a fabricar cellulose alvejada, existirá, nestes proximos annos, provavelmente, certa falta de cellulose crua, o que, aliás, já é patente pelo aug-

mento, proporcionalmente maior, do preço deste typo de cellulose, conforme é facil vêr pelas cotações indicadas acima.

O motivo principal destes aumentos durante os ultimos doze mezes é, sem duvida, um resurgimento mundial dos negocios, principalmente nos grandes centros de consumo como a Inglaterra, os Estados Unidos, etc., o que tem motivado uma procura sempre crescente de materia prima. Outro facto que tambem tem influido é, naturalmente, o grande consumo de cellulose nas industrias novas como a industria de seda e lã artificial e papel celofane e outros productos semelhantes, inclusive para fins militares (nitro cellulose). O consumo augmentado de cellulose na industria de seda e lã artificial nota-se pelo seguinte quadro que demonstra a produção mundial, em toneladas, nos ultimos annos:

	1928	1934	1935
Seda artificial	166.000	—	428.000
Lã artificial	—	24.600	74.000

A mesma escala crescente na produção de seda artificial, industria que trabalha, quasi exclusivamente, com cellulose branqueada.

Até os preços do papel jornal em bobinas, 52/54 grammas aspero, commum, demonstram a mesma tendencia, e podemos citar o seguinte: — Para quantidades grandes — embarques mensaes —

	Abril 1936	Dezembro 1936	Para embarque em 1938
	£ 7.14.6.	£ 10.10.0.	£ 13.15.0.

Estes preços são CIF Rio de Janeiro, por 1.000 kilos e estão baseados em contractos effectivamente realizados. Podemos tambem citar que certas fabricas de papel jornal ainda não querem offerecer sua produção de 1938, porque consideram que ainda não tem os necessarios elementos para bem julgar o mercado de sua materia prima, e preferem esperar a comprometter-se com preços que, sendo considerados altos agora, ainda assim talvez

não sejam sufficientes para cobrir o custo da materia prima e deixar um lucro razoavel. Outras fabricas com orientação diferente já estão dispostas a acceitar pedidos na base acima mencionada, para embarques nos primeiros 6 mezes de 1938, não tomando entretanto qualquer compromisso de fornecimento para a segunda metade do anno proximo.

* * *

Ultimas Novidades

ARIEL

Cyro Martins
SEM RUMO

Gastão Cruls
VERTIGEM
(2.^a edição)

A. da Silva Mello
PROBLEMAS
DO ENSINO MEDICO
E DE EDUCAÇÃO

José Simplicio
RETRATO
POPULAR DE
UM HOMEM

René-Albert Guzman
CIUME
5.^a edição
12.000 exemplares

Stendhal
DO AMOR
Traducção de
Marques Rebello
e Correia de Sá

Alberto Ramos
PROSAS DE ARIEL

NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

WALTER BARON O Irmão do diabo	3\$500	AFRANIO PEIXOTO As razões do coração	7\$000
ALMIRANTE ANTONIO ALVES CAMARA Ensaio sobre as construções navaes indigenas do Brasil	8\$000	HENRIQUE PAULA BAHIANA O Japão que eu vi	9\$000
CELIA RABELLO Os três amigos	4\$000	H. J. MAGOG Tres sombras sobre Pasis	5\$000
THALES DE ANDRADE Alegria	3\$000	M. DELLY O fim de uma Walkyria	4\$000
MOURA SANTOS O Pequeno escolar — 1.º	3\$000	PAULO SETUBAL Confiteor	6\$000
HENRIQUE RICCHETTI Infancia — 1.º	3\$000	GENOLINO AMADO Vozes do mundo	6\$000
LIMA FIGUEIREDO Oéste Paranaense	8\$000	HIPÉRIDES ZANELLO Aritmet'ca Primaria	6\$000
FLORENCE BARCLAY A Castelé de Shenstone	4\$000	EDGAR RICE BURROUGHS Tarzan o Invencivel	3\$500
PERRAULT Contos de Fadas	5\$000	SOUZA CARNEIRO Mitos africanos no Brasil	13\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL - Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes : CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 162—Rio de Janeiro—Rua da Imperatriz, 43 Recife-Pernambuco

A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

Telegrammas

OUVIDOR, 110
23-2389

JOLYMPIO

1. MARÇO 13
23-2831

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE SETEMBRO

Jorge Amado — CAPITÃES DE AREIA — romance	10\$000
Jorge Amado — JUBIABÁ — 2.ª edição — romanc	10\$000
Jorge Amado — PAIZ DO CARNAVAL — 2.ª edição — romance	8\$000
Plinio Salgado — CAVALEIRO DE ITARARE' — Romance — 2.ª edição	10\$000
Plinio Salgado — A Vóz do Oeste — romance — 2.ª ed.	8\$000
Plinio Salgado — O EXTRANGEIRO — romance — 3.ª ed.	8\$000
Amando Fontes — A RUA DO SIRIRY — romance	10\$000
Edison Carneiro — CASTRO ALVES	6\$000

NOVIDADES DE AGOSTO

Octavio de Faria — MUNDOS MORTOS — romance	10\$000
Valdomiro Silveira — MIXUANGOS — contos	7\$000
Oswaldo de Andrade — TEATRO	7\$000
Nelio Reis — SUBURBIO — romance	6\$000
Humberto de Campos — SEPULTANDO OS MEUS MORTOS — 2.ª edição	6\$000
LANTERNA VERDE N.º 5	10\$000
AUTOS DE DEVASSA DA INCONFIDENCIA MINEIRA N.º 5	5\$000

NOVIDADES DE JULHO

Abguar Bastos — SAFRA — romance	8\$000
Abguar Bastos — TERRA DE ICAMIABA — romance	6\$000
Abguar Bastos — CERTOS CAMINHOS DO MUNDO, romance	6\$000
Martinho Nobre de Mello — EXPERIENCIA — romance — 2.ª edição	10\$000
Theodoro Cabral — DICCIONARIO INGLEZ-PORTUGUEZ (Para commerciaes, industriaes, correspondentes e estudantes das escolas technicas e commerciaes), encader.	20\$000
Marcos de Souza Dantas — HISTORIA VERDADEIRA DOS MARCOS DE COMPENSAÇÃO	3\$000
Ignez Mariz — BARRAGEM — romance	6\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

RAYMOND MARCHARD

Conceberás 6\$000

LEWIS WALACE

Patrulha da Madrugada — Coi.

Sip 2\$000

VICTOR PAUCHET

Conservae a Mocidade 5\$000

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de re-
embolso. Peça instrucções. Envia-se
catalogo gratis.

LIVROS E PERIODICOS

VERTIGEM, romance — por *Gastão Cruls* — 2.^a edição, Ariel, Lta. — Rio de Janeiro, 1937.

Li, com crescente interesse de um folgo, este romance, cuja segunda edição constitue já para o autor uma homenagem inilludível do publico.

Não me fica mal dizer que conhecia, antes, o Sr. *Gastão Cruls*, mais pela sua brilhante collaboração em jornaes e revistas, do que pelos seus livros, entre os quaes dois ou trez em que a critica lhe reconheceu e consagrou superiores faculdades de contista e de romancista. Não sou litterato nem critico. Mal me chega o tempo para ler os livros e os estudos sociaes e economicos para que se voltaram, ha muito, as minhas attentões, no pouco tempo que me sobra dos trabalhos forçados do ganha-pão. Da produção intellectual brasileira, multipla e variadissima, o que mais raramente me chega são obras de litteratura estreme, e entre estas ainda mais a de ficção. São eilas tambem as que menos posso apreciar, com a secura da minha pobre e afadigada vida intellectual. Nem eu devia occupar-me dellas em publico e em uma revista da categoria litteraria e critica desta. Faça-o, porém, porque desejo que dellas haja noticia na imprensa portugueza. Noticia ao menos. Nem eu sou obrigado a mais.

Data de dois annos a minha leitura de alguns romances brasileiros novos. Os de *Gastão Cruls* só agora me chegaram, com a mensagem da sua sympathia, que affectuosamente retribuo.

Delle me ensinara *Agrippino Grieco* que nas letras brasileiras «é um bello caso de continuidade na sua apparente descontinuidade de inspiração e expressão» e que «ninguem patenteia mais unidade no bom gosto, na honradez de processos, na força nunca obliterada do talento».

Vertigem é um romance de costumes, escripto por um homem de sciencia que não sacrifica á observação e penetração clinicas, aliás denunciando-se admiraveis sob as preocupações do psychologo, a realidade dos seus personagens, todos do nosso tempo, alguns não só do Rio de Janeiro mas tambem de Lisboa, onde os caminhos da inquietação e da aventura por que debandam certas almas que o modernismo social perturba e enlouquece, depois de as artificializar, e falsificar se assemelham muito a certos desvairados rumos cariocas da *Vertigem*.

Gastão Cruls descreve e reproduz, como um medico e um psychologo, o que a vida social brasileira lhe offerece. Com uma naturalidade perfeita, sem fazer estylo e sem ter a preocupação cerebral da descrição artistica, elle a faz porque reproduz a vida, com simplicidade e humildade, dando a sensação exacta da realidade social e mundana que colheu em flagrante.

A algumas das figuras e dos ambientes em que ellas se movem, não faltam *similes* perfeitos em Lisboa.

O Dr. *Marcondes*, medico e professor com elevada paixão professional que sacrificou o pae de familia, e a mulher delle, pobre senhora com todos os effeitos

da falsa sociedade em que vive, frivola, exhibicionista, cheia de prejuizos e de franquezas, reduzindo a religião a uma forma de mundanismo que pratica com fervor e a solidariedade humana a uma virtude de *boudoir* rico, que muito a honra, são typos muito nossos conhecidos.

Tinham de sê-lo, portanto, os filhos desse casal em que o marido confia nas virtudes da mulher e esta na boa indole dos filhos, sem que o problema da educação delles e a sua preparação para a vida, tivessem sido, alguma vez, para pae e mãe, motivo de reflectida preocupação e de orientação definida e firme.

Os rapazes resvalam assim, a occultas, um na crapula amorosa, outro na bohemia ideologica. E as raparigas uma dá em juguete do marido — medico com muitas necessidades e poucos escrupulos, — e outra em uma noiva frustrada e saudosa do noivo que morreu, vindo mais tarde a consolar-se com a estima serena e madura de um americano abastado e divorciado.

Fora da familia *Marcondes*, *Vertigem* vive em roda de madame Santos Lima, Fuma amorosa ardente, infeliz no casamento, que chega a impressionar vivamente, até á paixão, o velho clinico e que este, dominando-se, tem de amparar em uma queda moral, audaciosa e theatral, com um italiano, apollineo de corpo mas de alma mais que envilecida.

Madame Santos Lima tem um marido apagado e triste e um tío politico, modelo de egoismo, tão sceptico como relaxado a quem a moral não faz falta nem no lar, nem na sociedade, nem no parlamento e que é o typo acabado do viderismo dominante.

A queda da estatural e voluptuosa Madame Santos Lima e o seu arrependido regresso ao lar, por um lado, e por outro o apparecimento de um cancro á senhora *Marcondes* fazem voltar os olhos e a alma do velho medico para a familia, de que insensivelmente se afastara, disposto, emfim, a corrigir-lhe os defeitos da educação descuidada e complacente que recebeu e da indole corrompida pelo ambiente social em que teve de mover-se.

Gastão Cruls não poz problemas para exercitar therapeutica social e receitar remedios aos males que diagnosticou. Não quiz mais do que reproduzir a verdade, do que pôr os responsaveis e as victimas da educação, de hontem e de hoje, ante as razões de insufficiencia e os vicios de ambos, na preparação da felicidade individual. Não caricaturou, nem condemnou. Explicou quando muito. E chamou a attentção. Explicou o enfraquecimento dos affectos interiores que sustentavam os lares antigos, contra certas incursões de immoralidade e cuja falta, em muitas familias dos nossos dias, as põe á mercê dessas incursões.

E como um moralista despretençioso, chamou a attentção para certos defeitos da estruturação familiar e pessoal da classe media, preferindo confiar nas possiveis reacções da sua consciencia e da sua intelligencia, do que provocar as do seu amor proprio ferido ou da sua vergastada insensibilidade apparente.

Não fariam mal certos pais e mães de familia, meus compatriotas, em ler *Vertigem*, cujo titulo não corresponde ao conteudo de serenidade do romance.

Vertigem não tem na verdade o significado psychologico, intenso e tumultuario, attribuido a palavra. Cinge-se mais, para o medico *Marcondes*, a sua intenção physiologica.

E de'la fica-lhe apenas a necessidade de evitar a sua repetição.

Só Madame Santos Lima, a alma frustada, se deixou envolver e dominar pela *Vertigem* de uma sensualidade escrava e passageiramente escravizadora da sua vida.

NUNO SIMÕES.

(Transcripto de *Seara Nova*, N.º 518, Lisboa, 17-7-37).

Valdomiro Silveira — *Mixuangos* — Liv. Editora José Olympio — Rio.

Sempre que alludem a Affonso Arinos, varios criticos nossos incidem em grave injustiça ao attribuir-lhe a prioridade em materia de sertanismo litterario. Evidentemente, Arinos foi o grade poeta da gente sem lettras, um paizagista que *Mistral* e *Pascoli* não repelliriam de seu convivio. Mas o escriptor que realizou o primeiro ensaio, que traçou o primeiro schema de prosa localista no Brasil, chama-se Valdomiro Silveira. Um tanto rude, sem diluir o thema em doguras de um bucolismo convencional, foi realmente o revelador dos nossos caboclos, o impressionante aguafortista de recantos barbaros de que os palradores da rua do Ouvidor não falavam sem arrepios de medo. *Bilac* admirava-o e *Euclides da Cunha*, que lhe deveu talvez o conselho inicial no sentido de esquecer a Europa e ir direitinho ao amago do Brasil brasileiro, não estampou o seu livro de estréa sem antes o haver lido a Valdomiro Silveira. Este continúa a mostrar-se tão despreocupado das grossas tiragens, das grandes vendas, das braçadas de flores da critica, que até para o seu ultimo volume arranjou um nome um pouco rebarbativo: *Mixuangos*. Mas queiram saber o que o titulo significa, percorram estas narrações em que uma vida sanguinea referve, e digam-nos se alguem conseguiria differençar com tal psychologia e arte as figuras dos nossos matutos, tão rudimentares á primeira vista. tão inexpressivas para os que em litteratura só se enthusiasmam ante os heróes e heroínas fataes dos grandes centros.

CIGARROS DE LUXO

HOLLYWOOD

LISOS OU COM PONTA
DE CORTIÇA

Maço — 1\$400

CIA. SOUZA CRUZ

TERRA DE LENDA

Maués. Uma das mais gratas recordações do Amazoas.

O peso dos annos já calcou a estrada do passado. Restam, porém, como nas sandalias do philosopho, finos grãos de areia, esquecidos pelo vento. E é dessa tenuíssima poeira, quasi imponderavel, mas irizada de todas as crôes da minha imaginação, que vejo ressurgir a terra que cochicha lendas, murmura phantasmagorias e cicia ensombrações.

Manhã clara, lavada de luz. Ceu caprichoso, com raros novellos de nuvens brancas correndo para o sul. A canôa faz-se ao largo. Remadas vigorosas e rithmadas impellem-n'a para a outra banda do rio. Estão lá as plantações de guaraná. A cidadezinha, atrás, vae tomando aspecto de brinquedo de menino rico. Capinhas amarellas, verdes, roseas, côr de tijollo, plantadas na areia e sombreadas de velhas mangueiras...

Passam garças ligeiras, em vôo baixo, riscando a superficie desenrugada da agua escura, quasi negra. De longe, uma «igarríté» que regressa da pescaria, tanto a carga lhe afunda o bôjo, parece um enorme saurio. Aproxima-se. Está muito perto. Tráz, em mistura, aos montes, soberbos pirarucús, tambaquês de meia centena de kilos, aruañas prateados, rotundos, — especimens dignos de um festim grego do tempo de Archiloco e Terpandro.

Ouve-se, perto, em differentes pontos, o repetido chap!... chap!... chap!... dos bôtos tucuxís, Andam aos pequenos bandos, aos mergulhos, disputando aos pescadores a melhor prêsa dos espinheis. Nilo, o proeiro, herculeo e bronzeado, descendente da mais nobre familia dos Paiquicés, conhece-lhes a subtileza dos disfarces e os ardís seducentes... — Olhe, «seu» doutor: bôto é gente. Acredite. A finada Eva, que Deus guarde, teve um filho, o Dico, que está em Manãos, sabe de quem?... Do bôto!

Manduca, outro remeiro, nascido no «furo» da Cotia, lá para os lados de Parintins, vae logo adeantando: — E' assim mesmo. Mas bôto não resiste chifre de unicornio. E' só cunhã usar que fica sempre honesta. E' conta a seguir, como exemplo, um facto que muito o impressionou.

Certa noite (dois mezes antes da per-versa fugir com o Moysés, o judeu «regatão») enquanto atacava a tarrafa uma «piracêma» de jaraquís, na praia do Araçazál, a mulher, cabocla moça e de bôa carnadura, só, na barraca, fôra assediada por um bôto transmutado em guapo rapaz. E quasi se perdeu, a pobrezinha. Salvou-a, entretanto, quando estava afrouxando a resistencia, quasi cedendo ás supplicas e ás promessas do cetáceo apaixonado, o milagroso appendice corneo...

Ainda não estão de todo amortecidas as ultimas palavras de Manduca, quando Chico Pereira, mulato zanago, trazendo um dente de jacaré preso ao cinturão, até então calado, interrompe a cadencia dos remos que vão golpeando rapidamente as aguas scintillantes e, levando a mão aberta em direcção ao poente, indica um grande vulto azulado, longe, a fluctuar. — E a ilha encantada, informa.

A ilha encantada... Já me fizeram sabedor de muita cousa a seu respeito. Momentos após a minha chegada, no dia anterior, o promotor publico, paquella sua bella voz abarytonada, em linguagem agaloada, como se estivesse arengando para o jury, affirmava ter visto, ali, uma formosa mulher, toda núa, dansando ao luar. Mas isso era bem pouco. Em Codó, cidadezinha que lhe serviu de berço, no sertão maranhense, havia coisa muito melhor. E, credulo, supersticioso, foi falando...

A sua guarda incumbe a um Tapiraiaua, especie de hypocampo terrivel e sinistro, semelhando, pela fereza, aos dragões dos contos mediévos, que defendiam princezas de rara belleza. Vive elle ás margens dos «furos» profundos e sombrios, de onde observa, talvez com muitos e desmesurados olhos, os audazes que, no silencio das noites tropicaes, tentam devassar os seus dominios. Nenhum viajor se afoita por aquellas paragens, depois do mergulho do sol, quando a sombra desce mansamente e a natureza parece adormecida.

Chico Pereira, a meu lado, como que justifica:

— Fáz seis annos em maio. Era mesmo dia da festa do Divino Espirito Santo. Vinha do Massaurá, com recado do coronel Felix. Passamos Luezia já ao anoitecer. Para ganhar tempo, pois contavamos alcançar a ladainha e o leilão, resolvemos viajar pelo «furo». Eu ia ao jamuman e o Roê-Guia, á prôa. A «montaria» era nova e ligeira. Estava muito escuro quando entramos. Só os vagalumes, de vez em quando com os seus pharoes verdes, illuminavam o caminho. O urutaú cantou duas vezes. Era agouro, na certa. Remavamos cada vez mais forte. Muito dentro, já, começou a trovejar perto de nós. Parecia que estavam a arrebrantar

morteiros no fundo d'agua. E a agua começou a ferver, a fazer maresia. Cheio de pavôr, gritei pelo companheiro. Não respondeu. A canôa, alága, não alaga. Parei de remar, então, e puz-me a rezar. Rezei, rezei muito, excommungando todas as artes das Mirongas. Não sei depois de quanto tempo de afflicção, lembrei-me da oração fôrte ensinada pelo padre Paulo, tempos antes, quando appareceu a defunta nhá Satá, que Jesus tenha... Foi só começar. E o barulho foi minguando, minguando até que, em pouco tempo, desapareceu completamente. O caldeirão das aguas tambem cessou. Chegámos em paz no rio grande. Foi ahi, então, na fraca claridade da noite, que olhei o bicho, já muito distante de nós. Tenho arrepios só em pensar no que vi! Era do tamanho de um navio e seguia, urrando, para a sua ilha encantada.

Por muito tempo, emquanto a canôa se aproxima do porto da casa do Ambrosio; naquella manhã de verão, olhos ao longe, vou pensando na indole simploria daquella gente rustica que acredita em amores de bôtos, sortilegios, encantamentos de ilhas e monstros aquaticos.

Dezembro. Nos guaranazes, milhões de olhos estaticos fixam a gente. Ha-os de todas as côres: pretos, castanhos, amarellos, azues, verdes.

O guaraná é herança dos Mundurucús, tribu guerreira e temida, hoje quasi extincta. Mas foram os Maués que nos deram a sua «historia», a lenda: — a primeira arvore brotou, por influencia de Tupã, dos olhos de um pequenino indio, morto por uma sortida do invejoso Juruparí, o espirito das trevas.

E' tempo de intenso trabalho. Colheita. Fabrico. Por toda parte ouvem-se convites, indagações. — Vamos apanhar pr'o Salomão, compadre? — Raymundo, tu não vaes á «pilação» do Faráco?

A colheita é monotona, quasi silenciosa. Não são raros os accidentes. As cobras, a tarantula e o escorpião têm desvelos frutos cubiçados...

A «pilação» é bulhenta, é alegre. Ha contentamento de sáfra abundante, de fartura, de desejos que vão ser satisfeitos... Homens, mulheres e creanças, em deliciosa promiscuidade, trabalham activamente.

Cessaram, com o sol posto, os trabalhos no barracão do Ambrosio. Noite. Momento de folgança. O baque surdo dos pilões é agora substituido pelas notas arrancadas ao «gambá», ao «tamborinho» e ao «caracaxá». O terreiro está fartamente illuminado pelo luar. Dansam todos em roda, o «veadinho», como, talvez, ha seculos, em plena mattaria densa, ao clarão das fogueiras, dansavam os seus antepassados tupís. E, emquanto gingam, vão cantando:

Veadinho, por ser corredor.

Veadinho, por ser corredor.

Caiu na matta — cachorro pegou!

Caiu na matta — cachorro pegou!

Ha um cheiro forte de terra moça e de seu suor.

Acaba de Aparecer:

A MÃO E SEUS SEGREDOS

de ARUS SAB

3.º Edição

ARIEL

DE LISBOA

Uma entrevista com Gilberto Freyre

O periodico «Humanidade», de Lisboa, em data de 15 de agosto ultimo, estampa a entrevista que o brilhante jornalista portuguez Paulo Braga obteve do sr. Gilberto Freyre, o illustre sociologo brasileiro, ora representando o Brasil, em missão cultural, no Velho Mundo.

Depois de analysar detidamente a figura e a obra de Gilberto Freyre, o entrevistador estampa as impressões do autor de *Casa Grande & Senzala* sobre questões sociologicas no Brasil.

OS ESTUDOS SOCIAES NO BRASIL

— Os estudos sociaes no Brasil — diz o sr. Gilberto Freyre — anthropologia e historia sociaes, sociologia, economia, folklore, psychologia e psiquiatria sociaes — vêm, com effeito, tomando um desenvolvimento notavel nestes ultimos annos, com o apparecimento de uma geração nova de pensadores e de investigadores. O proprio estudo das questões de lingua e grammatica, que era entre nós um verdadeiro byzantinismo, socializou-se e humanizou-se em trabalhos como os de Mario Marroquim, Renato Mendonça e outros...

O historiador da formação brasileira parece revêr todo um panorama litterario e scientifico de um paiz pleno de energias e que, seja no ambito da materia, seja

O «tarubá» capitoso é servido em cuias cheias, de vez em quando. O samba continua em requebros infernaes, bamboleios e movimentos que exigem a quasi desarticulação dos membros. O «gambá» ataca a «Onça»:

Olha a onça que pega!
Olha a onça que pega!
Não deixa pegar!
Não deixa pegar!

Em seguida vem o «Jacaré»:

Jacaré veio do fundo — boiou!
Jacaré veio do fundo — boiou!
Pagé chegou e elle afundou!
Pagé chegou e elle afundou!

No meio de grande excitação, vozes quasi roucas entóam o «Papagaio»:

Papagaio falador, denunciou!
Papagaio falador, denunciou!
Mas cunhã fugio, embaraçou!
Mas cunhã fugio, embaraçou!

Um par de namorados destaca-se furtivamente do circulo dos dançadores e, quando já está para alcançar a capoeira proxima, é descoberto!... O riso franco explode de todos os lados. Os coitados, cabisbaixos, envergonhados, vão ouvindo chufas como esta: — Eta, gente! «Nessakara»!...

A noite cede lugar á madrugada. Gallos clarinam. E o batuque continúa — Bam! Bam! Bam! — ouvido muito longe, até o alvorecer.

FREDERICO M. SCHMIDT.

no do espirito, constitue um dos estados mais progressivos do mundo. Ao ouvil-o, recordam-se as metropoles brasileiras, o Rio de Janeiro e S. Paulo, a cidade voluptuosa a beira do Gaunabana e a cidade dinamica das terras piratiningas; recordam-se os contingentes de colonos, imigrantes e aventureiros, caminheiros do sonho, da aventura e da curiosidade em busca dos eldorados de riquezas sem fim, chegando, procurando um pedaço de terra, uma casa, uma esmola ou uma mina de ouro, misturando-se, produzindo o amalgama originario de uma nova raça com os potenciaes latentes no sangue de muitas raças; recordam-se os portuguezes das margens do Minho, do Cávado ou do Ave, das serranias de Traz-os-Montes, das aldeias entre vinhêdos do Douro, das encostas da Beira, nas levas da emigração; recordam-se os escravos da Guiné, do Senegal, de Angola e do Congo, nas levas da escravatura negra; recordam-se italianos dos Abruzos, das margens do Tibre ou dos declives dos Alpes e hespanhoes dos vergeis da Galliza e das montanhas das Asturias e de Castella; recordam-se emigrantes que deixaram um dia de vêr o Dniepper, o Volga e o Danubio, emigrantes que conduzem na alma as paizagens de Yokoama e Tokushima, emigrantes dos valles e das planicies verdes da China, emigrantes de todos os estados de alma... E pensa-se no mundo de suggestões que um paiz como o Brasil pode dar ao génio dos seus intellectuaes.

Mas a visão do Brasil com as suas cidades e a sua gente apaga-se um pouco. Gilberto Freyre volta a falar:

— A psiquiatria social tem cultores illustres como Ulysses Pernambucano, cujos estudos sobre doenças mentaes entre negros e mestiços brasileiros são dos mais interessantes. A psychologia social tem Arthur Ramos, o conhecido especialista em questões afro-brasileiras, e Sylvio Rabello, que vem preparando um estudo minucioso: a psychologia do folklore e da arte popular em certas regiões do paiz. Nos estudos de anthropologia cultural destaca-se pelo seu alto espirito scientifico a profesora Heloisa Alberto Torres, da Universidade do Districto Federal e do Museu Nacional, dirigido por tanto tempo e com tanto proveito para a sciencia pelo sabio anthropologista Roquette Pinto, autor de um dos livros mais notaveis que já se escreveram no Brasil: *Rondonia*. Nos estudos de historia social, sociologia, philosophia social, ethnographia e folklore destacam-se, dentre os mais novos, Sérgio Buarque de Hollanda, Olivio Montenegro, Estevam Pinto, Almir de Andrade, o segundó Affonso Arinos, Joaquim Ribeiro, Octavio de Faria e Djaçir Menezes.

— O papel desempenhado pela Escola de Pernambuco?

— O «movimento do Recife» vem, de facto, contribuindo para essa renovação, com obras, pesquisas e iniciativas de interesse scientifico ou artistico. Mas deve-se destacar tambem o trabalho verdadeiramente admiravel do departamento de cultura da Cidade de S. Paulo, dirigido pelo escriptor Mario de Andrade, que

é um folklorista orientado por espirito scientifico e o maior especialista brasileiro em assumptos de musica popular.

— A vida intellectual de S. Paulo?

— Mario de Andrade, Sergio Milliet, Rubens de Moraes e varios outros vêm desenvolvendo um esforço notavel em S. Paulo, que tem outro centro de renovação e socialização de cultura na sua Universidade, especialmente num dos seus directores, que é tambem o director da conhecida collecção *Brasiliana*: o illustre sociologo e educador Professor Fernando de Azevedo.

— A acção governamental acompanha estas ansiedades renovadoras da intellectualidade brasileira?

— Sim. Outro trabalho interessantissimo é o que vem realizando, prestigiado pelo Ministro da Educação, o director do nosso Serviço de Patrimonio Artistico e Historico Nacional, o dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade.

O INTERESSE HUMANO E SOCIAL NA ARTE

O director do Serviço de Patrimonio Artistico e Historico merece do dr. Gilberto Freyre os maiores elogios. E temos de concordar com elles. Nós, portuguezes, e, como nós, quasi todos os europeus, ainda não comprehendemos bem a acção que na educação das massas desempenham os museus com dynamismo, os museus socializados — *le museum vivant*. Habitua-mo-nos ao museu estatico, onde o fundo humano e social que concede a tudo que se cria um sopro de esthetica eternidade é quasi posto de parte. E por isso se esquece sempre a mais genial das artes: a arte popular em todas as suas manifestações.

No Brasil... Diz-nos Gilberto Freyre: — O Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, em vez de limitar-se á conservação e resguardo dos objectos de arte mais elegante e de historia simplesmente politica e militar — espadas de generaes illustres, joias de baronezas do tempo do Império, cadeiras nobres de capitães-mores ou de bispos coloniaes — vem procurando estudar tambem as expressões mais populares da arte brasileira, tantas dellas não só de valor esthetico mas tambem de profundo interesse social e humano.

— A repercussão do movimento renovador da mentalidade brasileira no Rio de Janeiro?

— E' interessante a acção da Universidade do Districto Federal, de que é Reitor o Dr. Affonso Penna Junior e onde se vem igualmente realizando obra de renovação e de socialização de cultura. Tem entre os seus professores varios cientistas e intellectuaes notaveis das novas gerações brasileiras, um delles o Dr. Prudente de Moraes Netto.

— Quanto á mocidade brasileira?

— Entre os estudantes, é admiravel o espirito de cultura desinteressada de fins immediatos ou simplesmente profissionaes que os anima. Na Universidade do Districto Federal fundaram-se ultimamente duas sociedades de professores e estudan-

tes, que eu quizera ver articuladas a sociedades semelhantes de universitários portugueses: o Centro de Estudos Historicos, com Eremildo Vianna, Guy de Hollanda e outros, e o Club de Sociologia, com a professora Heloisa Alberto Torres, José Bonifacio Martins Rodrigues, Iva Weisberg e outros professores e estudantes.

OS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Pode-se, até certo ponto, dizer do dr. Gilberto Freyre o que Gilberto Freyre disse, num dos seus artigos do *Diário de Pernambuco*, de Mrs. Shelvon:

—... sua conversa é fascinante: gossip do mais puro.

Como Mrs. Shelvon, uma ingleza velhinha, dura, secca e esperta, que viajou muito pela Africa e aprendeu o *abc* com Washington Irving, que conheceu Gladstone, Mark Twain, Liszt, Emerson, Huxley, Darwin, Holmes e Zola e que traduziu para o inglez, a pedido de Victor Hugo, obras varias da litteratura franceza, Gilberto Freyre é um conversador admiravel. Mrs. Shelvon declarara ter visto, deitado na relva, deliciado, o cientista Huxley a ler uma novella barata e que Darwin não acreditava na possibilidade dos aeroplanos. Quantas coisas curiosas nos conta, tambem, Gilberto Freyre! Por isso, o jornalista prolonga a entrevista e esquece que o jornal tem sempre limites. Depois recorda o afro-brasilismo e o desenvolvimento dos estudos a elle referentes no Brasil. Por fim, faz uma pergunta:

— Sobre os estudos afro-brasileiros?

— Iniciados nos fins do seculo passado pelo velho Macedo Soares e pelo notavel cientista que foi Nina Rodrigues, tomaram ultimamente grande desenvolvimento — principalmente com os trabalhos do Prof. Arthur Ramos e do Instituto Nina Rodrigues e com o I. Congresso Afro-Brasileiro, que se reuniu no Recife em 1934.

— A sua eficiencia?

— Foi notavel. Ao Congresso do Recife apresentaram trabalhos eminentes especialistas brasileiros e estrangeiros. Foi uma iniciativa que, pelo seu interesse intellectual e scientifico, attraiu as melhores atenções, e da qual resultaram dois volumes de estudos anthropologicos, historicos, sociologicos, etc., além de depoimentos valiosos sobre a situação do negro e do mulato no Brasil e de uma exposição de arte popular afro-brasileira. E já se reuniu o II. Congresso na Bahia.

Uma outra pergunta:

— Existe um problema racial no Brasil?

— Embora existam ainda preconceitos de cor entre nós, e até *arianistas*, não se pode falar num problema de raças num paiz que se caracteriza pelo que, em linguagem sociologica, se chama «mobilidade social». Perdõe o pedantismo da expressão... Mas a verdade é esta: cada dia os homens de cor differente se entendem melhor no Brasil.

E após um momento de concentração:

— Creio que este é um dos aspectos mais sympathicos e mais christãos da formação social brasileira. Aliás, creio que é um traço commum ás sociedades da America, da Africa e da Asia onde predominou a colonização portugueza e

Musica

O acontecimento mais notavel deste mez, depois da apresentação cada vez mais impressionante das ceanças cantoras de Villa Lobos no dia 7, foi o concerto de Pablo Casals na Cultura. Escreveo ainda sob a impressão dessa noitada excepcional, e até este momento, ao que me consta, não ha a menor perspectiva de recital publico do maior dos violoncellistas. Acho que, depois disso, dizer-se que o carioca é um povo atavicamente musical, torna-se um despropósito. Não ha a menor duvida que a Cultura pode orgulhar-se de possuir entre os seus quasi mil associados, os elementos que mais cultuam á musica nesta grande provincia. Sciente das suas responsabilidades, essa associação nos vem dando ha alguns annos os espectaculos mais finos que temos tido. Mas o que positivamente não se explica é que os seus socios, que comparecem ao Municipal em numero triplicado, dadas as facilidades do regulamento, e que não deixam de manifestar um delirio de entusiasmo quando o artista tem valor, retirando-se elegantemente no meio da função quando levam uma espiga accidental, esses socios, repito, aos quaes não falta bom gosto, se contentem não raro com unico recital. Foi o que aconteceu, por exemplo, com um casal de pianistas inglezes que aqui estiveram não faz dois meses. A desconfiança natural do publico deante de um recital a dois pianos annullou-se por completo na estréa proporcionada pela Cultura; os applausos foram escandalosos. Pois muito bem, esses mesmos artistas deram pouco depois mais dois concertos com a sala quasi vazia. Será que os socios da Cultura limitam as suas ambições musicas a uma noite por mez? Esses dois mil e tantos «afficionados», accrescidos de mais alguns avulsos, não constituem publico sufficiente para mais um ou dois recitales de homens como Casals? Será uma questão de parcimonia?

a propria sociedade portugueza europea é um dos elementos de aproximação entre essas varias sociedades.

— De aproximação...?

— De aproximação, podemos dizer, psychologica, sentimental, moral.

— Quanto á aproximação, intellectual?

— Deve haver causas, ainda mal estudadas, do quasi nenhum conhecimento da nova cultura brasileira em Portugal e da nova litteratura portugueza no Brasil. Mas essas causas devem ser investigadas com vagar e cuidado e afastadas, se for possivel.

— Tarefa difficil?

— Não é problema para ser resolvido de improviso, com discursos ou com entrevistas. É tarefa que me parece caber principalmente ao Instituto Luso-Brasileiro de Alta-Cultura, que muito pode fazer nesse sentido...

E a terminar:

— Aliás, já outras organizações e, isoladamente, varios intellectuales illustres, em Portugal e nas colonias e no Brasil, vêm concorrendo para essa aproximação.»

Mas voltemos ao violoncellista com um pouco da sua biographia. Pao Casals, como dizem os seus patricios catalães, nasceu em Vendrell a 30 de dezembro de 1876, tendo como pae um professor de piano e organista. Estudou a principio violino, trocando-o logo pelo violoncello, onde manifestou logo o seu talento, a ponto de três annos após haver começado a estudar-o, terminar o curso com brilhantismo. Passou desde então a dar concertos pela Hespanha, e pouco depois arranjou uma subvenção e partiu para Bruxellas, e logo em seguida Paris, onde não tardou a ser o primeiro violoncellista da orchestra Lamoureux. Abandonou mais tarde esse posto por motivos de saúde, e, depois de algum repouso na terra natal, começou a correr mundo como concertista dos mais bem recebidos, sendo considerado hoje dos poucos que ainda conseguem encher litteralmente uma sala na Europa. É considerado como fundador de escola, revolucionando todos os methods anteriores, e introduzindo nos programmas do seu instrumento a norma do bom gosto que exhumou os classicos, e baniu o virtuosismo de difficuldades apparentes. Teve discipulos que hoje são mestres, entre os quaes Gaspar Cassadó. Além disso é chefe de orchestra, tendo conseguido em 1920 realizar o seu grande sonho, com a fundação da «Orchestra Pau Casals» em Barcelona. Dizem as más linguas que nella desperdiçava o que ganhava com os seus recitales de violoncello. Mas a verdade é que Casals sabe ser tambem um grande maestro, e embora não o conheçamos directamente sob esse prisma, provam-no as obras que elle tem gravado em disco, como as «Variações sobre um thema de Haydn» de Brahms. Notavel ainda é a sua associação com Cortot e Thibaud, formando o mais admiravel dos trios da actualidade.

No recital do dia 13, Casals deu-nos um programma respeitabilissimo, composto da Sonata em Lá maior de Beethoven, Suite em ré menor de Bach, Suite em estylo popular de Schumann e Sonata em dó de Hayden, além de numeros extras concedidos sem reluctancia. Qualquer apreciação a respeito seria superflua. Embora não seja mais um moço, Casals paira ainda acima da critica.

C. DE S.

« RUY »

O sr. Oswaldo Paixão, que tem sido entre nós um brilhante estylizador do pamphleto á moderna, fez-se agora o editor e redactor unico de um vibrantissimo periodico intitulado *Ruy*. Nome bem curto, uma syllaba apenas, mas bem cheio de significação para os que amam a litteratura combativa e amam, acima de tudo, a combatividade que procura apoiar-se na cultura. Na revista do sr. Oswaldo Paixão, a palavra «Ruy» figura numa bandeira, como quem diz ser o nome de Ruy uma bandeira. Certamente não existe melhor patrono para um jornalista avesso a mordanças e compressões de qualquer especie. Todo um programma de defesa á intelligencia se concentra nesse titulo incisivo.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Joaquim Nabuco — PENSAMENTOS SOLTOS — Civilização Brasileira — Rio de Janeiro.
- Macario de Lemos Picanço — HUMBERBO DE CAMPOS — Minerva Editora — Rio.
- Lima Figueiredo — OESTE PARANAENSE — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- Nelio Reis — SUBURBJO — Romance — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Genolino Amado — VOZES DO MUNDO — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- A. Tenorio D'Albuquerque — INTEGRALISMO, NACISMO E FASCISMO — Ed. Minerva — Rio.
- Almirante Antonio Alves Camara — ENSAIO SOBRE AS CONSTRUÇÕES NAVAES INDIGENAS DO BRASJL — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- Haroldo Paranhos — HISTORIA DO ROMANTISMO NO BRASJL — Cultura Brasileira — S. Paulo.
- Peiocto da Silveira — VERSOS QUE A GENTE FAZ — Bello Horizonte.
- Brigido Tinoco — ALVORADA E RESURREIÇÃO — Rio.
- Jacy Rego Barros — DA ESCOLA AO MANDO — Livraria Educadora — Rio.
- Orlando M. Carvalho — O MUNICIPIO MINEIRO EM FACE DAS CONSTITUIÇÕES — Sociedade Amigos do Livro — Bello Horizonte.
- Edison Carneiro — CASTRO ALVES — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Felix de Carvalho — A CASA ASSOMBRADA — Comedia — Rio.
- Fran Martins — PONTA DE RUA — Romance — Irmãos Pongetti Editores — Rio.
- Martins d'Alvarez — MORRO DO MOUNHO — Romance — Irmãos Pongetti Editores — Rio.
- Almirante Henrique Boiteux — ANNITA GARIBALDI — Rio.
- Exupero Monteiro — TRIO — Aracajú.
- Alfredo Ellis Junior — A EVOLUÇÃO DA ECONOMIA PAULISTA E SUAS CAUSAS — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- Osvald Andrade — THEATRO — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Jorge Amado — CAPITÃES DA AREIA — Romance — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Nicolas Ségur — A IMPURA — Civilização Brasileira — Rio.
- Baudelaire — PEQUENOS POEMAS EM PROSA — Athena Editora — Rio.
- Suetonio — AS VIDAS DOS DOCE CESARES — Athenas Editora — Rio.
- Beccaria — DOS DELICTOS E DAS PENAS — Athena Editora — Rio.
- Lucien Biart — O SEGREDO DO MESTIÇO — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- Dr. S. M. Neuschlosz — LA FISICA CONTEMPORANEA EN SUS RELACIONES CON LA FILOSOFIA DE LA RAZON PURA — Libreria y Editorial Ruiz — Cordoba — Argentina.
- Prof. Gregorio Maranon — A EVOLUÇÃO DA SEXUALIDADE E OS ESTADOS INTERSEXUAES — Oscar Mano & Cia. — Rio.
- Souto da Casa — GRAÇA PLENA — Rio.
- Mario da Silva Brasil — ELEMENTOS DE GEOPHYSICA — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Florence Barclay — A CASUELLA DE SHENSTONE — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- Romualdo Brughetti — 18 POETAS DEL URUGUAY — Soc. Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.
- Somerset Maugham — HISTORIAS DOS MARES DO SUL — Liv. do Globo — Porto Alegre.
- Olo Flake — A REVOLUÇÃO FRANCEZA — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Pearl S. Buck — CHINA, VELHA CHINA — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- J. H. Rosny Ainé — A FORÇA MYSTERIOSA — Liv. do Globo — Porto Alegre.

- Clovirio Terbo — VERSOS AUREOS DE PYTHAGORAS — Rio.
- «RUY» — Pamphleto de Osvaldo Paixão — Numero 1 — Rio.
- REVISTA DE CULTURA E TECHNICU — Anno I — Numero 1 — Rio.
- BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS HISTORICOS — Fasciculo III — Rio.
- Simão Ferreira Paez — AS FAMOSAS ARMADAS PORTUGUEZAS — 1496-1650 — Manuscripto reproduzido e traduzido pelo Capitão de Fragata Didio Iratym Affonso da Costa — Ministerio da Marinho — Rio.
- ANNALES DE LA ENSEÑANZA SECUNDARIA — Universidad de Buenos Aires.

Publio Dias — *Condições Hygienicas e Sociaes do Trabalhador dos Engenhos de Pernambuco* — Recife.

No seu periodo de academico, o sr. Publio Dias era sempre visto a entender-se com os livreiros aqui do Rio, á procura do ultimo volume de hygiene ou sociologia da Europa. Reintegrado agora em terras nortistas, estuda elle, numa directa indagação ao meio, as condições em que vivem os trabalhadores dos engenhos pernambucanos. Nenhum palavrorio demagogico e igualmente nenhuma sequidão de estricta monographia scientifica. O sr. Publio Dias, se extractou dos livros tudo quanto pudesse redundar em beneficio da região que o apaixonou, soube deixar a bibliotheca em tempo, e ir olhar a vida em cheio, como um irmão que nem por ser mais instruido se desprende das raizes de sentimento que lhe formaram a entidade moral. Seu opusculo, de boa sciencia, é tambem o depoimento de uma consciencia.

Souto de Casa — *Graça Plena* — Rio.

São evidentes as afinidades entre a maneira do sr. Souto da Casa (cremos que se trata de um pseudonymo) e o estro do grande Antonio Corrêa d'Oliveira. Afinidades, todavia, que não importam em submissão inintelligente. Apenas o autor deste livro indagou de si mesmo quaes os elementos essenciaes, as fontes de emoção, os temas campezinicos ou amorosos que levaram aquelle pantheista da Lusitania a igualar, num tempo de arida prosa, os melhores creadores de redondilhas do Portugal quinhentista. Verificou quaes eram esses motivos inspiradores e tratou de aproveitá-los numa interpretação ciosamente pessoal, originalissima quasi sempre, e até com um equilibrio de arte, uma perfeição de factura em materia de soneto, uma exactidão de rythmo que os lyristas dos Cancioneiros, por vezes absorvidos no puro sentimento, nem sempre revelam. As affeições familiares tomam grande espaço no livro do sr. Souto da Casa, mas com um superior interesse de belleza e com umas novidades de invecção oral que o tornam como que o primeiro aproveitador de muitos assumptos tão antigos e tão explorados quanto o coração humano.

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA:

de AGRIPPINO GRIECO

CARCASSAS GLORIOSAS

Satiras do momento literario, politico e social

PREÇO: 6\$000

Editora Livraria H. Antunes

O VALOR INTRINSECO DO PRESENTE

Quantas vezes, quando desejamos presentear a um ente querido, ou a uma pessoa amiga, se nos depara o dilema da escolha:

«Será que vai gostar? Eis o que nos perguntamos, intimamente. «Ah! isto elle (ou ella) já tem!» — «Este não!» — «Francamente, não sei o que dar!»

Todas estas são phrases comuns, a todos nós, quando vamos escolher um objecto para presente.

Talvez, por causa disso, é que um curioso em estatísticas teve a santa paciência de constatar o seguinte, sobre 100 pessoas que receberam presentes de um parente ou pessoa amiga:

50%, intimamente não apreciaram o presente.

30%, o apreciaram, momentaneamente, mas logo o relegaram ao esquecimento.

20%, apreciaram e conservaram o presente com carinho.

O mais curioso de tudo isso é que 11, dessas 20 pessoas que conservaram com carinho a lembrança, receberam livros, como presente! E note-se que um livro custa, proporcionalmente, menos que qualquer outro objecto!

Logo, constata ao pé da estatística, o paciente observador, «quem dá um livro agrada ao proximo!» Ainda mais se esse livro traz uma affectuosa dedicatória do offertante.

... porque não é o valor intrinseco do objecto como lembrança que pode agradar a quem o recebe!

Na escolha de um presente temos que ser psychologos, mesmo não o sendo!!! Um objecto pode recrear a vista; póde ser-nos util, materialmente, mas um objecto que recrée a alma e o espirito — só mesmo um livro!

... e o menos versado em psychologia, sabe o que uma moça gosta de lêr: um bom romance de amor, um bom livro de poesias. O menino: um livro de aventuras; a menina: um livro de contos; a senhora: um romance; o homem: uma obra que se enquadre em seu nivel de cultura.

Porque, então, não vulgarizamos o livro como presente, como troca de cortezia, em todas as occasiões necessarias: num anniversario, no Natal, no dia de Reis, etc., como é uso em outros paizes civilizados?

«Um paiz se faz com homens e livros», disse Monteiro Lobato.

... e nós concordámos.

... e todo bom brasileiro, que ame verdadeiramente sua terra, collocará um tijolo nos alicerces do futuro grande edificio que será o Brasil, no conceito das nações, vulgarizando o livro como presente, como troca de cortezia entre parentes e pessoas queridas!

CAMPANHA PELO LIVRO NO BRASIL

INICIATIVA DO

«SERVIÇO DE REEMBOLSO» da CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua Sete de Setembro, 162 — RIO DE JANEIRO



Um livro maravilhoso!

VIAGEM DE UM NATURALISTA AO REDOR DO MUNDO

de CHARLES DARWIN

Charles Darwin figura, com honroso realce, entre os maiores sabios do mundo. Aos 25 annos, já era scientista de solida reputação e os seus conceitos eram respeitados.

Com o seu excepcional poder de observação de que era dotado, aproveitando-se de todos os ensejos para estudar, para chegar a novas conclusões, Charles Darwin fez uma longa viagem a bordo do Beagle. Esteve em dezenas de paizes. Visitou centenas de cidades. Estudou os costumes, os aspectos, a natureza dos lugares, por onde excursionou, e escreveu um livro, em que, com linguagem amena, attrahente, forneceu-nos preciosos ensinamentos e em que ha paginas interessantissimas de observações sobre o Brasil, acerca dos nossos habitos, escriptas com sinceridade por um verdadeira sabio.

«Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo» é um excellente livro que instrue recreando, que nos leva ora a sorrir, ora a meditar.

Preço : Broch. Rs. 20\$000

Enc. Rs. 25\$000

ROMANCES CELEBRES

- Selma Lagerlof* — A LENDA DE UMA QUINTA SENHORIAL (Premio Nobel de Literatura) — Trad. de Araujo Ribeiro: Br. 6\$000
X. B. Saintine — PICCIOLA (Obra laureada com o premio Montyon) — Br. : : : : 6\$000

LITERATURA RUSSA

- Nicolau Gogol* — ALMAS MORTAS — Prefacio de Agrippino Grieco — Trad. J. L. Costa Neves, 2 vols. — Br. 12\$000
 TARASS BOULBA — Trad. de A. Tenorio D'Albuquerque — Br. 6\$000
Dostoiewsky — NETOTCHKA — Trad. de J. L. Costa Neves — Br. 6\$000

LINGUA PORTUGUESA

- Laudelino Freire* — ESTUDOS DE LINGUAGEM — Br. 6\$000

AUTORES NACIONAES

- Ignacio Raposo* — MESTRE CUIA — (Contos do Tempo da Escravidão) — Br. 6\$000
Origenes Lessa — O JOGUETE — Romance Br. 6\$000
Raul de Polillo — RETRATO VERTICAL DO BRASIL — Br. 6\$000
Martins Capistrano — MARA — Br. 6\$000

COLEÇÃO ARGONAUTAS

- F. E. Raynal* — OS NAUFRAGOS DAS ILHAS AUCKLAND — Obra premiada pela Academia Francêsa — Br. 6\$000
J. Bulkeley e J. Cummings — ULÁ VIAGEM AOS MARES DO SUL — Trad. de J. Carvalho Br. 6\$000
Charles Darwin — VIAGEM DE UM NATURALISTA AO REDOR DO MUNDO — Trad. de J. Carvalho — Br. 20\$000
 Enc. 25\$000

LIVROS PARA CREENÇAS

- Sylvia Autuori* — HISTORIAS DA CANDIMBA, contadas por Tia Chiquinha, n.º 1 — Enc. . . . 6\$000
 HISTORIAS DA CANDIMBA, contadas por Tia Chiquinha, n.º 2 — Enc. 6\$000
 HISTORIAS DA CANDIMBA, contadas por Tia Chiquinha, n.º 3 — Enc. 6\$000
 JOAOSINHO, O MENINO QUE SONHA, n.º 4 — Enc. 6\$000

DIVERSOS

- Agrippino Grieco* — PEROLAS — Br. 6\$000
A. Tenorio D'Albuquerque — HITLER: — Sua personalidade atravez de varias opiniões — Br. 5\$000
Ernold Benett — COMO FAZER-SE ESCRIPTOR — Trad. de J. Carvalho — Br. 6\$000

EDIÇÕES DA

CIA. BRASIL EDITORA

Rua Buenos Aires, 20, A-4.º — Tel. 23-4142 — Caixa Postal 3066 — RIO DE JANEIRO

QUATRO LIVROS NOTAVEIS

INICIAÇÃO CIENTIFICA

ARQUEOLOGIA GERAL — Anyone Costa (Do Museu Historico Nacional). — Neste livro o A. faz uma «escursão amena a territorios limitrofes com a arqueologia brasileira», alinhando para os espiritos curiosos, fatos e coisas da arqueologia e da prehistoria do resto do mundo. Iniciando a obra pela parte que diz respeito á America pré-colombiana, apresentou o seu autor um estudo tanto quanto possível claro, ilustrado com grande numero de gravuras, algumas delas, como ás referentes ás excavações promovidas pelo «Instituto Carnegie», as de Machú Pichú, a da ceramica do Arroyo de Leys, estudada recentemente por Felix Oútes, etc., ainda não divulgadas em livro. Da arqueologia greco-romana, da oriental e da européa, ha tambem o bastante para uma viva impressão de conjunto, capaz de esclarecer muita curiosidade ainda não atendida. Série 4.^a — Vol. 13.

Brochado 15\$000.

ATUALIDADES PEDAGOGICAS

PSICOLOGIA DA INFANCIA — Sylvio Rabello — O presente livro destina-se a todos que pretendem iniciar-se no estudo das ciencias da Educação. Não é, entretanto, desprovido de interesse para as pessoas que teem sob sua responsabilidade a formação das crianças nas primeiras idades, a sua orientação no sentido das condições individuaes e sociais, assim como o seu aproveitamento na comunidade humana. Pais; juizes de menores; pediatras; directores de abrigos, de crèches, de orfanatos, de escolas profissionais; mestras de jardim da infancia; professores; estudantes; etc. encontrarão nele o esclarecimento indispensavel a uma conduta menos tateante e mais racional. Serie 3.^a — Volume 23.

Brochado 15\$000.

A EDUCAÇÃO E SEUS PROBLEMAS — *Fernando de Azevedo* — A autoridade didatica do prof. Fernando de Azevedo dá-nos com esse novo volume a sua ultima palavra em aprimorados estudos e calorosos debates sobre os grandes

problemas de educação no Brasil atual. Destacam-se dessa obra os seguintes capitulos, cada qual estilizado pela mesma facêta com que o autor se fez uma das maiores sumidades pedagogicas do nosso tempo:

O problema da educação rural — A missão da Universidade — O Estado e a Educação — Política e Educação — Política contra a Educação — As lutas politicas e a Universidade — Política de Educação — A unidade nacional e a Educação — O idealismo na educação nova — Pela cultura e liberdade de espirito e outros estudos — Volume 22.

Brochura 10\$000.

ASPETOS DA CULTURA NORTE-AMERICANA —

Gilberto Freyre, Afranio Peixoto e outros — Desnecessario é dizer que um trabalho como este não pode ter intenção alguma de unidade doutrinaria. Escripto por colaboradores pertencentes a diversas crenças politicas, filosoficas e quiçá científicas, e tendo cada um elaborado a sua contribuição em completa independencia dos outros, resultou uma visão multifacetada do pais estudado. Caberá ao leitor reconstituir uma impressão de conjunto. E o seguinte o texto deste volume de cerca de 350 paginas em grande formato:

Helio Lobo — O direito publico desde a Constituição de Filadelfia. Artur Coelho — A imprensa. O cinema. Anisio Teixeira — A educação e a America do Norte. Heloisa Marinho — Vida Universitaria. Gilberto Freyre — Dois aspectos da moderna cultura americana. Francisco Venancio Filho. — A física norte americana. Adolfo Santos Junior — Nos dominios da eletricidade. Francisco de Sá Lessa — A evolução da química. Afranio do Amaral — O progresso da biologia. F. A. de Moura Campos — A fisiologia humana. Carlos Delgado de Carvalho — A sociologia na terra de Lester Ward. Armando de Godói — O urbanismo nos Estados Unidos. Geraldo Paula Souza — A evolução da saúde publica. Jáime Pereira — Condições atuais das ciencias medicas nos Estados Unidos. Gustavo Lessa — As vitorias do espirito de tolerancia. Noemi da Silveira Rudolfer — Esboço historico da psicologia nos E. Unidos. Afranio Peixoto — Porque não descobrimos a America.

Brochura 10\$000.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

EDIÇÕES DA **COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

Rua dos Gusmões, 118 — São Paulo

RUA 7 DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLEZIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registro correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são mininas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. indique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

Á ARIEL EDITORA, LTDA.

R. 7 de Setembro, 162 - 1.º andar — RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....
.....
.....
.....
.....

(Nome e endereço completo, bem legiveis)

.....
.....
.....

CYRO MARTINS

SEM RUMO

GASTÃO CRULS

VERTIGEM

(2.^a edição)

A. DA SILVA MELLO

PROBLEMAS DO ENSINO MEDICO E DE EDUCAÇÃO

JOSÉ SIMPLICIO

RETRATO POPULAR DE UM HOMEM

STENDHAL

DO AMOR

Tradução de Marques Rebello e Corrêa de Sá

RENÉ-ALBERT GUZMAN

CIUME (5.^a edição)

12.000 exemplares

Últimas novidades

ARIEL



COLLEÇÃO "SIP" MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS



CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO

